Rainer Daehnhardt

MISSÃO TEMPLÁRIA
NOS DESCOBRIMENTOS

LES TEMPLIERS ET LES
GRANDES DÉCOUVERTES

Rainer Daehnhardt

MISSÃO TEMPLÁRIA NOS DESCOBRIMENTOS

LES TEMPLIERS ET LES GRANDES DÉCOUVERTES

Publicações Quipu

Título:
Missão Templária nos Descobrimentos
Les Templiers et les Grandes Découvertes
Autor:
Rainer Daehnhardt
Capa:
Quadro que mostra por detrás da Rainha Santa Isabel
a transição da Cruz Templária para a Cruz de Cristo
Tradução para a língua francesa:
Circes International – Paris
Coordenação e Revisão:
Eduardo Amarante / Dulce Abalada
Ilustrações:
Colecção particular do Autor
Digitalização e Fotolitos:
Páginas Elétricas – Lisboa
Composição e Arranjo Gráfico:
Publicações Quipu
Impressão e Acabamento:
Printer Portuguesa
Distribuição:
HT–Distribuição e comercialização de produtos culturais
Rua Rodrigues Sampaio, 77 – 1150-279 Lisboa
Tel. (01) 352 90 06/08 • Fax. (01) 315 92 59

1ª Edição — Lisboa, Fevereiro 1999

ISBN 972-8408-09-9
Depósito Legal Nº 130 887/99

Publicações Quipu

ACERCA DO AUTOR

" O acesso à verdade histórica, ao modo como ela de facto se passou, é muito mais difícil do que se possa pensar. Torna-se necessário ler, não só nas entrelinhas, como integrarmo-nos na forma de pensar e agir do escritor na sua própria época, com os condicionalismos então existentes, assim como também ir buscar fontes contrárias, muitas vezes estrangeiras, para podermos ver os dois lados da questão

Rainer Daehnhardt é descendente de uma família de diplomatas e militares alemães radicados em Portugal há dois séculos. Tendo estudado na Alemanha e em Portugal, especializou-se numa temática invulgar: «O estudo da evolução do Homem através da arma e sua utilização».

Eleito Presidente da Sociedade Portuguesa de Armas Antigas — Portuguese Academy of Antique Arms —, cargo homologado pelo governo em 1972, mantém-se nessas funções, representando Portugal em congressos internacionais e dando conferências em muitas instituições europeias, americanas e asiáticas.

E autor de dezenas de livros e centenas de artigos, na sua maioria ligados à armaria antiga, à História de Portugal ou à preocupação com a evolução da Humanidade.

Os seus vastos conhecimentos devem-se não só ao grande número de documentos e obras de arte adquiridos mas, sobretudo, à sua incansável busca do saber, que o faz percorrer o mundo à procura de respostas, comparando as mais diversas fontes.

NOTA DO EDITOR

Esta obra é a 7ª edição do autor e a 1ª das Publicações Quipu.

Surge agora ao público, revista e em edição bilingue, português-francês, sob o título "Missão Templária nos Descobrimentos / Les Templiers et les Grandes Découvertes".

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a temática desta obra que, no ano em que foi publicada pela primeira vez, 1991, provocou um grande impacto no seio dos historiadores. E isto porque o autor foi o primeiro investigador a provar com documentos históricos a relação da Ordem Templária, mais tarde Ordem de Cristo, com os Descobrimentos Portugueses e o aval de reconhecimento e protecção que esta teve em Portugal por parte dos nossos Reis.

Presentemente, esta ligação entre Templários e Descobrimentos é aceite como inequívoca no foro da História, mas sublinhe-se que, no ano em que esta obra saiu pela primeira vez ao público, baseada na conferência proferida pelo autor na Fundação Calouste Gulbenkian, gerou-se uma polémica com ataques e acusações contra Rainer Daehnhardt por este ter ousado levantar hipóteses sustentadas em fontes documentais que esbarravam nas teses históricas oficialmente defendidas e ensinadas.

CONFERÊNCIA AUDIOVISUAL

ENTRADA LIVRE

A MISSÃO DOS TEMPLÁRIOS

LUZ SOBRE OS DESCOBRIMENTOS

Rainer Daehnhardt

TERÇA, 16 DE ABRIL ÀS 18.30 H

NO AUDITÓRIO 3 DA FUNDAÇÃO C. GULBENKIAN

Cartaz da conferência de Rainer Daehnhardt inicialmente prevista para o Auditório 3 e que, à última hora, pelo número de pessoas ter excedido largamente a capacidade deste, teve lugar no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian em 16 de Abril de 1991.

INVESTIGADOR PROVA TESE DE TRADIÇÃO ESOTÉRICA

«HISTÓRIA DE PORTUGAL OBEDECE A PLANO DA ORDEM TEMPLÁRIA»

A história de Portugal não é obra do acaso, mas obedece a um plano templário desde a fundação da nacionalidade: esta a tese que o investigador Rainer Daehnhardt, alemão há muito tempo naturalizado português, defendeu ontem em Lisboa, no anfiteatro 2 da Fundação Gulbenkian, em conferência promovida pela Nova Acrópole e que durou mais de duas horas, sendo projectados cerca de 350 «slides».

Rainer, que em Portugal se tornou mais conhecido do grande público por ser o proprietário da maior colecção de armas antigas do mundo, poderá vir a ser também o detentor da mais completa colecção de «slides» que ilustram, e até certo ponto demonstram, a tese hoje cara a muita gente: aquela que atribui raízes esotéricas à história de Portugal. Para Rainer, essa tradição é uma evidência e – segundo afirmou – baldados foram os esforços de uma instituição como a Igreja Católica para fazer desaparecer vestígios comprovativos da grande tradição herdada do cristianismo copta, via Ordem dos Templários.

Um dos exemplos mais notórios dessa ocultação está no esforço desenvolvido pelos católicos de contrariar a ideia da reencarnação, advogada pelo cristianismo primitivo, transmitido através dos templários, que eram «cavaleiros iniciados». Como acentuou o orador, «nas igrejas do princípio do segundo milénio, já se tinha extinto a divulgação da existência tripartida: o corpo, a alma e o espírito passaram a ser dois só. O corpo era controlado pela hierarquia estatal e a alma pela eclesiástica, desde o nascimento até à morte»

Missão de iniciados

Não contente com esta crítica à hierarquia dominante, que abafou o fio esotérico da tradição templária, o conferencista adiantou: «Na Idade Média pregava-se o medo da morte e do purgatório. Consciencializaram-se as massas de que tinham que se portar conforme a conveniência das hierarquias estatais e eclesiásticas.» Daí que, conforme sublinhou, «qualquer divulgação da hipótese de reencarnação era interdita, porque diminuía o medo da morte.»

Por toda a parte, o arqueólogo e investigador encontra vestígios e documentos que comprovam a presença do culto cristão copta que, em muitos casos, se combina com o simbolismo herdado dos cultos celtas e, também, o culto egípcio de Ísis. Por toda a parte, a rosa e a cruz são os símbolos perenes e permanentes, falando do nascimento e da morte.

Sobre a biblioteca de Alexandria, destruída por um incêndio, recaem algumas das pesquisas realizadas por este investigador, que põe a hipótese de terem vindo de lá muitos dos portulanos e mapas que chegariam até aos cavaleiros de quinhentos, aqueles que empreenderam a aventura dos descobrimentos marítimos: de Alexandria e também de Jerusalém – um dos centros científicos mais importantes do Médio Oriente – teriam vindo, para as mãos dos portugueses, incluindo o Infante D. Henrique, todos os documentos necessários à gesta das navegações no mar alto.

Comprovada está também, segundo o orador, a transferência de bens e de homens que D. Dinis efectuou da Ordem dos Templários, extinta por ordem do Papa, para a Ordem de Cristo, que teria também recebido os valores de ordem espiritual que aquela albergava. Claramente, ele proclama: «A orientação da Ordem de Cristo, que supervisava toda a expansão marítima, imprimiu uma vontade férrea à actuação portuguesa liderada por cavaleiros iniciados, vivos exemplos de uma interpretação da fé bem diferente e da missão que lhes estava destinada.»

«É assim que – esclareceu ainda o historiador – temos de considerar grande parte dos navegadores portugueses como meio-cientistas e meio-comerciantes.»

A figura do Infante

Sobre a controversa figura do Infante D. Henrique, quando pedia que lhe trouxessem «notícias do Preste João», as explicações de Rainer Dachnhardt são mais do que verosímeis, são verdadeiramente convincentes, quando lembra que as palavras «Preste João» são a chave para a demanda do lendário reino cristão em África: «A figura lendária do Preste João, personificada num soberano poderoso e cristão, reinando entre terras de infiéis e com quem as monarquias ocidentais ambicionavam aliar-se para combater a invasão islâmica durante a Idade M

édia, baseava-se numa realidade histórica bem concreta.» Para o conferencista, o Reino do Preste João é a Abissínia, onde permaneciam ainda fortes as raízes do cristianismo copta e que, portanto, interessavam fundamentalmente aos cavaleiros de Cristo, dispostos a cumprir a missão de Portugal que lhes fora legada pela anterior ordem templária.

Em uma das várias alusões que fez aos Açores, pátria privilegiada dos cultos transmitidos pelos templários, para os quais «a morte era de feito mais bela que a vida comprada com a cobardia», Rainer declarou: «É precisamente este o sentido da divisa hoje utilizada pelos açorianos, que a inscreveram no seu brasão, citando a célebre frase de Ciprião de Figueiredo que se negou a entregar os Açores ao poder espanhol, preferindo morrer a favor de D. António Prior do Crato, o último monarca da ímpar dinastia de Avis: "Mais vale morrer livres do que em paz sujeitos".»

E a pergunta surge com alguma pertinência. «Será simples coincidência de convicção ou serão mesmo os Açores um dos últimos refúgios da mente templária?»

Foi assim, de desafio em desafio, que o investigador escudou uma das suas mais polémicas conclusões: «Portugal é um país templário e, como tal, cumpriu a primeira das suas razões de existência que foi permitir a fácil passagem das armadas cristãs em direcção ao Mediterrâneo.»

Citando Fernando Pessoa, que várias vezes apareceu no seu discurso, disse que «falta ainda cumprir Portugal». É seguro que a laboriosa conferência de Rainer Dachnhardt foi mais um contributo importante para que essa missão esotérica de Portugal se cumpra. Pelo menos é no que acreditam quantos ontem enchiam quase por completo o anfiteatro 2 da Gulbenkian, depois de uma mudança de última hora, do anfiteatro 3, impossível de conter o público atento, interessado e curioso que ali acorreu.

Artigo publicado no jornal "A Capital" do dia 17 de Abril de 1991 referente à conferência proferida pelo autor desta obra no auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa sob o título "A Missão dos Templários – Luz sobre os Descobrimentos".

ÍNDICE

TABLE DES MATIÈRES

PRÉFACE

“Les Templiers et les Grandes Découvertes ” est plus qu’un simple livre. Il révèle des faits extrêmement importants pour la comprehension des racines profondes sur lesquelles s’appuie l’histoire du Portugal. C’est, en même temps, un cri d’alerte face au grave péril que court le Pays de perdre son identité. C’est, en outre, une clameur qui fait vibrer les éléments et active les forces telluriques de notre “ancestralité”, afin que la sève animique et spirituelle de nos aïeux se réincarne en une nouvelle race lusitanienne, seule capable de réaliser l’accomplissement du Portugal.

Rainer Daehnhardt, dont l’âme, depuis longtemps, s’identifie à la terre lusitanienne, s’enorgueillit d’avoir choisi le Portugal comme patrie adoptive et, dans le même temps, d’être l’héritier, en tant que Portugais, d’un passé si glorieux. Cet orgueil, cet amour, et aussi la responsabilité que cela implique quant à la preservation de la flamme lusitanienne, l’ont amené à faire des investigations durant plus de trente ans sur la tradition ésotérique du Portugal, qui ont eu pour effet la recollection d’un ample matériel archéologique et documentaire qui, aujourd’hui, vient au jour.

Les témoignages sont clairs: la véritable Histoire du Portugal passe par la connaissance de sa tradition ésotérique, qui lui fut léguée par les Templiers et qui fut répandue aux quatre coins du monde par l’Ordre du Christ.

Cet ouvrage est une fenêtre ouverte sur un futur qui, déjà, s’entrevoit à l’horizont de l’Histoire. Un futur dans lequel la Lusitanie ne laissera pas d’écrire des pages lumineuses dans la mesure où ses nefs nouvelles seront porteuses des antiques symboles d’un idéal spirituel qu’il nous reste à accomplir.

Eduardo Amarante

PREFÁCIO

«Missão Templária nos Descobrimentos», mais do que um simples livro, é uma revelação de factos importantíssimos para a compreensão das raízes profundas em que assenta a História de Portugal. É, simultaneamente, um grito de alerta contra o grave perigo que o País corre de perder a sua identidade, mas, também, um clamor que faz vibrar os elementos e activa as forças telúricas da nossa ancestralidade, para que a seiva anímica e espiritual dos nossos maiores reencarne na nova estirpe lusitana, única capaz de fazer cumprir Portugal.

Rainer Daehnhardt, cuja alma há muito se identifica com o torrão lusitano, sente orgulho em ter Portugal como pátria adoptiva e, ao mesmo tempo, em ser herdeiro, como Português, de um passado tão glorioso. Esse orgulho, esse carinho e, também, a responsabilidade que tal implica quanto à preservação da chama lusitana, levaram-no a fazer investigações durante mais de quarenta anos sobre a tradição esotérica de Portugal, tendo para o efeito recolhido um valiosíssimo espólio arqueológico e documental, de que uma pequena parte vem agora a público.

Os testemunhos são claros: a verdadeira História de Portugal passa pelo conhecimento da sua tradição esotérica, legada pelos Templários e propagada no mundo pela Ordem de Cristo.

Esta obra é uma janela que se abre para um futuro que já se entrevê no horizonte da História. Futuro no qual a Lusitânia não deixará de escrever páginas luminosas, porque os seus novos barcos serão portadores dos velhos símbolos de um ideal espiritual que ainda teremos de cumprir.

Eduardo Amarante

"Numa situação dramática, global, não existe nenhum povo
mais bem preparado do que o povo português para
encontrar soluções para a convivência pacífica de homens
de raças, cores, credos e origens diferentes.

O povo português é o povo mais bem preparado para uma
pureza filosófica de convivência em comum e
para uma espiritualidade sã, desligada de hierarquias
religiosas, onde o entendimento seja de irmão para irmão,
numa irmandade comum, em que se possa construir
um mundo de grande beleza e de grande profundidade
de sabedoria. O espírito de amor e de universalismo que
animou os Descobrimentos Portugueses será de grande
utilidade para a humanidade do futuro."

Rainer Daehnhardt

INTRODUCTION

Un tel sujet nécessite une petite note d'introduction.

Nous vivons une époque de spécialisation excessive. Ainsi, il est courant de rencontrer des experts pourvus de grandes connaissances dans une matière, mais étonnament dépourvus de savoir dans d'autres domaines. C'est ainsi que parfois on ne se rend même pas compte qu'on peut parvenir à des conclusions plus approfondies, faute d'un qui ait l'idée de faire des études comparatives.

Bien des fois, c'est le facteur TEMPS qui rend malaisé le chemin. Nous sommes tellement habitués à nous représenter le temps comme une ligne droite qu'il nous est difficile de penser qu'il puisse y avoir eu des relations entre des faits intervenus à des époques distantes les unes des autres. Toutefois, en comparant les actes, les comportements et même les symboles utilisés par les personnages-clefs de l'évolution de l'Humanité, nous nous apercevons rapidement qu'il y a quelque chose qui les lie, comme s'il s'agissait de différents membres d'une même équipe. Les joueurs ont l'air de changer, mais pas le but ni la force de conviction.

Pour pouvoir nous approcher davantage de la verité historique, nous devons absolument comprendre les motifs qui ont présidé aux volontés de ceux qui nous ont précédés, de même que ceux de leurs opposants.

Il ne fait aucun doute que l'Histoire a toujours été écrite par le vainqueur et, bien évidemment, dans la version qui lui convient le plus. Si nous ne prenons pas conscience de cela, nous ne nous rendrons jamais compte de ce fait que la réalité historique n'est pas vraiment cela qui nous est présenté. L'excuse de la grande distanciation temporelle, qui, d'une certaine façon, rend impossible des recherches plus approfondies, a permis que s'établissent des interprétations de l'Histoire de-

INTRODUÇÃO

Esta temática necessita de uma pequena nota introdutória.

Vivemos numa época de excessiva especialização. Assim, é vulgar encontrarmos peritos com conhecimentos profundos numa matéria, mas com espantosa ausência de sabedoria sobre outros assuntos. Por vezes passam, assim, despercebidos, acessos às mais profundas conclusões, só porque ninguém se lembrou de fazer estudos comparativos.

Muitas vezes é o factor TEMPO que nos dificulta o caminho. Estamos tão habituados a imaginar o tempo como uma linha recta, que se torna difícil pensar que possam ter havido ligações entre factos ocorridos em épocas distantes umas das outras. Comparando porém as acções, os comportamentos e até os símbolos utilizados por personagens-chave da evolução da humanidade, rapidamente nos apercebemos de que houve algo que os ligou, como se de diferentes membros de uma equipa se tratasse. Os jogadores parecem mudar, mas não o alvo nem a força de convicção.

Para podermos aproximar-nos mais da verdade histórica, torna-se indispensável compreendermos os motivos que regeram as vontades dos nossos antepassados, bem como as dos seus opositores.

Não há dúvida de que a História é sempre escrita pelo vencedor e, obviamente, na versão para ele mais conveniente. Se não nos consciencializarmos disso, nunca nos aperceberemos do facto de que a realidade histórica não é bem aquilo que nos é apresentado. A desculpa do grande distanciamento no tempo, que de certa forma impossibilita averiguações mais profundas, permitiu que se estabelecessem interpretações da História intocáveis, porque do conhecimento geral, embora as mesmas levantassem

venues inattaquables parce que généralement reconnues, malgré tous les doutes que peut soulever l'observateur attentif.

Les hypothèses présentées ici sont le résultat de décennies d'études, assorties de voyages en Afrique et au Moyen-Orient, à la recherche de preuves et d'explications, et à la découverte de nouvelles pistes qui, quand on les eut suivies, ouvrirent l'accès à de nouvelles conclusions bien différentes de celles généralement divulguées.

Il n'est demandé à personne d'abandonner ses propres convictions en cette matière. Nous ne prétendons pas même présenter ce travail comme une théorie nouvelle ou mieux fondée que les autres.

Notre seule ambition, c'est d'ouvrir quelques fenêtres qui permettent une vision différente de notre histoire, afin que d'autres puissent partager la beauté de la découverte de ces connaissances en les comparant avec les leurs, et choisir en toute liberté leurs conclusions personnelles.

Pour rendre possible la compréhension des éléments ici présentés, nous devons cependant nous libérer de la vision limitative de l'éloignement des différentes époques en fonction du facteur temps.

Si nous comprenons ce que déjà Einstein avait vérifié — que le temps n'est pas une ligne droite —, nous plongerons dans une dimension qui nous permettra d'accéder rapidement à quelques dates et à des hypothèses comparatives entre des personnages et leurs actions que, en temps normal, nous distancierions tellement, tant dans l'espace que dans le temps, que nous n'oserions même pas reconnaître ce qui peut les faire coïncider.

Je termine cette courte introduction sur le souhait qu'on m'accompagne sur le chemin que j'ai parcouru et qui m'a donné tant de joie et d'enthousiasme, et qui a fait que jamais je ne me suis repenti d'avoir choisi le Portugal pour ma patrie adoptive.

dúvidas ao observador atento.

As interpretações aqui apresentadas são o resultado de décadas de estudo, com viagens à África, ao Médio Oriente, na busca de provas e razões e da descoberta de novas pistas que, na sua perseguição, abriram acesso a novas conclusões bem diferentes das geralmente divulgadas.

Não se pede a ninguém para se afastar das suas próprias convicções sobre estas matérias, nem se pretende sequer apresentar este trabalho como nova teoria ou melhor fundamentada do que as habituais.

O que se pretende, e isso sim, é abrir algumas janelas de acesso a uma vista diferente sobre a nossa história, para que outros possam compartilhar a beleza do achado destes conhecimentos, compará-los com os seus e chegar individualmente às suas conclusões pessoais.

Para possibilitar a compreensão dos elementos aqui apresentados temos, no entanto, de nos libertar da visão limitada do afastamento das diferentes épocas pelo factor tempo.

Se compreendermos o que já Einstein verificou — que o tempo não é uma linha recta — facilmente mergulharemos numa dimensão que nos permitirá o acesso rápido a qualquer data e a hipótese de comparação entre personagens e suas acções, que habitualmente teríamos de distanciar de tal modo, tanto pelo tempo como pelo espaço, que não nos atreveríamos sequer a reconhecer coincidências.

Termino esta pequena introdução com o desejo de que me acompanhem num caminho que percorri e que me deu tanta alegria e força de convicção, de tal forma que nunca me arrependi de ter aceite Portugal como minha Pátria Adoptiva.

MOEDAS CUNHADAS PELOS CRUZADOS NA PALESTINA NOS SÉCULOS XII E XIII

MONNAIES FRAPPÉES PAR LES CROISÉS EN PALESTINE: XII ET XIIIÈME SIÈCLES

Moeda de prata que no seu centro mostra a cruz templária com legenda em árabe, mas com texto cristão.

Monnaie en argent qui montre en son centre la croix templière avec légende en arabe mais texte chrétien.

Moeda em ouro onde se consegue ler "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amén". Também possui legenda em árabe, mas com texto cristão.

Monnaie en or où on peut lire "Au nom du Père, du Fils et du Saint Esprit. Amen". Possède aussi légende en arabe mais texte chrétien.

LES TEMPLIERS DANS LA FORMATION ET L'EXPANSION DU PORTUGAL

Ce double titre, à lui seul, nous transporte simultanément dans des époques différentes. Si nous admettons l'existence de l'Ordre du Temple exclusivement dans les dates qui nous sont proposées par les dictionnaires, soit du début du XIème siècle au début du XIVème, et si nous comparons cette période avec celle qu'on reconnaît officiellement comme celle des grandes découvertes et qui commence environ un siècle plus tard, nous nous trouvons devant un intervalle de plusieurs générations.

C'est cet intervalle de temps qui a empêché beaucoup de chercheurs en matière historique d'établir des comparaisons, étant donné que, à première vue, même si on trouve certains parallélismes ou parentés, ils ne sont considérés au mieux que comme des coïncidences et, comme tels, sans intérêt pour l'étude.

Pour ceux qui se sont spécialisés dans une période déterminée, ce fait passe inaperçu. Toutefois celui que s'intéresse non seulement à une époque spécifique mais à l'Histoire en général et plus particulièrement à celle qui fut écrite dans ce petit rectangle tout au bord de l'Europe à toutes les époques (y compris les longues courses qui couvrirent la planète dans toutes les directions, telles des rayons issus d'une LUZ-CITANIE (ville-lumière), commence à découvrir tant de coïncidences qu'il arrive à conclure qu'il y a eu une orientation préalable.

On peut interpréter ce phénomène comme une espèce de conscience collective induite par des initiés qui, génération après génération, assument la gestion d'un processus initialisé au niveau des racines les plus ancestrales, dans le but qu'un peu-

OS TEMPLÁRIOS NA FORMAÇÃO E EXPANSÃO DE PORTUGAL

Este título duplo só por si transporta-nos simultaneamente para épocas diferentes. Se aceitarmos a existência da Ordem do Templo exclusivamente pelas datas que nos são oferecidas pelos dicionários, ou seja, desde o início do séc. XII até ao início do séc. XIV e se compararmos este período com aquele que oficialmente se reconhece como dos descobrimentos, que começa apenas um século depois, estamos perante um intervalo de gerações.

Foi este intervalo de tempo que impediu que muitos pesquisadores da História estabelecessem comparações, dado que, à primeira vista, mesmo encontrando certos paralelismos ou parecenças, estes apenas são considerados simples coincidências e, como tal, sem interesse de estudo.

Para aqueles que se especializaram num determinado período, este facto passa despercebido. Todavia, quem se interesse não só por uma época específica, mas pela História geral e, muito particularmente, pela que foi escrita neste pequeno rectângulo à beira da Europa, em todas as épocas (incluindo as longas caminhadas que cobriram o planeta em todas as direcções, como raios saídos de uma LUZ-CITÂNIA), acaba por encontrar tantas coincidências que se atreve a concluir que houve uma orientação genérica.

Pode-se interpretar este fenómeno como uma espécie de consciência colectiva introduzida por homens iniciados que, geração após geração, assumiam a liderança de um processo começado pelas suas raízes mais ancestrais, para que um povo pudesse cumprir a sua razão de existência.

ple parvienne à l'accomplissement de ce qui est la raison-même de son existence.

L'histoire écrite par un peuple consiste en l'agglomération de faits accomplis, crées par des millions de volontés individuelles qui, consciemment ou non, ont agi en conformité.

C'est dans ce contexte que s'incrit, indubitablement, le rôle essentiel joué par les Templiers.

Officiellement, il s'agit d'un ordre religieux militaire, fondé à Jérusalem en 1118 près de l'endroit où se trouvait le Temple de Salomon, le grand sage de la tradition des monarques hébreux.

Les premières années qui ont suivi la prise de Jérusalem par les chevaliers chrétiens furent empreintes d'incertitude quant à sa possession. Ce fait explique la création d'ordres religieux militaires pour défendre une conquête si importante pour la chrétienté d'alors et pour la protection de ses pélerins.

Le groupe de départ était peu nombreux et n'acquit un certain poids qu'en 1127, quand le roi chrétien de Jérusalem, Baudouin II, depuis peu revenu de captivité chez les Musulmans, décida d'écrire à l'ABBÉ DE CLAIRVAUX, le cistercien SAINT BERNARD, pour qu'il rédige une règle à l'intention de cet ordre. Ils prirent d'abord le nom de PAUVRES CHEVALIERS DU CHRIST, puis de CHEVALIERS DU TEMPLE. En janvier de l'année suivante, au Concile de Troyes, en présence de Saint Bernard et de quelques-uns des fondateurs de l'Ordre du Temple, la milice reçut, sur la demande du Pape Honorius II et du Patriarche de Jérusalem, l'habit blanc et la Règle.

L'introduction de l'Ordre sans la Péninsule Ibérique fut presque immédiate. Deux circonstances favorisèrent sa profonde implantation dans ces terres qui deviendraient plus tard portugaises mais qui étaient pour l'heure envahies par les Maures: la succession des campagnes de "reconquista" (la répétition en Occident de ce qui se passait au Proche-Orient) et la proximité géographique par rapport aux grands centres qui à l'époque envoyaient leurs guerriers pour libérer le Saint Sépulcre.

Un chevalier templier.

A história escrita por um povo é uma aglomeração de factos consumados, criados por milhões de vontades individuais que, conscientes disso ou não, agiram em conformidade.

Neste contexto, cabe sem dúvida um papel de relevo aos Templários.

Oficialmente, trata-se de uma ordem religiosa militar, instituída em Jerusalém no ano de 1118, perto do lugar onde estivera o Templo de Salomão, o grande sábio ancestral dos monarcas hebreus.

Os primeiros anos após a tomada de Jerusalém pelos cavaleiros cristãos constituíram uma incerteza relativamente à sua posse. Isto explica a formação de ordens religiosas militares para a defesa desta conquista, tão importante para a cristandade de então e para a protecção dos seus peregrinos.

O grupo inicial era pouco numeroso e só ganhou um certo peso quando, em 1127, o rei cristão de Jerusalém, Balduíno II, pouco antes libertado do cativeiro muçulmano, resolveu escrever ao ABADE DE CLARAVAL, o cisterciense SÃO BERNARDO, para que este redigisse a regra desta ordem. Chamaram-se primeiro CAVALEIROS POBRES DE CRISTO e depois CAVALEIROS DO TEMPLO. Em Janeiro do ano seguinte, no Concílio de Troyes, com a presença de São Bernardo e de diversos dos fundadores da Ordem do Templo, recebeu esta milícia, a pedido do Papa HONÓRIO II e do Patriarca de Jerusalém, o hábito branco e a regra.

Um cavaleiro templário.

A introdução da Ordem na Península Ibérica foi quase de imediato. Duas circunstâncias favoreceram o seu forte estabelecimento em terras mais tarde portuguesas: as investidas aos mouros da Península, pelas sucessivas campanhas da reconquista cristã (uma repetição no Ocidente do que então se passava no Próximo Oriente) e a proximidade geográfica em relação aos grandes centros

Saint Bernard de Clairvaux.

Le chevalier templier et le chevalier teutonique.

Le grand génie politique du XIIème siècle fut sans conteste Saint Bernard. La naissance soudaine d'une Europe Chrétienne, telle qu'elle se présente encore aujourd'hui d'une certaine façon, est due au premier chef à ce penseur qui prit en mains les rênes pour délivrer ces terres du péril de l'Islam.

Au VIIème siècle apparut Mahomet, un des plus grands prophètes du Proche-Orient. Suivant la ligne religieuse traditionnelle du Dieu unique (déjà propagée par les Hébreux et leurs descendants, les Chrétiens), il se mit à expulser les cultes païens encore enracinés, purifiant son monde les armes à la main et se présentant

que então enviavam os seus guerreiros para libertar o Santo Sepulcro.

O grande génio político do século XII foi, sem dúvida, São Bernardo. O surgimento de uma Europa Cristã como ainda hoje de certa forma se apresenta, deve-se em primeiro lugar a este pensador que tomou nas mãos as rédeas para libertar estas terras do perigo do Islão.

No séc. VII surgiu Maomé, mais um dos tantos profetas saídos do Próximo Oriente. Seguindo a linha religiosa tradicional do Deus único (já

S. Bernardo na Crónica de Nuremberga.

O cavaleiro templário e o cavaleiro teutónico.

comme prophète d'Allah. Son "hégire" de la Mecque à Médine, en l'an 622 de l'ère chrétienne, devint la marque du changement. Les adhésions en masse, motivées par les interprétations de son livre sacré — LE CORAN —, finirent par balayer non seulement le Moyen-Orient mais aussi la côte nord-africaine, atteignant même les pays du nord à travers la Péninsule Ibérique, envahie en 711.

Le christianisme était en danger imminent de péricliter. L'invasion musulmane avait été ralentie par les batailles de Tours et de Poitiers, mais on craignait qu'une attaque effectuée par les Arabes contre les pays chrétiens simultanément par l'Orient et par l'Occident finisse par venir à bout de toute la chrétienté.

Saint Bernard décida alors d'attaquer l'Islam sur trois fronts en même temps. Il créa l'ORDRE TEUTONIQUE en 1143 (on l'appelait à cette époque ORDRE DE SAINTE MARIE DES TEUTONIQUES) avec mission de répandre le christianisme en Orient, de façon à constituer une véritable barrière contre tous les périls en provenance de l'Asie ou du Proche-Orient.

Il aida à la création de l'ORDRE DU TEMPLE, qui avait mission de libérer la zone côtière de la Péninsule Ibérique des Arabes qui attaquaient les embarcations des pélerins qui passaient par là pour atteindre la Méditerranée.

Il appela en même temps à une Grande Croisade pour la libération du Saint Sépulcre à Jérusalem.

Avec la création des deux ordres religieux militaires, il finit par attaquer les Musulmans sur leurs flancs les plus avancés qui, lorqu'ils étaient unis, avaient agi de même avec le monde chrétien.

Dans cette affaire, des pays nouveaux se créèrent: le Portugal à Occident, les pays Baltes et la Prusse à l'Orient.

La libération du Saint Sépulcre ne fut pas la véritable raison du choix de Jérusalem: un siècle après le Christ, personne ne connaissait plus sa localisation. On trouva un endroit que l'on montrait aux pèlerins et sur lequel nul n'osait émettre de doutes. Ce qui poussa Saint Bernard à appeler à la Grande Croisade, ce fut sa volonté de frapper vraiment le coeur de l'Islam, de façon que, dans sa douleur et pour défendre ses lieux sacrés, il en vienne à rassembler ses forces militaires alors occupées à l'invasion des pays chrétiens. Ces lieux étaient, et sont encore, selon leur ordre d'importance: LA MECQUE, MEDINE et JÉRUSALEM. La Mecque et Médine se situent dans l'intérieur de la Péninsule Arabique. L'accès maritime le plus

propagandeada pelos hebreus e seus descendentes, os cristãos), acabou por expulsar cultos pagãos ainda enraízados, limpando o seu mundo com a arma na mão e assumindo-se como profeta de Allah. A sua hedgira de Meca a Medina, no ano 622 da era cristã, tornou-se um marco de mudança. A adesão em massa causada pelas interpretações do seu livro sagrado — O ALCORÃO — acabou por varrer não só o Médio Oriente, como também a costa norte-africana, chegando até aos países nórdicos, através da Península Ibérica, invadida em 711.

O perigo da queda do cristianismo estava iminente. A invasão muçulmana conseguiu ser detida nas batalhas de Tours e Poitiers, mas receava-se que um ataque efectuado pelos árabes aos países cristãos simultaneamente pelo Ocidente e pelo Oriente, acabasse por submeter toda a cristandade.

São Bernardo resolveu então atacar o Islão ao mesmo tempo em três frentes. Criou a ORDEM TEUTÓNICA em 1143 (então chamada: ORDO SANCTAE MARIAE TEUTONICARUM) para que esta expandisse o cristianismo em direcção ao Oriente, formando uma verdadeira barreira contra todos os perigos oriundos da Ásia e do Próximo Oriente.

Ajudou na criação da ORDEM DO TEMPLO, para que esta libertasse a zona costeira da Península Ibérica dos árabes que atacavam as embarcações dos peregrinos que por aí passavam para poderem entrar no Mediterrâneo.

E apelou ao mesmo tempo para uma Grande Cruzada que libertasse o Santo Sepulcro em Jerusalém.

Com a criação das duas ordens religiosas militares acabou por atacar os muçulmanos nos seus flancos mais avançados que, uma vez unidos, teriam mesmo acabado com o mundo cristão.

Nesta tarefa criaram-se países novos: Portugal a Ocidente e os países bálticos e a Prússia a Oriente.

A verdadeira razão da escolha de Jerusalém não foi a da libertação do Santo Sepulcro: um século após Cristo, já ninguém sabia qual a sua localização. Inventara-se um local que se mostrava aos peregrinos e do qual ninguém ousava duvidar. O que levou São Bernardo a apelar à Grande Cruzada, foi a sua vontade de atacar o Islão bem no seu coração, para que ele, em aflição, e em defesa dos seus próprios lugares sagrados, tivesse que

proche se faisait par la Mer Rouge, ce qui obligeait à contourner le continent africain, une entreprise qui restait alors à découvrir. L'autre façon d'atteindre la Mer Rouge consistait à traverser le Sinaï, mais cela retirait quelque valeur à l'élément stratégique de surprise. C'est ainsi qu'il devint évident que la cible choisie par Saint Bernard serait la ville de Jérusalem qui, pour se trouver près de la Méditerranée, était d'accès facile et rendait possible une attaque par surprise. Ce choix, d'un autre côté, était susceptible de susciter beaucoup plus de ferveur et une acceptation logique dans le milieu chrétien, et cela serait considéré comme une gloire de donner sa vie pour une telle cause.

Nous voyons ainsi que l'apparition de la Nation Portugaise n'est pas due exclusivement à la volonté du fils du Comte Dom Henrique, le Bourguignon, qui s'engagea dans la conquête de ces terres, les déclarant siennes en parfaite rébellion contre le Royaume de Léon dont il était vassal à cette époque.

La volonté de Dom Henrique et sa reconquête de Lisbonne (la septième conquête chrétienne de la cité), auraient bien pu être vaines ou passer relativement inaperçues dans l'Histoire s'il n'y avait eu, simultanément, le projet de Saint Bernard qui voyait d'un bon oeil la naissance du Portugal, la première Nation Nouvelle de l'Europe telle qu'il l'avait rêvée et qui se concrétisait après des siècles. Le docteur de Cîteaux alla même jusqu'à se déplacer pour donner des conseils au jeune Roi et implanter son Ordre dans tout le pays.

Nous savons que les Templiers sont venus dans les terres de l'antique Lusitanie dès 1126. Ils avaient reçu en donation les terres de Fonte Arcada de Dona Teresa, la mère de D. Afonso Henriques, à l'époque du Maître GUILHERME RICARDO. Dona Teresa leur donna aussi le château de Soure, qui fut la première grande possession de l'Ordre. L'invasion mauresque contre ce poste avancé des Chrétiens de Coimbra en 1144 marqua le baptême des armes pour les chevaliers du Temple qui avaient fait de cette vieille ruine une forteresse. Pour un Templier, "LA MORT ÉTAIT, EN RÉALITÉ, PLUS BELLE QU'UNE VIE ACHETÉE AU PRIX DE LA COUARDISE".

Tel est précisément le sens de la devise qui est aujourd'hui encore celle des Açoriens et qu'ils ont inscrite sur leurs armes. Il s'agit de la célèbre phrase de Ciprião de Figueiredo qui refusait de remettre les Açores au pouvoir espagnol, préférant mourir pour D. Antonio Prior do Crato, le dernier monarque de la dynastie d'Avis: "MIEUX VAUT MOURIR LIBRE QU'ÊTRE SUJET EN PAIX". Simple simili-

recolher as suas forças militares que invadiam os países cristãos. Tais lugares eram e são, em sequência de importância: MECA, MEDINA e JERUSALÉM. Meca e Medina situam-se no interior da Península Arábica, com acesso marítimo mais próximo do Mar Vermelho, o que obrigava a circum-navegar o continente africano, uma tarefa então ainda por descobrir. Outra forma de chegar ao Mar Vermelho era atravessando o Sinai, mas isso retiraria qualquer valor ao elemento estratégico da surpresa. Tornou-se assim óbvio que o alvo escolhido por São Bernardo fosse a cidade de Jerusalém, que por ficar perto do Mediterrâneo era de fácil acesso e possibilitava um ataque inesperado. Essa escolha, por outro lado, despertaria muito mais fervor e aceitação lógica no meio cristão, pois seria uma glória dar a vida por tal causa.

Vimos assim que o aparecimento da Nação Portuguesa não se deve exclusivamente à vontade do filho do Conde D. Henrique, o Borgonhês, que se meteu na conquista destas terras, declarando-as suas em pleno acto de rebeldia contra o Reino de Leão, ao qual então ainda devia vassalagem.

O esforço de D. Afonso Henriques e a sua conquista de Lisboa (a sétima conquista cristã desta cidade), bem podiam ter sido em vão ou ter passado relativamente despercebidos na História, se não tivesse havido, simultaneamente, o projecto de São Bernardo que viu com bom grado o nascimento de Portugal, a primeira Nação Nova da Europa por ele sonhada e séculos depois concretizada. Este doutor de Cister até para cá se deslocou, dando conselhos ao jovem Rei e instalando a sua Ordem em todo o país.

Sabemos da vinda dos Templários às terras da antiga Lusitânia já em 1126, recebendo em doação os terrenos da Fonte Arcada, por Dona Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, sendo seu mestre GUILHERME RICARDO. Dona Teresa também lhes doara o castelo de Soure como primeiro fasto da Ordem. A investida mourisca contra este posto avançado dos cristãos de Coimbra, no ano de 1144, foi o grande baptismo de guerra dos cavaleiros templários que então já haviam transformado esta velha ruína numa fortaleza. Dizia-se que na convicção templária: «A MORTE ERA, DE FEITO, MAIS BELA QUE A VIDA COMPRADA COM A COBARDIA».

É precisamente este o sentido da divisa ainda hoje utilizada pelos açorianos, que a inscreveram no seu brasão, citando a célebre frase de Ciprião

tude de mentalité, ou les Açores seraient-elles un des derniers refuges de l'esprit templier?

Ces chevaliers venus du nord et leurs recrues lusitaniennes furent d'une aide si considérable dans la conquête de Lisbonne, de Santarém, de Silves et de tant d'autres lieux qu'il n'est pas exagéré d'affirmer que le Portugal dut sa formation, pour une part substantielle, à l'appui de ce noble Ordre religieux et militaire et des autres chevaliers du nord. Le seul étranger qui soit encore aujourd'hui vénéré pour la prise de Lisbonne est le chevalier Henrique de Bona. Camões nous parle de lui et des miracles du palmier qu'on planta sur sa tombe. La bulle papale qui ordonnait la construction de l'Église Saint Vincent de Fora précisait qu'elle devrait être érigée sur les corps des chevaliers germains tombés pour la reconquête de la cité. Jusqu'à la prise de Lisbonne par le Duc d'Albe, en 1580, la coutume se perpétuait de faire commander les parades militaires lisboètes par la garnison du Château Saint Georges, garnison composée d'éléments germaniques ou de leurs descendants, en l'honneur de tous ceux qui étaient tombés pour que Lisbonne soit libérée des Maures.

Le Portugal est un pays templier et, comme tel, il s'est acquitté de la première de ses raisons d'exister qui était de faciliter le passage des armées chrétiennes en direction de la Méditerranée.

Mais quel est donc le lien avec l'époque des Découvertes?

Pour approfondir cette question, nous devons premièrement savoir ce qu'il y avait derrière les Découvertes Portugaises. Tous les grands spécialistes de l'histoire de la navigation pendant l'ère chrétienne sont d'accord sur la dette immense que le monde doit aux navigateurs partis des ports du Portugal. Les autres nations, dans leur grande majorité, se sont nourris des connaissances acquises par les navigateurs portugais et ont appris d'eux l'art de naviguer en haute mer. Plus on se penche sur les héroïques navigateurs des autres pays, plus se confirme l'origine portugaise d'une grande partie de leurs connaissances.

Mais qu'y avait-il donc derrière cette gigantesque entreprise universelle?

Il serait facile de tout attribuer au génie de ce grand Homme que fut, san aucun doute, l'Infant D. Henrique. Mais même lui n'était qu'un des nombreux chevaliers sur la longue chaîne de l'initiation. Cette place lui fut attribuée à l'évidence, parce qu'il vivait à une époque fertile en possibilités qu'il su évaluer et rendre effectives,

de Figueiredo, que se negou a entregar os Açores ao poder espanhol, preferindo morrer a favor de D. António Prior do Crato, o último monarca da ímpar dinastia de Aviz: «MAIS VALE MORRER LIVRES DO QUE EM PAZ SUJEITOS». Será simples coincidência de convicção, ou serão mesmo os Açores um dos últimos refúgios da mente templária?

Estes cavaleiros nórdicos e os seus aderentes lusos ajudaram de tal forma nas conquistas de Lisboa, de Santarém, de Silves e de tantas outras terras, que não é exagero afirmar-se que Portugal foi, em parte substancial, formado com a ajuda desta nobre ordem religiosa militar e dos outros cavaleiros nórdicos. O único estrangeiro ainda hoje venerado da tomada de Lisboa foi o cavaleiro Henrique de Bona. Camões fala-nos dele e dos milagres da palmeira plantada na sua campa. A bula papal que estabelece a construção da Igreja de São Vicente de Fora, menciona que a mesma será erigida em cima dos corpos dos cavaleiros germânicos caídos na conquista da cidade. Até à tomada de Lisboa pelo Duque de Alba, em 1580, manteve-se o costume de que as paradas militares lisboetas fossem lideradas pela guarnição do Castelo de São Jorge, guarnição essa composta por elementos germânicos ou seus descendentes, em honra de tantos dos seus que tombaram para que se libertasse Lisboa aos mouros.

Portugal é um país templário e, como tal, cumpriu a primeira das suas razões de existência, que foi permitir a fácil passagem das armadas cristãs em direcção ao Mediterrâneo.

Mas o que tem isso a ver com a época dos Descobrimentos?

Para aprofundarmos esta questão temos primeiro de saber quem é que esteve por detrás dos Descobrimentos Portugueses. Todos os grandes especialistas da história da navegação em era cristã estão de acordo em que se deve internacionalmente imenso aos navegadores que saíram dos portos portugueses. A grande maioria das outras nações bebeu dos conhecimentos obtidos pelos navegadores portugueses e com eles aprendeu a arte de navegar no mar alto. Quanto mais se estudam os heroicos navegadores de outras origens, mais se confirma a origem portuguesa de grande parte dos seus conhecimentos.

E quem é que estava por detrás desta gigantesca tarefa universal?

Seria fácil de mais atribuir tudo ao génio do grande homem que, sem

léguant des plans qui régissaient encore la navigation portugaise des siècles après sa disparition.

Nous pouvons lire bien souvent que l'Infant D. Henrique fut Maître de l'Ordre du Christ qui lui aurait donné beaucoup d'argent pour réaliser son projet de découvrir le monde. Cette version, malgré tout, ne correspond pas à la réalité. L'Infant ne fut pas Maître de l'Ordre et l'idée n'était pas de lui. Il était responsable des finances de l'Ordre, fonction qui lui donnait, de toute évidence, une autorité et certaines possibilités au niveau financier. Cela n'aurait toutefois jamais suffi pour supporter toutes les charges relatives aux tâches qu'il fallait accomplir. L'Infant, pour ce faire, dut puiser aussi sur ses ressources propres, axant tous ses efforts, sans aucune limitation, sur la préparation du terrain sur lequel le Portugal allait semer et s'acquitter de la seconde de ses raisons d'exister: la propagation de la foi chrétienne sur toute la planète.

Semblable aux hautes tours des cathédrales gothiques, ces doigts gigantesques qu'un peuple de croyants tient pointés vers le ciel, l'action de ce fils du Maître d'Avis peut se comparer à un immense doigt qui, traversant l'espace et le temps, indique un chemin d'évolution à l'ensemble de l'humanité.

Pour notre siècle de décadence où tout s'évalue sur la base de la logique des possibilités financières et qui tend à substituer à Dieu le dollar, il est tout à fait impossible de comprendre la mentalité des architectes templiers qui tiraient des plans pour la construction de grandes cathédrales gothiques qui demanderaient un demi-millénaire et plus pour pouvoir être contemplées. Qui, de nos jours, aurait l'idée de construire quelque chose qui puisse avoir encore une utilité dans seulement un demi-siècle? Tout ce qui se construit devant nos yeux fait partie de la myopie générale de notre génération. Le ciment et le béton armé ne tiennent même pas un siècle. Nos petits-enfants auront à jeter bas tout ce qui se construit aujourd'hui. De notre siècle seul survivra le plastique.

Les architectes médiévaux, cependant, ne faisaient pas de plans à long terme. En commençant l'ouvrage, ils savaient parfaitement que ni eux, ni leurs enfants ou petits-enfants, ne pourraient assister à leur inauguration. Mais cela ne les arrêtait pas. La ville d'Ulm a commencé la construction d'une cathédrale dont la tour devait avoir environ 1.200 mètres de haut. A cette époque, la population totale de la cité n'atteignait pas 1.500 habitants. Il fallut exactement sept cents ans pour achever

dúvida, foi o Infante D. Henrique. Mas mesmo ele é só um dos muitos cavaleiros numa longa corrente de iniciados. Coube-lhe um lugar de destaque, porque viveu numa época fértil em possibilidades, que ele soube avaliar e executar, deixando planos que ainda regeram as directrizes da navegação portuguesa séculos após o seu desaparecimento.

Muitas vezes podemos ler que o Infante D. Henrique foi Mestre da Ordem de Cristo, a quem deu muito dinheiro e que o aplicou na sua ideia de descobrir o mundo. Essa versão, porém, não corresponde à realidade. Nem o Infante foi Mestre da Ordem nem a ideia foi dele. Ele governava as finanças da Ordem, facto que lhe deu um lugar de grande destaque e uma certa possibilidade monetária. Todavia, esta nunca chegou para solucionar as pesadas tarefas que faltavam cumprir. O Infante utilizou assim também os seus próprios meios, esforçando-se ilimitadamente na preparação do terreno para que Portugal semeasse e cumprisse a segunda razão da sua existência: a propagação da fé cristã por todo o planeta.

Tal como as altas torres das catedrais góticas, esses dedos gigantes de uma humanidade crente apontados em direcção ao céu, também a actuação deste filho do Mestre de Aviz se assemelhava a um grande dedo, atravessando o espaço e o tempo, para indicar um caminho à evolução de toda a humanidade.

Para os seres decadentes do nosso século, que tudo avaliam pela lógica da conveniência financeira, tendo substituído Deus pelo dólar, é de todo impossível compreender a mentalidade dos arquitectos templários que delinearam os planos para a construção das grandes catedrais góticas, que levaram meio milénio e mais para serem contempladas. Quem é que hoje se lembra de construir algo que possa ainda ter utilidade daqui a meio século? Tudo o que vemos ser construído à nossa volta, faz parte da miopia geral da nossa geração. Cimento e betão armado não aguentam um século sequer. Os nossos netos terão de deitar abaixo tudo o que hoje se constrói. Do nosso século só sobrará o plástico.

Os arquitectos medievais, no entanto, planeavam em escalas longínquas. Ao iniciar as obras, sabiam perfeitamente que nem eles, nem os seus filhos ou netos poderiam assistir à inauguração delas. Mas isto não os fazia parar. A cidade de Ulm iniciou a construção de uma catedral cuja torre tem cerca

Pendentif de la fin du XIVème siècle avec la croix d'Avis en émail sur bronze doré.

La croix de Saint Thomas entourée par les colombes du Saint Esprit dans un "Para" (mesure de riz) du Malabar, XVème siècle.

l'ouvrage, qui subsiste aujourd'hui, prêt à durer autant d'années. Et on démolit déjà les premiers gratte-ciel construits après la seconde guerre mondiale.

La construction des cathédrales gothiques, comme celle des forteresses de la même époque, ne prévoyait pas la rétribution de la main d'oeuvre. Les habitants s'offraient volontairement pour exécuter les tâches.

L'Ordre du Christ ne fit pas qu'apposer son empreinte sur le courant gothique, au même titre que les autres Ordres Religieux et Militaires dans le contexte de l'expansion maritime portugaise.

Il y avait l'ORDRE DE SANTIAGO, fondé dans le royaume de Léon au XIIème siècle, et dont se sépara la commanderie portugaise qui avait son siège au Couvent de Santos à Lisbonne. Pendant la reconquête de Mértola, on offrit cette forteresse pour servir de siège central à l'Ordre Portugais de Santiago, qu'on transféra plus tard à Palmela. C'est D. Dinis qui, en 1290, obtint du Pape une bulle officialisant la séparation entre la partie portugaise de l'Ordre et celle de Castille-Léon. Un de ses Grands-Maîtres les plus émérites fut l'Infant D. Jean, qu'on appelait le Prince Parfait et qui règna plus tard sous le nom de Jean II de Portugal. Plusieurs parmi les grands navigateurs étaient chevaliers de cet Ordre.

Il y avait aussi l'ORDRE D'AVIS, fondée en 1147 par D. Afonso Henriques et dont le siège fut d'abord à Coimbra, puis à Évora. Il eut des liens très étroits avec l'Ordre de Calatrava (Castille), mais s'en dégagea officiellement, grâce à l'intervention de D. Dinis. Le principal de ses Maîtres fut D. Jean, le fondateur de la dynastie d'Avis et de loin le plus important. Il réussit à brandir sa croix jusqu'aux extrémités du monde.

de duzentos metros de altura. Ora, na época não havia sequer um milhar e meio de habitantes em toda a cidade. Foram precisos setecentos anos para completar a obra, que ainda hoje se mantém intacta e pronta para durar outro tanto. Ao contrário disso, hoje já se deitam abaixo os primeiros arranha-céus construídos após a 2ª Guerra Mundial.

A construção das catedrais góticas, bem como das fortalezas da mesma época, não previa o pagamento da mão-de-obra. Os habitantes ofereciam-se voluntariamente para executar esta tarefa.

A Ordem de Cristo encabeçava não só o pensamento gótico da população, como todas as três Ordens Religiosas Militares no contexto da expansão marítima portuguesa.

Havia a ORDEM DE SANTIAGO, fundada no Reino de Leão no séc. XII, e da qual se separou a comenda portuguesa, com sede no Convento de Santos, em Lisboa. Na reconquista de Mértola, ofereceu-se esta fortaleza como primeira sede da Ordem Portuguesa de Santiago, passando-a mais tarde para Palmela. Foi D. Dinis que, em 1290, conseguiu uma bula papal que separava reconhecidamente a parte portuguesa desta ordem da castelhana/leonina. Um dos seus mais destacados Grão-Mestres foi o Infante D. João, chamado o Príncipe Perfeito, mais tarde D. João II, Rei de Portugal. Diversos dos grandes navegadores foram cavaleiros desta Ordem.

Havia ainda a ORDEM DE AVIZ, fundada em 1147 por D. Afonso Henriques, com sede em Coimbra e mais tarde em Évora. Tendo tido ligações

Pendente dos finais do séc. XIV mostrando a cruz de Aviz em esmalte sobre bronze dourado a fogo.

A cruz de São Tomé ladeada pelas pombas do Espírito Santo num "Para" (medida de arroz) quinhentista do Malabar.

Il y avait enfin l'ORDRE DU CHRIST. Sa création, lancée par D. Dinis, fut un acte politique particulièrement intelligent. L'Ordre du Temple fut celui qui connut la croissance la plus rapide parmi les différents ordres militaires qui avaient fait leur apparition pour la défense des pèlerins de Terre Sainte. Bien qu'exigeant de ses membres le renoncement aux biens matériels, il permettait l'usage de l'argent et des actes commerciaux au bénéfice de l'Ordre lui-même qui, de cette façon, accumulait des biens et des terres de dimensions enviables pour beaucoup.

Ce furent les Templiers qui instaurèrent une vie financière d'une envergure telle qu'on n'en avait jamais connu. Ils prêtaient de l'argent sans intérêts, se bornant à percevoir des pourcentages sur le change d'une monnaie à l'autre. Ils émettaient en outre des lettres de crédit: on pouvait de la sorte faire un dépôt quelque part dans un port de la Mer du Nord, voyager sans avoir à se préoccuper de défendre un coffret rempli d'or contre les attaques, et récupérer son argent sur présentation d'un parchemin, en quelque port méditerranéen ou comptoir templier, et il en existait des milliers.

C'est par envie que le Roi de France, Philippe le Bel, qui avait une alliée dans la faiblesse du Pape Clément V, lequel vivait alors sous contrôle français en Avignon et dans la crainte d'être assassiné comme son prédecésseur, finit par unir le pouvoir de l'Etat et celui de l'Eglise contre le pouvoir de l'Esprit qui était celui de l'Ordre du Temple.

En 1307, on arrêta tous les Templiers français qu'on put trouver. Beaucoup s'enfuirent par le port templier du nord-ouest de la France, on ne sait pour où. Le Pape ordonna de même l'extinction de la section lusitanienne de l'Ordre du Temple en 1311, mais l'injonction ne fut pas reçue favorablement par D. Dinis qui décréta l'ouverture d'un procès destiné à vérifier le degré de culpabilité imputable aux Templiers dans la Péninsule Ibérique. Le procès avait lieu à Salamanque. Tous les Templiers portugais furent déclarés innocents.

Le Pape ordonna au Roi du Portugal de remettre les biens des Templiers à son représentant. Mais D. Dinis s'y refusa, expliquant que toutes les terres appartenant aux Templiers leur avaient été offertes en qualité de majorats par le Roi, avec obligation de restitution et interdiction de les vendre ou de les transférer à un autre. On parvint alors à un accord, aux termes duquel on établissait que D. Dinis dévoluerait ces biens à un nouvel ordre religieux et militaire portugais crée à cet effet, auquel

fortíssimas com a Ordem de Calatrava (castelhana), também se conseguiu desligar oficialmente da mesma por intervenção de D. Dinis. O seu principal mestre foi D. João, fundador da Dinastia de Aviz, de longe a mais importante, que acabou por levar a sua cruz aos mais distantes confins do mundo.

E havia a ORDEM DE CRISTO. Esta nasceu como golpe político de grande inteligência, lançado por D. Dinis. A Ordem do Templo foi a que mais depressa cresceu entre todas as diferentes ordens religiosas militares, surgidas para defesa dos caminhos dos peregrinos à Terra Santa. Embora exigindo aos seus membros a renúncia aos bens materiais, permitia a utilização de dinheiro e de atitudes comerciais benéficas à própria Ordem, que assim acumulou bens e terras de dimensões invejadas por muitos.

Foram os Templários que estabeleceram uma vida financeira duma envergadura como nunca houvera. Emprestavam dinheiro sem juros, cobrando somente percentagens cambiais na conversão duma moeda para outra. Também emitiam notas de crédito, o que permitia que alguém fizesse um depósito algures num porto do Mar do Norte, viajasse despreocupadamente por não ter que defender a sua arquinha de ouro dos assaltos, e pudesse levantar o seu dinheiro mediante a apresentação de um pergaminho, em qualquer porto mediterrânico ou instalação templária que havia aos milhares.

A inveja do Rei de França, Filipe o Belo, aliada à fraqueza papal de Clemente V, então sob o controlo francês em Avignon, e com medo de ser assassinado como o seu antecessor, acabou por juntar os poderes do Estado com os da Igreja, contra os poderes do Espírito da Ordem do Templo.

Em 1307 foram presos todos os templários franceses que se puderam encontrar. Muitos saíram pelo porto templário no noroeste francês, não se sabe para onde. O Papa ordenou também a extinção da secção lusitana da Ordem do Templo em 1311, mas esta imposição não foi bem aceite por D. Dinis, que ordenou o levantamento de um processo para se averiguar o grau de culpabilidade atribuível aos Templários na Península Ibérica. O processo teve lugar em Salamanca e todos os templários portugueses saíram ilibados.

O Papa ordenou ao Rei de Portugal a entrega dos bens dos Templários a um seu representante. Mas D. Dinis recusou-se a esta entrega, explican-

on donnerait le nom d'Ordre du Christ. Ce dernier vit donc le jour le 14 août 1318, et il fut confirmé par une bulle du Pape Jean XXII en date du 14 mars 1319. Ce que D. Dinis n'avait pas dit aux représentants du Pape, c'est qu'il avait incorporé les anciens chevaliers de Lusitanie de l'Ordre du Temple dans ce nouvel Ordre du Christ, leur offrant même la ville de Castro Marim. L'Ordre du Christ se présentait ainsi comme l'héritier direct, non seulement des biens, mais aussi des connaissances et de la mission de l'ancien Ordre du Temple.

L'influence de ces trois ordres religieux militaires portugais au cours des siècles suivants fut telle que nous osons affirmer que l'évolution des contacts entre nombre de civilisations de cette planète n'aurait pas été possible, sous la forme harmonieuse qu'elle connut, sans eux et sans leurs orientations philosophiques.

Ce ne fut pas par hasard que les grands navigateurs portugais des XVème et XVIème siècles étaient membres de ces ordres, et que leurs vaisseaux arboraient la CROIX DE L'ORDRE DU CHRIST sur leurs voiles. L'expansion du monde portugais ne fut pas un fait occasionnel, dû à des aventuriers qui se seraient lancés à la recherche de nouvelles routes maritimes à conquérir, dans le but de s'enrichir rapidement et n'importe de quelle manière. L'histoire telle qu'elle fut écrite par les mains portugaises ne comporte l'anéantissement systématique d'aucune population, religion ou culture, comme l'extinction des Aztèques à Mexico, des Incas au Pérou et des Guanches aux Canaries, par exemple. Avec l'Ordre du Christ, tout se passa différemment.

L'expansion portugaise ne fut pas toujours pacifique, mais elle nous permet de voir comment une petite nation a pu écrire des pages significatives pour l'évolution de l'humanité sans assujettir ni exterminer des populations.

Au XVIème siècle, le Portugal tenait sa richesse principalement du commerce des épices: on échangeait les marchandises d'un continent à l'autre, réduisant la longue liste des intermédiaires et pratiquant ce qu'on appelle: "LES AFFAIRES DE CHINE"

Si la création du Portugal est due en grande partie à l'Ordre du Temple, ce sont l'esprit et l'organisation de l'Ordre du Christ qui en permirent plus tard l'expansion.

C'est un même courant de pensée qui, aux XVème et XVIème siècles, contribua, non seulement à la construction d'une Europe chrétienne, mais à l'ouverture des portes du monde. Ce furent ces chevaliers initiés qui naviguèrent sur toutes les

do que todas as terras pertencentes aos Templários tinham sido oferecidas como morgadios do Rei com a obrigatoriedade da sua devolução e impossibilidade de venda ou entrega a outrem. Chegou-se então a um acordo, no qual se estabelecia que D. Dinis entregaria estes bens a uma nova ordem religiosa militar portuguesa, que se havia de criar para este efeito e à qual se daria o nome de Ordem de Cristo. Esta nasceu assim em 14 de Agosto de 1318, sendo reconfirmada pela bula papal de João XXII, de 14 de Março de 1319. O que D. Dinis não comunicou aos representantes papais, foi que havia englobado os antigos cavaleiros lusos da Ordem do Templo nesta nova Ordem de Cristo, oferecendo-lhes até a vila de Castro Marim. A Ordem de Cristo tornou-se assim a herdeira directa, tanto dos bens como dos conhecimentos e das tarefas da antiga Ordem do Templo.

Foi tal o peso dessas três ordens militares portuguesas nos séculos seguintes, que nos atrevemos a afirmar que a evolução dos contactos entre muitas das civilizações deste planeta não seria possível da forma harmoniosa como o foi, sem elas e sem a sua orientação filosófica.

Não foi por acaso que os grandes navegadores portugueses dos séculos XV e XVI eram membros destas ordens e que as suas embarcações levavam a CRUZ DA ORDEM DE CRISTO nas suas velas. A expansão do mundo português não foi o resultado ocasional de aventureiros que se lançaram à procura e conquista de novas rotas marítimas, para enriquecerem rapidamente e de qualquer maneira. Na história escrita por mãos portuguesas não houve a aniquilação sistemática de povos, religiões ou culturas, como a extinção dos Aztecas no México, dos Incas no Peru e dos Guanches nas Canárias, por exemplo. Com a Ordem de Cristo foi tudo diferente.

A expansão portuguesa não foi sempre pacífica, mas podemos ver como uma pequena nação pode escrever páginas significativas na evolução da humanidade, sem impor o extermínio de populações.

No séc. XVI, Portugal obteve a sua riqueza sobretudo no comércio das especiarias, onde se trocavam as mercadorias de um continente pelas de outro, reduzindo a longa lista dos intermediários e fazendo os chamados "NEGÓCIOS DA CHINA".

Se o nascimento de Portugal se deveu em grande parte à ajuda da

mers, arborant sur leurs étendards les SYMBOLES de la CROIX DU CHRIST, de la CROIX D'AVIS et de la CROIX DES QUINES, entourée de châteaux.

Ce que la conquête de l'espace représente pour notre génération, la conquête des mers le représentait pour nos aïeux.

Au Portugal échut un des rôles les plus importants, celui de se singulariser parmi toutes les autres nations par une conduite éthique et morale qui montrait de la part de ses gouvernants une haute conscience de la mission qu'il lui revenait d'accomplir.

Comme une victoire ne vaut jamais davantage que la voie qui a mené jusqu'à elle, on remarque la préoccupation, qui a prévalu chez des générations de navigateurs portugais, de FAIRE UNE ROUTE PROPRE. Il y eut des cas exemplaires, comme la substitution et l'emprisonnement, sur ordre du roi, de ce Portugais qui avait décidé de mettre à sac et d'incendier les temples sur le chemin de Malaca. De tels actes auraient été accueillis avec des applaudissements par d'autres nations, mais pas le Portugal. La mise à sac ne fit jamais partie des consignes données aux navigateurs, mais bien plutôt le commerce ou l'alliance militaire.

Les Portugais du XVIème siècle étaient une sorte de réincarnation des anciens Phéniciens. Nantis de bons navires, de connaissances en navigation, d'un grand courage et de marchandises à troquer, ils se lançaient en haute mer dans l'espoir de revenir quelque jour riches de connaissances et de marchandises rares qu'ils pourraient vendre alors à bon prix dans les enchères qui se pratiquaient en ce temps-là sur la Place du Palais ou au Comptoir des Indes.

Les capitaines des navires des autres nations expansionnistes du XVIème siècle racontaient aux peuples qu'ils visitaient qu'ils étaient porteurs de la foi unique et véritable, imposant le payement d'un tribut pour leur action missionnaire. Quand ce payement n'était pas effectué avec célérité ou dans les proportions désirées, on en venait à confisquer tout l'or qui se trouvait à portée. Ils brisaient les idoles locales à coups de marteau et les fondaient pour le cas où elles auraient été en or. Ils arrachaient les colliers, les bracelets et les anneaux, coupant les doigts et les têtes, rendus furieux par la soif de ce maudit métal, et ils réduisaient à néant, au bout du compte, des civilisations entières, dans l'absolu oubli de l'esprit du christianisme authentique. Ils avaient pour mission le pillage immédiat et le transfert du butin jusqu'à la cour de leurs souverains, où les lingots étaient refondus et frappés en monnaie d'état. La Foi était tout juste une excuse pour recevoir la bénédiction du

Ordem do Templo, mais tarde expandiu-se pela orientação e organização da Ordem de Cristo.

Houve assim o mesmo pensamento, que não só ajudou na construção de uma Europa Cristã, como na abertura das portas do mundo nos séculos XV e XVI. Foram cavaleiros iniciados que navegaram por todos os mares e levantaram padrões com os SÍMBOLOS da CRUZ DE CRISTO, da CRUZ DE AVIZ e da CRUZ DAS QUINAS, circundada pelo escudo dos castelos.

O que a conquista do espaço representa para a nossa geração, representou a conquista dos mares para os nossos antepassados.

A Portugal coube um dos papéis de maior relevo, destacando-se entre muitas outras nações por uma conduta ética e moral que demonstrava por parte dos seus governantes o amplo conhecimento de que havia missões por cumprir.

Como nenhuma vitória vale mais do que o caminho através do qual ela é conseguida, notou-se uma preocupação em guiar gerações de navegadores portugueses por uma ROTA LIMPA. Casos houve, como a substituição e prisão por ordem régia de um português que resolveu saquear e queimar os templos no caminho de Malaca. Os seus feitos teriam recebido aplausos noutras nações, mas não na portuguesa. O saque nunca foi o conselho dado aos navegadores, mas sim o comércio ou a aliança militar.

Os portugueses quinhentistas foram uma espécie de reencarnação dos antigos fenícios. Equipados com bons navios, conhecimentos náuticos, muita coragem e mercadorias para trocar, fizeram-se ao mar na esperança de algum dia voltarem enriquecidos com conhecimentos e mercadorias raras, que depois poderiam vender a bom preço nos leilões que se efectuavam no Terreiro do Paço ou na Casa da Índia.

Os capitães dos navios das outras nações expansionistas do séc. XVI diziam aos povos por eles visitados que eram portadores da fé única e verdadeira, impondo o pagamento de tributos para a sua acção missionária. Quando esse pagamento não se efectuava com a rapidez ou nas quantidades desejadas, acabavam por confiscar todo o ouro ao seu alcance. Partiam os ídolos locais à martelada, e derretiam-nos caso fossem em ouro. Arrancavam os colares, as pulseiras e os anéis, cortando dedos e cabeças, na furia da busca do maldito metal, acabando por aniquilar civilizações

Pape. Le brigandage effréné et l'asservissement des populations auxquelles on imposait le payement de futurs tributs, tels furent les ressorts réels de leurs actions. Il y eut des exceptions honorables, mais le cadre général peut être considéré comme largement négatif.

Il y eut aussi des exceptions négatives chez les Portugais, mais les orientations de l'Ordre du Christ, qui avait la haute main sur l'ensemble de l'expansion maritime, marquèrent d'une discipline de fer les actions portugaises commandées par des chevaliers initiés, vivants exemples d'une interprétation de la Foi bien différente et de la mission qui leur était dévolue. Nous devons, par conséquent, considérer la majorité des navigateurs portugais comme mi-savants mi-négociants, à l'exemple de ce que furent jadis les Phéniciens.

inteiras e esquecendo-se totalmente do verdadeiro sentido do cristianismo. Tinham por missão o saque imediato e a transferência deste para as cortes dos seus reis, onde as barras eram refundidas e cunhadas em moeda do estado. A Fé era apenas uma desculpa para se receber a benção papal. O roubo indiscriminado e a submissão das populações para lhes impor o pagamento de futuros tributos, foram as molas reais das suas acções. Houveram excepções honradas, mas o quadro geral tem de ser classificado como altamente negativo.

Também houveram excepções negativas entre os portugueses, mas a orientação da Ordem de Cristo, que supervisava toda a expansão marítima, imprimiu uma vontade férrea à actuação portuguesa liderada por cavaleiros iniciados, vivos exemplos de uma interpretação da Fé bem diferente e da missão que lhes estava destinada. Assim, temos de considerar grande parte dos navegadores portugueses como meio-cientistas e meio-comerciantes, tal como outrora já os fenícios tinham sido.

A LA RECHERCHE DU ROYAUME DU PRÊTRE JEAN

Curieusement, on se servait, dans l'antique Lusitanie, d'une écriture qu'on appelle aujourd'hui ibérique, dans laquelle une forte influence phénicienne a laissé son empreinte. On sait aussi que, non seulement les Phéniciens sont apparus sur les côtes lusitaniennes, mais qu'ils s'y sont établis dans des ports à eux, avec des factoreries armées pour abriter le troc des marchandises. C'est précisément ainsi qu'opérèrent, plus tard, les navigateurs portugais.

D'où viennent ces certitudes profondes, qui, à toutes les époques, accompagnèrent les Lusitaniens?

Quelle est cette foi qui poussa des hommes à investir des fortunes dans des desseins dont l'exécution nécessitait des siècles?

Comme figure centrale, susceptible de nous éclairer sur ces questions, se détache un homme: l'INFANT DOM HENRIQUE.

Quelle fut la recommandation qu'il fit à ses navigateurs? "DONNEZ-MOI DES NOUVELLES DU ROYAUME DU PRÊTRE JEAN!"

Ces paroles sont la clef de la recherche du légendaire ROYAUME CHRÉTIEN D'AFRIQUE. Mais comment est-il possible qu'un homme comme l'Infant Dom Henrique ait envoyé de précieuses embarcations et des hommes hautement qualifiés dans le simple but de vérifier la véracité d'une vieille légende? Était-ce seulement curiosité de sa part ou cet ordre, que chacun connaît mais qui reste incompréhensible pour beaucoup, ne permet-il pas d'envisager une motivation aussi puissante que méconnue, qui jette pour nous une lumière bien différente sur les raisons de l'orientation de nos Découvertes?

La figure légendaire du Prêtre Jean, incarnée dans un puissant souverain chré-

EM DEMANDA DO REINO DO PRESTE JOÃO

Curiosamente usou-se em terras da antiga Lusitânia uma escrita hoje chamada de ibérica, com fortes influências e traços fenícios. Também se sabe que os Fenícios não só apareciam na costa lusitana, como até se estabeleceram nos seus portos, com feitorias armadas para servirem de locais de troca de mercadorias. Precisamente o que os navegadores portugueses mais tarde acabaram por fazer.

De onde vêm estas profundas convicções éticas que acompanharam os Lusitanos de todas as eras?

Que Fé é esta que leva homens a investir fortunas em planos cuja execução necessita de séculos?

Como figura central que nos possa dar luz sobre estas questões, destaca-se um homem: o INFANTE DOM HENRIQUE.

Qual foi o recado que ele deu aos seus navegadores?: "TRAZEI-ME NOTÍCIAS DO REINO DO PRESTE JOÃO!"

Estas palavras são a chave para a demanda do lendário REINO CRISTÃO EM ÁFRICA. Mas será possível que um homem ímpar como o Infante D. Henrique enviasse embarcações caras e homens altamente qualificados, para verificarem simplesmente a veracidade de uma velha lenda? Terá sido só curiosidade sua, ou será que esta pergunta conhecida por todos, mas incompreendida por muitos, não esconde a porta de acesso a uma razão tão forte como desconhecida, que nos oferece uma luz bem diferente sobre os motivos e a orientação dos nossos descobrimentos?

A figura lendária do Preste João, personificada num soberano poderoso e cristão, reinando entre terras de infiéis e com quem as monarquias oci-

tien régnant au milieu des pays infidèles, et avec lequel les monarchies occidentales ambitionnaient de s'allier pour combattre l'invasion islamique tout au long du Moyen-Âge, se fondait sur une réalité historique bien concrète.

Après le Concile de Nicée, en 325, et, avec plus de force, après celui d'Ephèse, on persécuta les Chrétiens qui ne voulaient pas se soumettre à la nouvelle hiérarchie ecclésiastique installé à Rome. Les gnostiques, les ariens et les nestoriens, notamment, se virent persécutés, massacrés, ou expulsés de l'Empire Romain qui, au sein de la "PAX ROMANA" et une fois le christianisme reconnu comme religion non seulement autorisée mais officielle, finit par dénier le droit à l'existence à ceux qui interprétaient différemment le message transmis par les disciples de Jésus.

Les légions romaines marchaient à présent, non plus pour poursuivre les Chrétiens en général, avec mission de leur imposer de reconnaître l'Empereur comme la plus grande divinité de l'Empire, mais pour persécuter les "mauvais Chrétiens", sur l'ordre des "bons Chrétiens". Les bons, c'étaient ceux qui se soumettaient à la nouvelle hiérarchie. Les mauvais, ceux qui osaient arborer un point de vue différent.

En trois siècles de persécutions lancées par les Empereurs romains contre les Chrétiens, quelques dizaines de milliers de sectateurs du Nazaréen trouvèrent la mort. Pendant les cent années qui ont suivi l'officialisation du christianisme comme religion d'Empire, ce sont plusieurs centaines de milliers de Chrétiens qui périrent, sur l'ordre d'autres Chrétiens. À Rome, c'était la lutte pour le pouvoir total. L'incompréhension et l'injustice régnaient partout, et nombreux furent ceux qui durent s'enfuir au désert ou dans des régions lointaines pour continuer à vivre leur foi.

On sait qu'un de ces fugitifs parvint à fonder un royaume de splendeur, de puissance et d'harmonie, qui survécut à toutes les tentatives d'invasion de ses voisins. Il s'agissait du ROYAUME DU PRÊTRE JEAN.

On ignore où il se situait précisément. On disait qu'il se trouvait en Inde, mais, en ce temps-là, on appelait Inde tout ce qui se situait à l'est du Nil. On disait aussi qu'il s'agissait d'un ROYAUME CHRÉTIEN EN AFRIQUE, au sud de l'Egypte, dans cette région où le christianisme des origines se maintenait tel qu'il avait été prêché par les disciples de Jésus, avant l'introduction d'une hiérarchie par l'Empereur de Rome.

dentais ambicionavam aliar-se, para combater a invasão islâmica durante a Idade Média, baseava-se numa realidade histórica bem concreta.

Após o Concílio de Niceia, no ano de 325, e com mais força após o de Éfeso, deu-se a perseguição aos cristãos que não se queriam submeter à nova hierarquia eclesiástica instalada em Roma. Nomeadamente, os gnósticos, os arianos e os nestorianos viram-se perseguidos, massacrados ou expulsos do Império Romano, que na sua PAZ ROMANA e uma vez abraçado o cristianismo como religião não só permitida mas até oficial, acabou por negar o direito à existência a outras interpretações das mensagens deixadas pelos discípulos de Jesus.

As legiões romanas marchavam, já não na perseguição dos cristãos em geral, para lhes impor o reconhecimento do Imperador como divindade máxima de todo o Império, mas agora para perseguir os "maus cristãos", por ordem dos "bons cristãos". Bons, eram os que se submetiam à nova hierarquia. Maus, os que se atreviam a possuir outra opinião.

Em três séculos de perseguições lançadas pelos imperadores romanos aos cristãos morreram algumas dezenas de milhar de seguidores da mensagem do Nazareno. No primeiro século da oficialização do cristianismo como religião do Império Romano morreram muitas centenas de milhar de cristãos por ordem de outros cristãos. A luta pelo poder total tinha-se apoderado da chefia em Roma. Incompreensão e injustiça reinaram por toda a parte e muitos tiveram de fugir para o deserto ou para regiões longínquas para poderem sobreviver na sua fé.

Consta que um destes cristãos fugidos tenha conseguido formar um reino de esplendor, força e harmonia, sobrevivendo a todas as investidas dos seus vizinhos. Tratava-se do REINO DO PRESTE JOÃO.

Não se sabia bem onde ele se situava. Dizia-se que era na Índia, mas chamava-se então Índia a tudo o que se situava ao oriente do Nilo. Também se dizia que era um REINO CRISTÃO EM ÁFRICA, ao sul do Egipto, onde se mantinha a versão inicial do cristianismo, tal como havia sido pregado pelos discípulos de Jesus, antes da introdução de uma hierarquia pelo Imperador de Roma.

Os relatos dos peregrinos que século após século visitavam a Terra Santa, já no primeiro milénio após o nascimento de Jesus Cristo, indicavam

Preste João.

Prêtre Jean.

A corte do Preste João.

Le prêtre Jean et les personnes de sa cour.

Les récits des pèlerins qui, siècle après siècle, visitèrent la Terre Sainte déjà durant le premier millénaire, mentionnaient l'existence de Chrétiens en Egypte, du côté d'ALEXANDRIE. On leur donnait le nom de COPTES, parce qu'ils parlaient la langue copte, qui était une réminiscence de la langue et de la culture égyptiennes anéanties par les invasions nomades. On connaissait aussi d'autres noyaux de Chrétiens Coptes dans la région d'Assouan, à l'extrême sud de l'Egypte, et on parlait d'un immense ROYAUME CHRÉTIEN COPTE en ÉTHIOPIE, qu'on appelle aussi ABYSSINIE. Il n'y avait pas là un Roi, mais un Roi des rois, un Empereur en quelque sorte, auquel on donnait le titre de NÉGUS. Tout porte à croire que, s'il existait encore à cette époque un ROYAUME DU PRÊTRE JEAN, c'était bien celui d'Éthiopie, et que son Négus était le Prêtre Jean lui-même. Le fait qu'il s'était écoulé de nombreux siècles depuis qu'on avait entendu parler pour la première fois du Prêtre Jean, et, naturellement, le fait qu'on ne l'avait jamais rencontré en chair et en os, ne gênaient réellement personne. La Foi ne s'explique pas en termes de raison. Il y avait quelque chose de transcendant qui poussait l'Ordre du Christ à la recherche de ce royaume chrétien d'Afrique et nous n'avons jamais su, au vrai, ce qu'il en était. On avance officiellement l'hypothèse d'une alliance contre des ennemis possibles, mais ce n'est pas la plus correcte. Primo parce que les Portugais nouaient et concluaient leurs alliances tous azimuths, sans tenir compte de la religion de leurs partenaires, et secundo parce que le pape n'aurait sans doute pas vu d'un bon oeil une alliance portugaise avec le Royaume Copte, celui-ci n'ayant jamais reconnu la chaire dite de Saint Pierre comme le trône de toutes les Églises chrétiennes.

Mais qu'en était-il finalement de ce légendaire Royaume d'Éthiopie à la fin du Moyen-Age? Si nous regardons la cartographie des XVème, XVIème et XVIIème siècles, nous pouvons constater avec surprise qu'on se le représentait comme un royaume aux dimensions bien différentes de celles que nous lui attribuons aujourd'hui. Non seulement tout le territoire, depuis l'Égypte jusqu'au Mozambique, portait le nom dEthiopie (et il comprenait la plus grande part des régions limitrophes), mais on appelait en outre l'Atlantique Sud la MER D'ÉTHIOPIE. Il est manifeste que, réellement, on espérait trouver un royaume gigantesque. Mais est-ce cette raison qui poussa l'Infant Dom Henrique à donner l'ordre à ses navigateurs (qui, du vivant de l'Infant, ont à peine dépassé la Guinée) de lui donner des nouvelles du Royaume du Prêtre Jean?

a existência de cristãos no Egipto, na zona de ALEXANDRIA. Davam-lhes o nome de COPTAS, por falarem a língua copta, uma reminiscência da língua e cultura dos antigos egípcios, aniquilados pelas invasões nómadas. Também se sabia de outros núcleos de cristãos coptas na região de Assuão, bem no sul do Egipto, e falava-se de um imenso REINO CRISTÃO COPTA na ETIÓPIA, também chamada a ABISSÍNIA. Esta não tinha um Rei, mas sim um Rei sobre Reis, ou seja, um Imperador, ao qual se dava o título de NÉGUS. Tudo leva a crer que, se existisse ainda um REINO DO PRESTE JOÃO, este teria que ser a Etiópia e o seu Négus o próprio Preste João. O facto de que haviam passado muitos séculos, desde que pela primeira vez se tinha ouvido falar do Preste João e, naturalmente, o facto de que ele já não se encontrava entre os vivos, não teve peso nenhum nesta importante questão. A Fé não se explica pela razão e havia algo transcendente que empurrava a Ordem de Cristo na busca deste reino cristão em África. Nunca nos foi revelado ao certo o que era. As razões oficiais da hipótese de uma aliança contra possíveis inimigos, também não é a mais correcta. Primeiro, porque os portugueses faziam e cumpriam as suas alianças em toda a parte, independentemente da fé dos seus parceiros. Em segundo lugar, porque o Papa decerto não veria com bons olhos uma aliança portuguesa com o Reino Copta, visto este nunca ter aceite a cadeira chamada de São Pedro em Roma como o trono de todas as igrejas cristãs.

Mas o que era afinal este lendário Reino da Etiópia no fim da Idade Média? Se olharmos para a cartografia, tanto a quatrocentista, como a quinhentista e a seiscentista, ainda poderemos verificar com espanto que então se imaginava um reino com dimensões bem diferentes das que hoje lhe atribuímos. Não só o território do Egipto até Moçambique se chamava Etiópia, incluindo grande parte do Congo e das regiões vizinhas, como até se deu o nome de MAR DA ETIÓPIA ao Atlântico Sul. Parece que realmente se esperava um reino gigante. Mas terá sido esta a razão que levou o Infante D. Henrique a ordenar aos seus navegadores (que em vida do Infante pouco tinham passado da Guiné) que lhe trouxessem notícias do Reino do Preste João?

Tudo leva a crer que devem ter havido outras razões bem mais profundas, mas menos acessíveis.

Tout porte à croire qu'il devait exister d'autres raisons beaucoup plus profondes, mais moins accessibles.

Quelle était donc cette forme particulière de christianisme qui existait dans ce Royaume du Prêtre Jean? Nous savons qu'il s'agissait du christianisme copte, le seul qui ait survécu aux persécutions des premiers temps, et qui se soit maintenu, lointain et isolé, restant par là-même plus proche du christianisme, non pas officiel, mais primitif. Nous savons que le christianisme copte, avec ses couvents cachés au milieu des montagnes et dans les oasis du désert, servit de refuge à diverses sectes chrétiennes aux siècles des grandes persécutions faites par des Chrétiens contre d'autres Chrétiens. Au Concile de Nicée, les représentants de nombre d'églises chrétiennes, qui se réunissaient alors pour la première fois, eurent l'idée d'apporter avec eux leurs exemplaires des Saintes Écritures telles qu'ils les tenaient des disciples du Christ. On les prétendit comparables, pour éviter que des interprétations contradictoires ne se répandent. On s'entendit sur l'établissement d'une version commune pour tous les Chrétiens. Il est inutile de préciser que la majorité des rouleaux furent brûlés. On doit aux efforts de Saint Jérôme, qui s'adonna pendant quarente ans à l'étude de certains de ces rouleaux, l'édition de la VULGATE, qui, aujourd'hui encore, est notre Bible, après révision en bonne et due forme, cela va sans dire, par la nouvelle hiérarchie ecclésiastique. Des livres qui composaient l'Ancien Testament, on enleva et bannit le Livre d'Enoch, le fils de Mathusalem, et, du Nouveau Testament, on retira l'Évangile de Saint Thomas. Le seul fait de posséder, de lire ou de divulguer cet évangile était interdit et passible d'un châtiment exemplaire.

Parmi les gnostiques, ariens et nestoriens qui trouvèrent refuge dans des lieux écartés, se trouvaient divers membres ayant appartenu au monde scientifique de l'époque. Ils apportèrent avec eux leurs rouleaux et formèrent des disciples secrets qui continuèrent à propager le message du Christ dans sa forme originale. Pour avoir accès à ce savoir, il fallait avoir été choisi et initié, dans la mesure où le simple fait de posséder cette connaissance et de la divulguer était dangereux et puni de mort. Une grande partie des plus anciens rouleaux relatifs à la vie de Jésus qui soient parvenus jusqu'à nous ont été trouvés dans des monastères coptes particulièrement difficiles d'accès. Les autres exemplaires connus ont été découverts en Égypte et dans les grottes de la Mer Morte (soit tous dans la même région du globe), et aucun ne remonte au-delà du Vème siècle.

Que forma de cristianismo é que existia neste Reino do Preste João? Sabemos que era o cristianismo copta, o único que sobreviveu às perseguições dos primeiros tempos e que se manteve distante e isolado, permanecendo por isso mais perto do cristianismo inicial, não estatal. Sabemos que o cristianismo copta e os seus conventos escondidos no meio das montanhas e em oásis do deserto foram refúgio para diversas seitas cristãs nos séculos das grandes perseguições de cristãos por cristãos. No Concílio de Niceia, os representantes das muitas igrejas cristãs, que então se reuniam pela primeira vez para elegerem os dirigentes da Igreja de Roma — que assumiu a chefia para toda a cristandade —, foram aconselhados a fazerem-se acompanhar dos seus exemplares das sagradas escrituras, que lhes tinham sido deixados pelos discípulos de Cristo. Pretendia-se comparar as mesmas, para evitar que alguém espalhasse interpretações contraditórias. Convinha o estabelecimento de uma versão comum para todos os cristãos. Escusado será dizer que a maioria dos rolos foram queimados. Deve-se ao esforço de quarenta anos de estudo de alguns desses rolos, efectuado então por São Jerónimo, o aparecimento da VULGATA que ainda hoje é a nossa Bíblia, obviamente após a respectiva revisão feita pela nova hierarquia eclesiástica. Dos livros que formavam o Antigo Testamento retirou-se e baniu-se o livro de Enoch, o filho de Matusalém, e do Novo Testamento tirou-se o Evangelho de São Tomé. A posse, leitura ou divulgação deste evangelho era interdita e punida de forma exemplar.

Entre os gnósticos, arianos e nestorianos que se tinham refugiado em lugares remotos, encontravam-se diversos membros destacados do mundo científico de então. Levaram consigo os seus rolos e acabaram por ter discípulos secretos, que continuaram a divulgar a mensagem de Cristo na sua versão original. Para se ter acesso a estes conhecimentos tinha de se ser escolhido e iniciado, visto o simples conhecimento e a sua divulgação serem perigosos e punidos com a morte. Grande parte dos mais antigos rolos ainda hoje existentes que nos falam da vida de Jesus, foram encontrados em mosteiros coptas de muito difícil acesso. Os outros exemplares conhecidos descobriram-se no Egipto e em grutas do Mar Morto, ou seja, todos eles na mesma área do globo, não sobrando nada anterior ao século V em nenhuma outra parte do mundo cristão.

Vara de bronze cristã-ariana, norte-africana, do séc. IV, V ou VI, mostrando o templo, a pomba e a cruz que simbolizam respectivamente o corpo, o espírito e a alma.

Bâton de bronze christo-arien nord-africain avec le temple, la colombe et la croix qui symbolisent le corps, l'esprit et l'âme.

Cabeça da vara de um juiz do Espírito Santo. Obra em ferro, séc. XVI, de origem portuguesa. Mostra o templo, a pomba e a cruz, símbolos que a ligam ao culto do Espírito Santo, à Igreja Copta e ao Cristianismo Ariano.

Tête de bâton d'un juge du Saint Esprit. Montre le temple, la colombe et la croix, symboles qui la relient au culte du Saint Esprit, à l'Eglise Copte et au Christianisme Arien.

A representação da pomba também se encontra na bandeira do culto do Espírito Santo nos Açores.

La représentation de la colombe se trouve aussi dans le drapeau du culte du Saint Esprit aux Açores.

A Santa Madre Igreja reivindica para si o direito de ser a detentora da luz do Espírito Santo, com a qual pretende cegar os seus opositores.

L'Eglise reclame pour soi-même le droit d'avoir la possession de la lumière du Saint Esprit, avec laquelle prétend aveugler ses opposants.

O Espírito Santo e a Virgem.

Le Saint Esprit et la Vierge.

A Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

La Sainte Trinité: Père, Fils et Saint Esprit.

LE CHRISTIANISME ARIEN

Fuyant les persécutions, surgirent aussi en Europe les Chrétiens ariens, sectateurs d'Arius d'Alexandrie et de son interprétation de la foi chrétienne. Comme leur foi était profonde et qu'ils partageaient la méfiance de nombre de peuples limitrophes de l'Empire quant à leur relation avec le pouvoir central à Rome, il leur fut facile d'agir en missionnaires de cette religion nouvelle, dans sa version non soumise à Rome. Ainsi se répandit le christianisme arien dans la Péninsule Ibérique et en Gaule, où fut baptisé Genséric, roi des Vandales. Ce peuple, venu des bords de la Baltique, avait fini par prendre la direction des Alpes, puis, obliquant vers l'ouest, par pénétrer en Gaule. Leurs combats contre les Huns avaient été si meurtriers qu'ils préféraient occuper la Gaule, qui était déjà à cette époque province romaine. Un général romain se vit alors obligé de combattre une des tribus vandales, d'en capturer une partie et de l'exiler aux Îles Britanniques. Les Vandales se réunirent pour élire un Roi dont la mission serait de découvrir une nouvelle terre et de combattre Rome si cela s'avérait nécessaire.

Ce roi fut Genséric. Elu en 427, il pénétra avec son peuple dans la Péninsule Ibérique en 428. En 429, il traversait le détroit de Gibraltar avec 18.000 guerriers dans l'espoir de conquérir Carthage, qui occupait alors le second rang parmi les cités de l'Empire. Ses forces étant insuffisantes, Genséric résolut de retourner dans la Péninsule, où il se regroupa avec les Bétiques, les Alains et les Lusitains. Ils formèrent alors une nouvelle armée de 50.000 hommes, avec lesquels ils mirent le siège devant Carthage. Le siège dura des années, et la ville fut prise en 439.

De nos jours, le nom des Vandales a pris une connotation négative, mais cela n'a rien à voir avec ce peuple qui s'est éteint depuis plus d'un millénaire. Le mot "van-

O CRISTIANISMO ARIANO

Na fuga às perseguições, também surgiram na Europa cristãos arianos, seguidores de Arius de Alexandria e da sua interpretação da fé cristã.

Como a sua convicção era profunda e partilhavam da desconfiança de muitos dos povos limítrofes do Império Romano em relação ao poder central de Roma, foi-lhes fácil actuar como missionários desta nova fé, mas na sua versão não submetida a Roma. Espalhou-se assim o cristianismo ariano pela Península Ibérica e a Gália, onde se baptizou Giserico, o Rei dos Vândalos. Este povo tinha vindo das costas do Mar Báltico, acabando por se dirigir primeiro em direcção aos Alpes, mas seguindo depois para o ocidente, entrando na Gália. As suas lutas contra os Hunos tinham sido tão sangrentas que preferiram ocupar a Gália, que era já então uma província romana. Aqui, um general romano viu-se forçado a combater uma das tribos vândalas, prender parte da mesma e expulsá-la para as Ilhas Britânicas. Os Vândalos acabaram então por se reunir e eleger um Rei que se comprometesse a descobrir uma nova terra e a combater Roma se necessário fosse.

Este Rei foi Giserico. Eleito em 427, entrou com o seu povo na Península Ibérica em 428, atravessando o estreito de Gibraltar com 18.000 guerreiros no ano de 429, para tentar conquistar Cartago, na altura a segunda mais importante cidade do Império Romano. Como as suas forças não eram suficientes, acabou por voltar à Península, juntando-se aos Béticos, Alanos e Lusitanos e formando um novo exército então de cinquenta mil homens, com os quais fez um cerco a Cartago durante anos, acabando por tomar a cidade em 439.

Hoje fica-nos um sabor amargo na boca, quando utilizamos o nome dos Vândalos. Mas isto nada tem a ver com este povo que já se extinguiu há

dalisme" est apparu pour la première fois dans le vocabulaire français au XVIIIème siècle. On avait choisi le nom d'un peuple qui ne pouvait plus se défendre. Les Vandales ont sans doute été aussi bons et aussi mauvais que la plupart des autres peuples qui migraient à travers l'Europe. Ce qui justifie une classification si péjorative, c'est justement la source historique par laquelle nous connaissons son existence, et qui nous a été transmise précisément par son pire ennemi: l'Église de Rome et de Byzance.

Genséric se convertit au christianisme arien et en devint le plus ardent défenseur. Curieusement, on a mis au jour, à Lisbonne précisément, un flacon de baptême christo-arien du Vème siècle qui, tout porte à le croire, pourrait n'être pas sans relation avec Genséric, qu'il s'agisse de lui-même ou de l'un de ses familiers. Le flacon porte le symbole de la CROIX CHRÉTIENNE sous sa forme dite celtique, qui fut utilisée aussi par les Wisigoths, et plus tard par les Templiers, comme par ailleurs dans l'Église Copte. Une inscription votive, encore bien lisible, souhaite à GENSÉRIC ET À SES SUCCESSEURS LA VIE ÉTERNELLE. (1)

La découverte de ce flacon de baptême à Lisbonne est intéressante, mais pas totalement inespérée: des historiens irlandais se sont fait l'écho d'une tradition selon laquelle ce sont des missionnaires christo-ariens venus de Lisbonne qui ont été à l'origine de la christianisation de leur île. La conversion des Irlandais et des Ecossais au christianisme byzantin et, plus tard, catholique, intervint postérieurement. Ce furent néanmoins les moines irlandais qui assumèrent la christianisation de la majeure partie des peuples germaniques.

Les Lusitains, Vandales, Wisigoths et autres, se convertirent au christianisme, mais sans s'inféoder à la hiérarchie de Rome. Avec l'aide des Lusitains, Genséric rassembla une flotte armée et réussit à s'emparer des Baléares, de la Corse, de la Sardaigne, de la Sicile et de Malte. Il décida même d'envoyer un navire aux Canaries, les Îles Fortunées d'alors, où vivait une population Guanche sur l'origine de laquelle on ne sait rien de certain. Rome envoya sa flotte, la plus puissante qu'on connaisse pour le nombre des navires. Ce furent plus de mille voiles qui surgirent à l'horizon de Tunis, et presque tous ces vaisseaux coulèrent par le fond. La flotte vandale était moins importante, mais mieux entraînée. Suite à cela, Genséric s'empara

(1) Ce thème a déjà été traité dans l'ouvrage de l'auteur "Paginas Secretas da História de Portugal", p. 44 et 45. Publ. Quipu, 1998. N.E.

mais de um milénio. O termo "vandalismo" surgiu pela primeira vez num dicionário francês do século XVIII. Alguém escolheu o nome de um povo que já não se podia defender. Os Vândalos devem ter sido tão bons ou tão maus como a maioria dos outros povos então em migração pela Europa. O que justifica a sua classificação tão negativa é apenas a fonte histórica que nos fala acerca da sua existência, e que nos foi deixada precisamente pelo seu maior inimigo: a Igreja de Roma e de Bizâncio.

Giserico converteu-se ao cristianismo ariano e acabou por se tornar o seu maior defensor. Curiosamente, apareceu precisamente em Lisboa um jarro de baptismo cristão-ariano do século V que, tudo leva a crer, poderá ter bastante a ver com Giserico, tratando-se até possivelmente do seu próprio jarro de baptizado, ou de alguém que lhe estivesse muito ligado. O jarro mostra o símbolo da CRUZ CRISTÃ na forma chamada celta, utilizada também pelos Visigodos e mais tarde pelos Templários, como também pela igreja copta. Uma inscrição à sua volta, ainda hoje bem legível, mostra-nos que se deseja a GISERICO E SEUS SUCESSORES ETERNA VIDA. [1]

O aparecimento deste jarro de baptismo em Lisboa é interessante mas não totalmente inesperado: historiadores irlandeses mantêm o conhecimento de que a cristianização da sua ilha começou por missionários cristãos arianos vândalos, vindos de Lisboa. A conversão dos irlandeses e escoceses ao cristianismo bizantino, mais tarde católico, deu-se posteriormente. Foram no entanto estes monges irlandeses que assumiram a cristianização da maior parte dos povos germânicos.

Os Lusitanos, Vândalos, Visigodos e tantos outros, acabaram por se tornar cristãos, mas independentes da hierarquia de Roma. Com a ajuda dos Lusitanos, Giserico construiu uma grande armada, acabando por tomar as Baleares, Córsega, Sardenha, Sicília e a Ilha de Malta. Até chegou a enviar um navio às Canárias, as Ilhas Afortunadas de então, que possuíam uma população Guanche, da que ninguém sabe ao certo a origem. Roma enviou a sua esquadra, a maior, sob o ponto de vista do número de embarcações, de que se tem conhecimento. Foram mais de mil velas que apare-

---

(1) Este tema foi já abordado mais desenvolvidamente na obra do autor "Páginas Secretas da História de Portugal", pág. 44 e 45. Publ. Quipu, 1998. N. Editor.

de la Libye, fit son apparition sur les côtes italiennes et mit à sac la ville de Rome en 455. Les Romains tremblèrent à l'idée que le Vandale pourrait faire de Rome sa nouvelle capitale. Mais la légende rapporte qu'il trouvait Rome si corrompue et dégénérée qu'il estimait que même un chien ne pourrait pas y vivre. Il épargna les églises et retourna à Carthage, la véritable capitale de son vaste empire, où il régna pendant cinquante ans. Il mourut paisiblement, à un âge avancé, non sans avoir au préalable coulé la flotte byzantine. Son Empire fut parmi les plus grands et les plus rapidement établis. La majeure partie de la Méditerranée lui appartenait. C'est pour cette raison qu'on peut aujourd'hui encore trouver des cartes anciennes avec le nom de "MER DES VANDALES" pour désigner la Méditerranée, cette mer que les Romains appelaient "MARE NOSTRUM".

Qu'est-ce qui a bien pu diviser le christianisme byzantin et le christianisme arien, au point qu'ils se soient fait ainsi une guerre à mort?... Un Roi wisigoth de Lusitanie choisit de mettre à mort son propre fils à cause de cela.

La raison officielle, relative aux différences d'interprétations quant à la divinité du Christ, ne doit pas être considérée comme la plus importante. Les Chrétiens ariens ne possédaient pas de hiérarchie ecclésiastique. Ils avaient en Dieu une foi profonde et s'approchaient de Lui par l'oraison. Celle-ci pouvait se faire aussi bien à la maison qu'à cheval, dans une forêt, dans un bateau ou sur une plage. Pour eux, Dieu était omnipotent, omniprésent, et ils demandaient Son aide à travers l'oraison appuyée sur la Foi. Ils obtenaient de la sorte aide et soutien en quelque domaine ou circonstance que ce soit.

Or celui qui entre directement en contact avec Dieu peut ne pas voir la nécessité de l'existence d'une hiérarchie intermédiaire entre Dieu et les hommes. C'est là que surgit le péril pour les hiérarchies alors existantes qui perdaient là la reconnaissance de leur importance, de leur juridiction et de leur autorité. Des organisations gigantesques luttèrent pour leur survie. Rome y Byzance joignirent leurs efforts pour conjurer ce péril une fois pour toutes. Ce fut une lutte à mort qui ne connut pas de trêve, et qui n'avait rien à voir avec le message du Christ.

Un siècle plus tard, un général byzantin réussit à s'emparer du dernier Roi Vandale et de son peuple. Il mit à exécution, à cette occasion, l'une des sentences les plus barbares qu'on puisse imaginer. Tous les hommes valides, condamnés au service militaire à vie dans la cavalerie byzantine, furent envoyés en Russie. Les

ceram em frente a Tunes, e quase todas foram metidas a pique. A esquadra vândala era menor, mas melhor. Em seguida, Giserico tomou a Líbia, aparecendo então em frente à costa italiana, saqueando a cidade de Roma no ano de 455. Os romanos tremeram, temendo que o Vândalo fizesse de Roma a sua nova capital. Mas narram as lendas que ele considerou Roma tão corrupta e degenerada que não queria que nem um cão seu vivesse nesta cidade. Poupou as igrejas e voltou a Cartago, a verdadeira capital do seu vasto Império, onde reinou durante cinquenta anos, acabando por morrer pacificamente de avançada idade, mas não sem antes afundar também a esquadra bizantina. O seu Império foi dos maiores e mais rapidamente erigidos. Grande parte do Mediterrâneo pertencia-lhe. Por esta razão, ainda hoje se podem encontrar mapas antigos que dão o nome de "MAR DOS VÂNDALOS" ao Mediterrâneo, a que os romanos chamavam "MARE NOSTRUM".

O que dividia tanto o cristianismo bizantino do cristianismo ariano ao ponto de se guerrearem até à morte?... Um Rei visigodo da Lusitânia chegou a matar o seu próprio filho por esta razão.

A razão oficial, que refere as diferenças e interpretações da divindade de Cristo, não deve ter sido a mais importante. Os cristãos arianos não possuíam hierarquia eclesiástica. Tinham fé profunda em Deus e aproximavam-se d'Ele através da oração. Esta tanto podia ser feita em casa, como a cavalo, como numa floresta, numa embarcação ou na praia. Consideravam Deus omnipotente e omnipresente e pediam a Sua ajuda através da oração carregada de Fé. Obtinham assim ajuda e convicção, em qualquer parte ou circunstância.

Ora, quem entra directamente em contacto com Deus pode não ver a necessidade da existência de uma hierarquia intermediária entre Deus e os homens. Surgiu assim o perigo das hierarquias então existentes perderem o reconhecimento da sua importância, jurisdição e aceitação. Organizações gigantes lutaram pela sua sobrevivência. Roma e Bizâncio combinaram os seus esforços para acabar com este perigo de vez. Era uma luta de morte sem tréguas, que nada tinha a ver com a mensagem de Cristo.

Um século mais tarde, um general bizantino acabou por prender o último Rei Vândalo e seu povo. Aplicou-se então uma das sentenças mais bárbaras imagináveis. Todos os homens válidos foram sentenciados ao serviço militar vitalício na cavalaria bizantina, tendo sido enviados para as cam-

autres furent décapités. Toutes les femmes vandales furent mariées de force avec les Africains de l'Empire Byzantin, les Nubiens et les Soudanais en particulier. Aujourd'hui encore on peut rencontrer dans le sud de l'Égypte et au Soudan des individus blonds aux yeux bleus, descendants de ces mariages forcés par l'intermédiaire desquels se pratiqua un véritable génocide.

Le christianisme arien se maintint cependant, sous forme latente (et bien évidemment anonyme) dans l'antique Lusitanie.

Quand Dom Afonso Henriques entreprit sa "reconquista", il rencontra une population mozarabe, ce qui signifie une symbiose harmonieuse entre musulmans, juifs et chrétiens.

Beaucoup durent s'étonner en découvrant que l'un des premiers actes de ce premier Roi du Portugal, après la prise de Lisbonne, fut de faire décapiter l'évêque chrétien de la ville. On aurait pu penser que Dom Afonso Henriques recevrait l'évêque chrétien de Lisbonne à bras ouverts et que celui-ci se serait senti libéré, mais ce ne fut pas le cas. Comme aucun portugais n'a pas voulu accepter le ministère d'évèque chétien catholique de Lisbonne, Dom Afonso Henriques a nommé un croisé britanique, Gilbert of Hasting.

Le récit d'un des croisés nordiques qui participèrent à la prise de Lisbonne va jusqu'à nous parler du "miracle de Lisbonne". Nombre d'habitants sortaient en courant de leur maison et, avant d'être abattus, s'agenouillaient et faisaient le SIGNE DE LA CROIX. On a vu dans ce geste la conversion de Maures à leur dernière heure, mais en réalité il s'agissait de chrétiens qu'on s'apprêtait à abattre. Le Portugal avait besoin de la reconnaissance du Pape en tant que nouvelle nation souveraine, indépendante de Léon, et le Pape permettait l'existence des Juifs, dans la mesure où on avait une chance de les convertir, et même des Mahométans, que l'on pouvait également espérer baptiser. Ce qu'il ne pouvait permettre, en aucune façon, c'était l'existence de chrétiens convaincus, qui jamais ne se soumettraient à l'autorité de Rome. Le choix peut avoir été difficile, mais Dom Afonso Henriques devait prendre position. Il ne s'acquitta pas du paiement exigé par le Pape, ce qui causa des frictions entre ses héritiers et les représentants du Saint-Siège, mais il mit fin à ce qui subsistait du christianisme arien à Lisbonne.

Y mit-il fin vraiment?... N'y eut-il pas justement les Templiers, qui, bien qu'étant une force d'élite relevant directement de l'autorité du Pape, prouvèrent plus d'une

panhas da Rússia. Os restantes eram degolados. Todas as mulheres vândalas foram obrigadas a casar com negros do Império de Bizâncio, nomeadamente com Núbios e Sudaneses. Ainda hoje se podem encontrar no sul do Egipto e no Sudão pessoas loiras e com olhos azuis, descendentes destes casamentos forçados, através dos quais se conseguiu aniquilar um povo numa só geração.

O cristianismo ariano manteve-se no entanto, de forma escondida (obviamente sem este nome), na antiga Lusitânia.

Quando D. Afonso Henriques fez a sua reconquista cristã, encontrou uma população moçárabe, o que significa uma convivência harmoniosa entre muçulmanos, hebreus e cristãos.

Muitos devem estranhar quando descobrem que uma das primeiras acções deste primeiro Rei de Portugal, após a tomada de Lisboa, foi o degolamento do Bispo Cristão de Lisboa. Podia-se pensar que D. Afonso Henriques receberia o Bispo Cristão de Lisboa de braços abertos e que este se sentisse libertado, mas não foi o caso. Como nenhum português quis aceitar o lugar de Bispo Cristão Católico de Lisboa, D. Afonso Henriques nomeou então um cruzado britânico, Gilbert of Hastings. O relatório de um dos cruzados nórdicos que participaram na tomada de Lisboa até nos fala do "milagre de Lisboa". Muitos dos habitantes fugiam das suas casas e antes de serem abatidos, ajoelhavam-se e faziam o SINAL DA CRUZ. Considerava-se isso uma conversão de mouros nos últimos instantes, mas na realidade eram cristãos que estavam a ser abatidos. Portugal necessitava do reconhecimento papal como nova nação soberana, independente de Leão, e o Papa permitia a existência de hebreus, porque podiam ser convertidos e também a de maometanos, que se podiam igualmente baptizar. O que não se permitia, de modo nenhum, era a existência de cristãos convictos que não se submetiam à hierarquia de Roma. A escolha pode ter sido difícil, mas D. Afonso Henriques teve de optar. Não cumpriu o pagamento exigido pelo Papa, o que ainda causou fricções com os seus herdeiros e os representantes da Santa Sé, mas acabou com o que restava do cristianismo ariano em Lisboa.

Terá mesmo acabado?... Não terão sido precisamente os Templários que, embora sendo uma força de elite directamente sob as ordens papais, mais do que uma vez demonstraram que nada tinham a ver com a hierarquia da

fois qu'ils n'avaient rien à voir avec la hiérarchie du Saint-Siège?... Ne fut-il pas démontré par les procès faits aux Templiers que ces derniers adoptaient une interprétation du christianisme différente de celle qui était officiellement en vigueur?

Toute réponse qu'on peut trouver semble soulever de nouvelles questions. Et qu'est-ce que tout ceci a à voir avec l'Infant Dom Henrique et sa quête du Royaume du Prêtre Jean?

Quel intérêt a pu pousser le Portugal à s'allier si clairement avec une puissance qui, déjà à cette époque, faisait partie du Tiers Monde, qui ressemblait plutôt à un état tribal, avec des origines religieuses comparables, mais lointaines?

Quelle sorte de contacts existaient entre la cour de Lisbonne et celle de Lalibela?

Déjà sous le règne de Dom Afonso V, on avait vu surgir des émissaires du Négus d'Abyssinie. Dans l'unique ouvrage attribué à ce monarque portugais initié, écrit selon une thématique alchimique, on trouve mentionné qu'il a reçu ses connaissances de ses deux professeurs d'Alexandrie. Cette cité copte peut tout à fait avoir été un noeud très important dans l'évolution de l'histoire du Portugal, sans que jamais il n'ait été tenu compte de ce fait.

Il existe, à Saint-Michel d'Odrinhas, près de Sintra, un tumulus chrétien avec une inscription qui nous indique que le personnage en question était GARDIEN DU TEMPLE D'ALEXANDRIE.

Cette ville, créée par Alexandre le Grand dans le delta du Nil et où s'était établie une colonie appartenant à l'élite grecque qui fut à l'origine du ROYAUME PTOLEMAIQUE, entra dans l'histoire universelle à cause surtout de l'importance de sa fameuse bibliothèque. Alexandre de Macédoine, disciple d'Aristote, avait étendu le MONDE GREC en direction de l'orient jusqu'au Gange, et vers le sud en prenant le contrôle du Nil. Un de ces choix politiques qui lui étaient propres fut de rassembler tous les grands cerveaux des pays qu'il occupait dans sa bibliothèque d'ALEXANDRIE, afin qu'ils y fassent des recherches sur nos origines et transmettent leurs conclusions à des disciples d'élite.

Alexandre le Grand donna aussi des ordres pour que ses généraux se marient avec les filles des souverains des pays conquis, de façon à maintenir un lien familial avec leurs habitants. Cette façon de faire fut toujours considérée comme curieuse. Des siècles plus tard, néanmoins, on la retrouve dans les directives d'AFONSO ALBUQUERQUE, qui offrait une maison gratuite, une aide financière, l'exemption

Santa Sé?... Não ficou demonstrado nos processos feitos aos Templários que estes seguiam uma interpretação do cristianismo diferente da que oficialmente estava então em vigor?

Cada resposta que se encontra parece levantar diversas novas perguntas. O que tinha tudo isto a ver com o Infante Dom Henrique e a sua demanda pelo Reino do Preste João?

Como é que poderia interessar a Portugal ligar-se de forma tão clara a uma potência já então do Terceiro Mundo, que pouco passava de um estado tribal, com remotas origens religiosas paralelas?

Que contactos é que existiam entre a Corte de Lisboa e a de Lalibela?

Já no reinado de D. Afonso V tinham surgido emissários do Négus da Abissínia. No único livro atribuído a este monarca iniciado português, escrito sobre uma temática alquímica, D. Afonso V menciona que recebeu os seus conhecimentos dos seus dois professores de Alexandria. Esta cidade copta pode muito possivelmente ter tido uma ligação de grande importância para a evolução da história de Portugal, sem que nós nunca nos tenhamos dado conta disso.

Existe um túmulo romano em São Miguel de Odrinhas, perto de Sintra, com uma inscrição que nos indica que a personagem em questão era GUARDA DO TEMPLO DE ALEXANDRIA.

Esta cidade, criada por Alexandre Magno no delta do Nilo, onde colocou uma colónia de elite grega estabelecendo o REINO PTOLEMAICO, entrou na história universal sobretudo pela importância da sua famosa biblioteca. Alexandre da Macedónia, aluno de Aristóteles, tinha expandido o MUNDO GREGO em direcção ao oriente, chegando até ao Ganges, e em direcção ao sul, controlando o Nilo. Uma das suas invulgares orientações políticas foi a de juntar todos os grandes cérebros dos países que ocupava, na sua biblioteca de ALEXANDRIA, para que estudassem acerca das nossas origens e transmitissem as conclusões a alunos de elite.

Alexandre Magno também deu ordens para que os seus generais casassem com as filhas dos soberanos dos países conquistados, mantendo assim uma ligação familiar com os seus habitantes. Este seu gesto foi sempre considerado estranho. No entanto, repetiu-se séculos mais tarde nas directrizes de AFONSO DE ALBUQUERQUE, que oferecia casa de graça,

d'impôts et d'autres privilèges, à ceux de ses capitaines et de ses marins qui épouseraient les filles des souverains indigènes. Le conquérant de GOA peut avoir pris cette initiative pour s'acquitter des ordres reçus de son Roi Manuel Ier, mais on peut supposer aussi que lui-même, en tant qu'initié dans les profondes connaissances du passé, avait pris cette décision. Du Roi Dom José existe encore le décret du 4 avril 1755, un des plus intelligents jamais promulgués en bonne politique pour une relation harmonieuse des populations d'origines très différentes. Il dit notamment: *"MOI, LE ROI, fais savoir à ceux qui ce décret liront, que, considérant ce qui doit être, mes domaines royaux d'Amérique doivent être peuplés et que, pour cette fin, il peut être apporté beaucoup aux relations avec les Indiens par le moyen des mariages: Qu'il soit proclamé que mes Vassaux résidant en ce royaume et ceux d'Amérique qui se marieront avec des Indiennes de là-bas, non seulement le feront sans infamie aucune mais se rendront dignes de ma Royale attention, et que dans les terres où ils s'établiront ils auront partout la préférence pour les lieux et les fonctions, qu'ils auront le rang qui convient à leur personne et que leurs fils et descendants auront de plein droit la capacité juridique de recevoir tout emploi, honneur ou Dignité sans qu'aucune dispense ne soit nécessaire, du seul fait de ces alliances…"*

Depuis Alexandre le Grand, aucun monarque européen, en dehors du Portugal, n'avait eu l'idée d'encourager les mariages mixtes. Il est à l'honneur de Dom José de Portugal de démontrer à tous les autres monarques d'Europe que, dans sa politique, il n'existait pas de "tabous" dans ce domaine.

Les mauvaises langues européennes du XVIème siècle affirmaient déjà que Dieu avait créé le blanc, le brun, le jaune, le noir et le rouge, et que les Portugais avaient créé le métis. Au Portugal, on appelait cela la "politique du lit". Les résultats furent hautement bénéfiques pour l'établissement de liens durables entre les Portugais et nombre d'autres peuples par eux découverts.

Notons la curieuse coïncidence entre le procédé employé dans la politique expansionniste d'Alexandre le Grand et par les Rois du Portugal de nombreux siècles plus tard. De toute évidence, il s'agit d'une simple coïncidence, dans la mesure où rien n'indique qu'un lien ait put exister dans leur façon de penser entre des monarques que deux millénaires ou presque séparent. A moins que, peut-être, un tel lien ait existé?

uma ajuda financeira, isenção de impostos e outras regalias, aos seus capitães e navegadores que casassem com as filhas dos soberanos indígenas. O conquistador de GOA podia ter tomado esta iniciativa em cumprimento de ordens recebidas do seu Rei D. Manuel I, mas também é possível que ele mesmo, como homem iniciado em profundos conhecimentos do passado, tomasse esta decisão. Do Rei D. José ainda existe o alvará de 4 de Abril de 1755, um dos mais inteligentes que jamais se fizeram no sentido de boa política para um relacionamento harmonioso entre populações de origens muito diferentes. Diz, nomeadamente: *"EU EL REY faço saber aos que este meu Alvará de Ley virem, que considerando o quanto convém, que os meus Reaes domínios da América se povoem, e que para este fim pode concorrer muito a comunicação com os Índios, por meyo de casamentos: Sou servido declarar, que os meus Vassallos deste Reyno, e da América, que casarem com as Indias della, não ficão com infamia alguma, antes se farão dignos da minha Real attenção, e que nas terras, em que se estabeleceram, serão preferidos para aqueles lugares, e ocupações, que couberem na graduação das suas pessoas, e que seus filhos, e descendentes serão habeis, e capazes de qualquer emprego, honra, ou Dignidade, sem que necessitem de dispensa alguma, em razão destas alianças...*

Desde Alexandre Magno, não houveram outros monarcas europeus, a não ser os portugueses, que encorajassem o casamento inter-racial. Coube a D. José de Portugal a honra de mostrar a todos os restantes monarcas europeus que, para a sua política, não existiam "tabus" neste campo.

As más línguas europeias do século XVI já tinham afirmado que Deus criara o branco, o castanho, o amarelo, o preto e o vermelho e que os portugueses tinham criado o mestiço. Em Portugal chamava-se a isso a política da "cama". Os resultados foram altamente benéficos para as boas ligações entre os portugueses e muitos dos outros povos por eles encontrados.

Registamos a curiosa coincidência entre o procedimento verificado na política expansionista de Alexandre Magno e a dos Reis de Portugal, muitos séculos depois. Obviamente, trata-se de uma simples coincidência, porque nada nos indica que possa ter havido uma ligação entre as formas de pensar de monarcas afastados uns dos outros por quase dois milénios. Ou será que houve?

L'ORDRE DU CHRIST, HÉRITIER DE LA TRADITION ÉSOTÉRIQUE

Les rois du Portugal ont sans doute eu connaissance de la grande bibliothèque d'Alexandrie et de l'incendie qui la consuma en 48 avant J.C., ainsi que des efforts de certains de ses bibliothécaires pour tenter de sauver au moins quelques-uns des rouleaux les plus précieux (il y en aurait eu 700.000 en tout), qu'ils firent partir, répartis en deux caravanes dont l'une suivit la Méditerranée et l'autre s'enfonça dans les déserts du Sud.

L'Ordre du Christ possédait aussi des copies des cartes du fameux CLAUDIUS PTOLEMMEE, cartographe d'Alexandrie du IIème siècle de notre ère. Ses cartes ont été copiées durant un millénaire et demi: elles montrent le monde tel qu'il était connu à l'époque romaine, depuis les Canaries jusqu'à la célébre ˜île TAPROBANA, au sud de l'Inde, dont parle Luís de Camões au premier vers des Lusiades. Aller au--delà de Tabrobana, c'était comme aller au-delà des limites du monde. Ceux qui parvinrent à réaliser cela furent les Portugais.

L'intérêt de l'Infant Dom Henrique et des autres membres de l'Ordre du Christ pour les connaissances en matière de cartographie et pour les relations de voyages finirent par être partagées par son frère, Dom Pedro. Cet Infant de Portugal fit un périple dans les cours européennes et, à un moment donné, au cours d'un dîner amical avec les Doges de Venise, il parla de son intérêt pour cette matière. On lui remit alors un coffret contenant des cartes et le journal de frères vénitiens qui, un siècle auparavant, étaient revenus de leurs pérégrinations à travers l'Asie et relataient des histoires incroyables. Ainsi parvint au Portugal le Journal de Marco Polo, accompagné de nombre de ses annotations et de ses cartes. Ce journal fut publié des années plus tard, au même moment, en Allemagne et au Portugal, ce qui

A ORDEM DE CRISTO, HERDEIRA DA TRADIÇÃO ESOTÉRICA

Os Reis de Portugal devem ter sabido da grande biblioteca de Alexandria e do fogo que a consumiu (48 a.C.), bem como dos esforços dos seus bibliotecários, que tentaram salvar pelo menos alguns dos rolos mais preciosos (constava ter havido cerca de setecentos mil ao todo), enviando-os divididos em duas caravanas, seguindo uma pela borda do Mediterrâneo e entrando a outra nos desertos do sul.

A Ordem de Cristo também possuía cópias dos mapas do famoso CLAUDIUS PTOLEMAEUS, o cartógrafo de Alexandria do segundo século da era cristã. Os seus mapas foram copiados durante um milénio e meio, mostrando o mundo conhecido na época romana, desde as Canárias até à célebre ilha TAPROBANA, ao sul da Índia, da qual Luís de Camões nos fala no primeiro verso de *Os Lusíadas*. Ir além da Taprobana era uma espécie de viagem para além do fim do mundo. Quem a conseguiu realizar foram os portugueses.

Os interesses do Infante D. Henrique e dos outros membros da Ordem de Cristo, em conhecimentos cartográficos e relatos de viagens, chegaram a ser compartilhados pelo seu irmão, D. Pedro. Este Infante de Portugal fez uma viagem pelas cortes da Europa, onde em dada altura, num jantar de boa disposição com os Doges de Veneza, mencionou o seu interesse nesta matéria. Recebeu então uma arca com mapas e um diário de uns irmãos venezianos, que um século antes tinham voltado das suas grandes viagens à Ásia, relatando histórias inacreditáveis. Chegaram assim a Portugal, o

se comprend si on tient compte du fait que les principaux ateliers typographiques portugais de ce temps se trouvaient aux mains d'Allemands — qui avaient introduit l'imprimerie au Portugal —, qui maintenaient des liens profonds avec leurs villes d'origine et leur permirent ainsi d'avoir accès au précieux manuscrit auquel, à Venise, personne ne prêtait attention.

Cette grave erreur eut pour conséquence pratique (pour les Vénitiens) que Lisbonne devint le nouveau PORT DE L'EUROPE pour l'Orient, avec le risque pour l'antique port qu'avait été Venise de sombrer dans l'oubli.

Mais les connaissances scientifiques de l'Infant Dom Henrique pour se lancer dans la grande oeuvre qu'il lui appartenait d'accomplir ne lui venaient pas seulement de Marco Polo ou de Claudius Ptolémée. Elles lui venaient aussi de l'Ordre du Christ lui-même, en tant qu'héritier de l'Ordre du Temple.

Dans la plus ancienne description des faits des Templiers à Jérusalem (une lettre écrite quelques années seulement après la prise de la cité), on mentionne que les Templiers résidaient sur l'emplacement de l'antique TEMPLE DE SALOMON. On dit en outre qu'ils avaient des écuries souterraines creusées dans le roc, qui pouvaient contenir cinq mille chevaux et où ils logeaient les 2.200 qui leur appartenaient. Ces précisions posent questions et entraînent à des hypothèses.

Au premier chef, il est curieux de constater qu'un Ordre Religieux et Militaire profondément chrétien se soit choisi une dénomination en lien avec le plus sage des Rois Hébreux et avec son temple, à une époque, le XIIème siècle, où l'on accusaient les Juifs d'avoir crucifié Jésus-Christ.

Plus étrange encore, la constatation du fait que ces chevaliers chrétiens ont utilisé de façon systématique le nom d'un temple dont on sait qu'il a été détruit par les Romains en l'an 70 de notre ère.

Qu'on réfléchisse aussi aux raisons qui pourraient pousser quelqu'un à construire des écuries souterraines creusées dans le roc, chose qui ne se fait jamais, simplement parce que cela ne vient à l'idée de personne. Outre cela, il n'y a aucune logique dans le fait de construire des emplacements pour deux fois plus de chevaux qu'on n'en possède. C'est alors que se fait jour la théorie selon laquelle les Templiers avaient trouvé des salles déjà existantes: des salles souterraines, qui n'auraient pas été détruites par le grand incendie de 70. Le feu brûlait en surface. Si le Temple de Salomon, ce qui est fort probable, possédait des salles en sous-sol, celles-

Diário de Marco Polo, muitas das suas anotações e os seus mapas. Este diário foi publicado anos mais tarde, simultaneamente na Alemanha e em Portugal, o que é compreensível visto as principais tipografias portuguesas de então se encontrarem ainda em mãos alemãs — que as tinham introduzido em Portugal —, e que mantinham ligações profundas com as suas cidades de origem, possibilitando desta forma o acesso ao precioso manuscrito, a que em Veneza ninguém ligou.

Este grave erro teve como consequência drástica (para os venezianos) a abertura de Lisboa como novo PORTO DA EUROPA para o Oriente, e o eventual esquecimento da antiga porta que tinha sido Veneza.

Mas os conhecimentos científicos do Infante D. Henrique para se lançar à grande obra que lhe coube, não vinham só de Marco Polo ou de Claudius Ptolemaeus, mas também da própria Ordem de Cristo, como herdeira da Ordem do Templo.

Na mais antiga descrição dos feitos dos Templários em Jerusalém (uma carta escrita poucos anos após a tomada da cidade) menciona-se que os Templários residiam no local do antigo TEMPLO DE SALOMÃO. Também se diz que tinham estábulos subterrâneos cavados na rocha, onde cabiam cinco mil cavalos e onde guardavam os seus 2.200. Estas referências levantam perguntas e teorias de interpretação.

Para já, é curioso verificar-se que esta Ordem Religiosa Militar profundamente cristã, optasse por utilizar um nome ligado ao mais sábio dos Reis hebraicos e ao seu Templo, quando no século XII se culpavam os judeus de terem crucificado Jesus Cristo.

Mais estranho se torna verificar a sistemática utilização por estes cavaleiros cristãos do nome de um templo que comprovadamente tinha sido destruído pelo exército romano, no ano 70 da era cristã.

Também dá vontade de pensar por que razão alguém se lembraria de construir estábulos subterrâneos cavados na rocha, coisa que nunca se fez, simplesmente porque não faz sentido. Além disso, não há lógica no facto de se construir lugares para mais do dobro do número de cavalos que se possui. Surge então a teoria de que talvez os Templários tivessem encontrado salas já existentes. Salas subterrâneas — que não foram destruídas pelo grande fogo do ano 70. O fogo arde para cima. Se o Templo de

-ci peuvent avoir été épargnées, ainsi qu'une partie de ce qu'elles contenaient.

Le roi Salomon était appelé le Sage, parce qu'il possédait de grandes connaissances. Posséder la sagesse, ou l'accès à cette sagesse, peut s'accorder avec l'hypothèse de l'existence d'une bibliothèque souterraine dans les sous-sols de son temple. Si les Templiers avaient trouvé ces salles et les avaient utilisées pour leurs chevaux, on comprendrait plus aisément l'observation du voyageur dans le document que nous avons cité. Mais tout ceci, pour le moment, reste une hypothèse d'école.

Il existe cependant un témoignage en ce sens. En 1296, les Templiers transférèrent leur bibliothèque de Jérusalem dans l'île de Chypre, dans le but de la sauver du péril qui menaçait la Cité Sainte, et qui, de fait, se trouva vérifié. Ainsi se trouve attestée, dès le XIIème siècle, l'existence d'une bibliothèque templière significative à Jérusalem. Comment était-elle venue en leur possession? Plus encore,

Épée templière perdue en Palestine par les Ducs de Dreux, vers 1300.

Reliquaire contenant de l'eau de la Terre Sainte.

dans une région où on n'avait pas même de moines pour copier ou écrire des documents du type de ceux qu'il fallait rassembler pour constituer une bibliothèque, dans la mesure où tous se trouvaient engagés dans la lutte quotidienne pour la survie dans les campagnes contre les musulmans, et dans la quête de la paix de l'esprit, à travers le retrait du monde ou la satisfaction de venir en aide aux pèlerins!

Salomão tinha salas subterrâneas, o que é bem provável, estas podem ter sido salvas, bem como parte do seu conteúdo.

O Rei Salomão era chamado o Sábio, porque tinha muitos conhecimentos. Ter sabedoria, ou acesso a ela, podia incluir a hipótese de que tivesse uma biblioteca subterrânea por baixo do seu Templo. Se os Templários tivessem encontrado estas salas e as utilizassem para os seus cavalos, já se tornaria mais compreensível a observação do viajante na sua carta. Mas tudo isso, por enquanto, é apenas uma possibilidade teórica.

Há no entanto um dado comprovativo nesta direcção. Em 1296, os Templários transportaram a sua biblioteca de Jerusalém para a ilha de Chipre, a fim de a salvar do perigo da queda da Cidade Santa, que de facto se veio a verificar. Fala-se assim, já no século XIII, de uma significativa biblioteca templária existente em Jerusalém... Como é que a obtiveram?... E mais ainda, numa região onde nem sequer havia monges que copiassem ou escrevessem documentos deste género que se pudessem juntar para formar uma biblioteca, visto estarem todos mais empenhados em lutar pela sobrevivência diária nas campanhas contra os muçulmanos e na busca de paz espiritual através do retiro ou da satisfação de conseguir ajudar os peregrinos! A hipótese de os Templários terem encontrado salas subterrâneas com velhos rolos e de alguns deles se dedicarem ao estudo dos mesmos,

Espada templária perdida na Palestina pelos Duques de Dreux, cerca do ano 1300.

Relicário contendo água da Terra Santa.

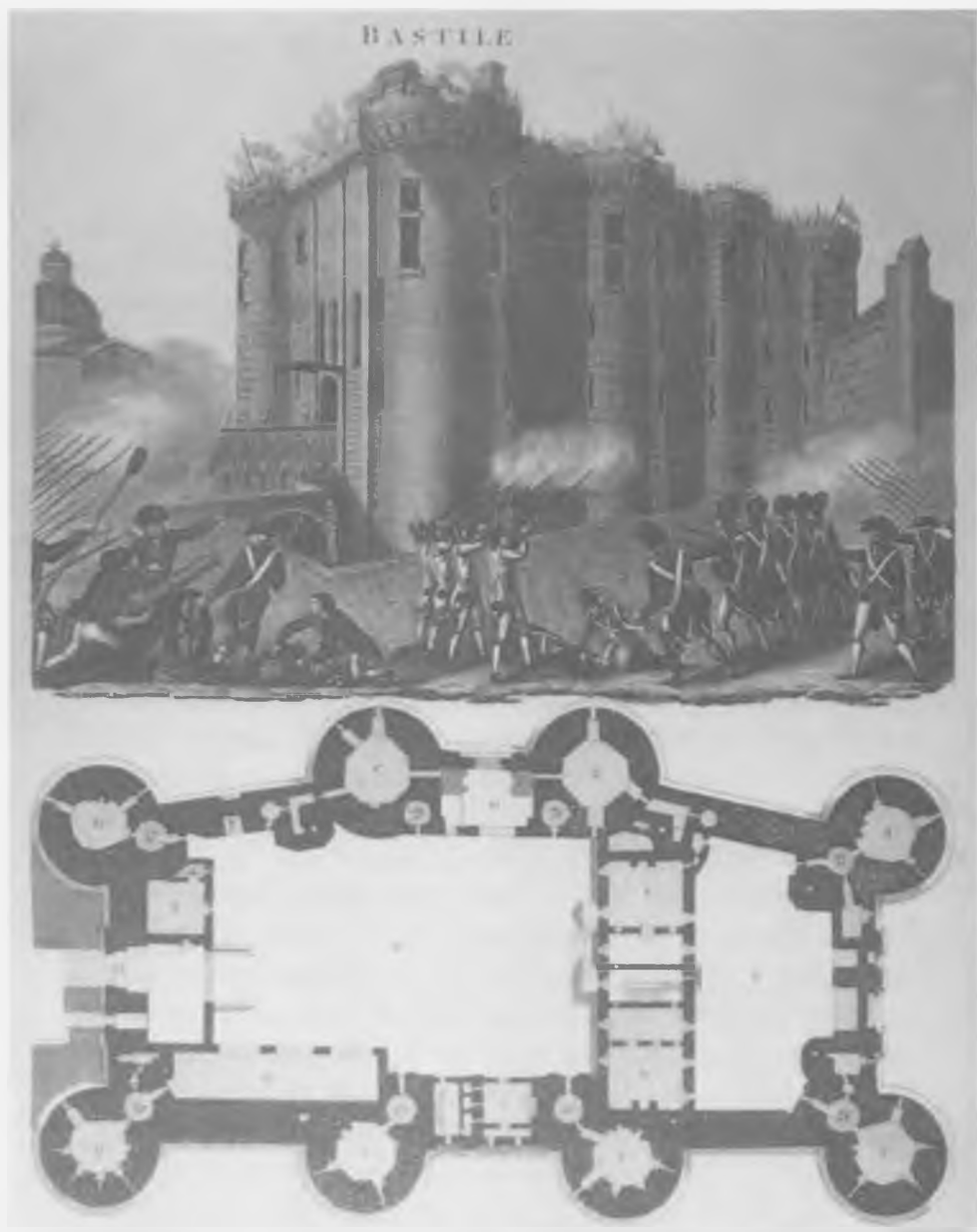
L'hypothèse selon laquelle les Templiers auraient découvert des salles souterraines avec de vieux rouleaux à l'étude desquels ils se seraient adonnés, se trouve renforcée quand on se rend compte que, dans l'île de Chypre, les moines-guerriers continuèrent à se préoccuper de l'avenir de cette bibliothèque. Ils décidèrent alors de construire une TOUR à cet effet. C'est Paris qui fut retenu pour son implantation, à cette époque où le principal centre templier se trouvait sur le sol européen. Elle avait les dimensions d'une véritable forteresse, et possédait en outre de vastes salles de lecture. On ne sait pas au juste si la bibliothèque finit un jour par trouver place dans cette tour. On sait qu'elle ne se trouvait plus à Chypre quand l'île fut prise par les Musulmans. On sait aussi que la tour fut confisquée par Philippe le Bel en 1307, mais qu'on n'y trouva rien. Quand on regarde le temps qu'il fallait alors pour construire une telle bâtisse, il est fort possible qu'elle n'ait pas été prête même à ce moment-là. On disait que les Templiers possédaient de grandes richesses et qu'ils se procuraient pour cela de l'or ou de l'argent. Personne n'en a jamais trouvé. On sait aujourd'hui que les Templiers, de fait, possédaient beaucoup d'argent, et qu'ils ont été les principaux intigateurs des grands investissements qui se sont effectués alors, tant en Europe que dans l'ensemble du bassin méditerranéen, en lançant sur le marché financier international de grandes quantités de ce métal. L'origine de cet argent, qui, de l'époque romaine à l'an mil, était presque aussi rare que l'or, n'a toujours pas été éclaircie à ce jour.

La véritable fortune des Templiers, en réalité, c'étaient leurs connaissances, et ces connaissances, très probablement, venaient de leur bibliothèque, dont on ne connaît ni l'origine, ni la localisation.

Il y a un fait indiscutable, c'est que la tour, spécialement construite par les Templiers pour la défense de cette bibliothèque, finit par écrire, plus tard, une autre page significative, et inattendue, de l'Histoire. Il s'agit de la Tour de la Bastille, transformée depuis longtemps en prison par le gouvernement français, dans laquelle, en 1789, se trouvaient une petite douzaine d'ivrognes, de brigans et de mauvais payeurs, et qui finit par être le symbole d'une révolution organisée par la maçonnerie pour renverser l'ordre jusque là établi. La Bastille conquise, on la démantela, à la recherche de l'or des Templiers qu'on espérait trouver dans ses murailles, et on décapita des milliers de personnes dans une orgie de sang. Lorsque roula la tête de Louis XVI, un cri jaillit de la foule: *"Vengeance pour la mort de Jacques de Molay!"*

aumenta mais ainda, quando se descobre a continuação da preocupação destes monges-guerreiros na sua ilha de Chipre, sobre o destino que haviam de dar a esta biblioteca. Decidiram então construir uma TORRE própria para este efeito. A escolha para a sua localização foi Paris, na altura o principal centro templário em solo europeu. Levou anos a construção desta torre. Tinha dimensões de verdadeira fortaleza, mas possuía também amplas salas de leitura. Não se sabe ao certo se a biblioteca alguma vez chegou a entrar nesta torre. Sabe-se que já não estava em Chipre, quando esta ilha foi tomada pelos muçulmanos. Sabe-se também que a torre foi confiscada por Filipe o Belo em 1307, mas que nada nela se encontrou. Olhando para o tempo então necessário para a sua construção, é bem possível que ainda nem sequer estivesse pronta. Dizia-se que os Templários possuíam grandes riquezas e por isso se procurou ouro ou prata. Nunca ninguém as achou. Sabe-se hoje que os Templários, de facto, possuíam muita prata e eram os principais responsáveis do grande investimento que então se verificou tanto na Europa como em toda a área do Mediterrâneo, lançando avolumadas quantias de moedas daquele metal no mercado financeiro internacional. A origem desta prata, que desde a época romana até ao ano mil era quase tão escassa como o ouro, até hoje não foi esclarecida.

A verdadeira fortuna dos Templários, no entanto, eram os seus conhecimentos, e estes, muito provavelmente vinham da sua biblioteca, que não se sabe de onde veio nem para onde foi.

Um facto indiscutível foi que a torre especialmente construída pelos Templários para a defesa desta biblioteca, acabou mais tarde por escrever outra página significativa e pouco esperada na História. Trata-se da Torre da Bastilha, transformada pelo governo francês desde longa data em prisão, na qual, em 1789, se encontrava uma escassa dúzia de bêbados, ladrões e maus pagadores e que acabou por ser o símbolo de uma revolução organizada pela maçonaria, que derrubou a ordem até então estabelecida. Conquistou-se a Bastilha, desmontou-se a mesma à procura do ouro dos Templários, que se esperava encontrar nos seus muros, decapitaram-se dezenas de milhar de pessoas numa orgia de sangue. Quando rolou a cabeça de Luís XVI, um grito surgiu do povo: "*Vingança para a morte de Jacques de Molay!*". Este tinha sido o último Grão-Mestre da Ordem

A torre templária transformada em prisão (Bastilha-Paris).

La tour templière transformée en prison (Bastille-Paris).

Monge e guerreiro: amigos combatentes.

Moine et guerrier: amis combattants.

C'était le nom du dernier Grand-Maître du Temple, qui fut brûlé vif sur ordre de Philippe le Bel, non loin de la tour, dans une île de la Seine à Paris.

Les Templiers croyaient à la reincarnation: ils professaient la différence entre le corps, l'âme et l'esprit. Pour cette raison, ils voyaient dans la mort la simple destruction du corps physique, chose qui pouvait être pénible et même difficile à admettre, mais qui jamais ne serait pour eux une fin. La légende rapporte que Jacques de Molay, sur le bûcher, a dit qu'il appelait le Pape Clément V et le Roi Philippe le Bel pour l'accompagner bientôt dans la mort. L'un comme l'autre, il est vrai, son morts peu après. Mais il n'apparaît pas que le dernier Grand-Maître du Temple ait lancé une malédiction sur l'avenir, qui puisse être mise en relation avec la triste destinée de la famille royale française au XVIIIème siècle.

Si nous regardons la carte de la Méditerranée au XIVème siècle, et que nous essayions de nous mettre à la place d'un dirigeant du Temple qui, depuis l'île de Chypre, aurait à décider où il allait pouvoir transférer cette précieuse bibliothèque, nous ne verrions qu'une issue possible: le PORTUGAL... La Palestine et toute la côte nord-africaine se trouvaient aux mains des Musulmans, de même que la côte ibérique côté méditerranéen. La France était aux mains de Philippe le Bel, qui condamnait à mort les Templiers. Le seul port ami qui fût proche était la côte portugaise, avec son Roi Dom Dinis qui avait fini par séparer l'Ordre Militaire d'Avis de celui de Calatrava, celui de Saint-Jacques, situé à Palmela, de son homologue castillan, et qui avait déjà fait la preuve, à cette époque, qu'il ne se soumettrait pas aux termes de l'ordonnance d'extinction que le Pape avait imposée à l'Ordre du Temple dans l'ensemble des pays de la chrétienté.

Nous devons admettre qu'il existe une conclusion logique qui nous conduit à considérer comme possible que la bibliothèque templière de Jérusalem soit venue au Portugal, via Chypre, mais nous ne pouvons pas affirmer ceci comme certain dans la mesure où nous ne possédons pas de preuve.

Une fois au Portugal, il semble naturel que la biliothèque ait été transférée à Tomar, passant de l'Ordre du Temple à l'Ordre du Christ, et, ainsi, aux mains de l'Infant Dom Henrique.

Le célèbre Couvent du Christ de Tomar a été, au fil des siècles, maintes fois visité par les historiens et les chercheurs étrangers qui s'intéressaient à l'histoire des Templiers et qui, tous, ont abouti à la même conclusion, se demandant, toujours en

Templária, que acabou por ser queimado vivo por ordem de Filipe o Belo, não longe da torre, numa ilha do rio Sena em Paris.

Os Templários acreditavam no renascimento, porque mantiveram o conhecimento da divisão do corpo, alma e espírito. Por isso, viam na morte apenas a destruição do seu corpo físico, facto que pode ser aborrecido e até inconveniente, mas que nunca significaria o seu fim. Consta que Jacques de Molay tenha dito, na fogueira, que chamaria o Papa Clemente V e o Rei Filipe o Belo, para o acompanharem na morte em pouco tempo. De facto, tanto um como o outro morreram logo a seguir. Mas não consta que o último Grão-Mestre dos Templários tenha lançado uma maldição futura, que possa ter alguma relação com o triste destino da família real francesa do século XVIII.

Se olharmos para o mapa do Mediterrâneo do séc. XIV, e se tentarmos colocar-nos no lugar de um chefe templário, na ilha de Chipre, que tenha de decidir para onde há-de levar esta preciosa biblioteca, veremos apenas uma saída possível: PORTUGAL... A Palestina e toda a costa norte-africana encontravam-se em mãos muçulmanas, como aliás também a costa mediterrânica ibérica. A França estava em mãos de Filipe o Belo, que acabava de sentenciar os Templários à morte. A Itália, a Grécia e o Império Bizantino também não se encontravam em mãos favoráveis aos Templários. O único porto amigável mais próximo era a costa portuguesa, com o seu Rei D. Dinis, que tinha acabado de arrancar a Ordem Militar de Aviz à de Calatrava, a de Santiago, situada em Palmela, à sua congénere castelhana, e que então já demonstrara que não se submeteria às formas da ordem de extinção que o Papa tinha imposto à Ordem do Templo, em todos os países da cristandade.

Temos de admitir que existe uma conclusão lógica que nos leva a crer que tenha sido possível a biblioteca templária de Jerusalém ter vindo, via Chipre, para Portugal, mas não podemos afirmar isso com certeza, visto não haver mais provas.

Em Portugal, seria natural que a biblioteca fosse levada para Tomar, passando da Ordem do Templo para a de Cristo e assim para as mãos do Infante D. Henrique.

O célebre Convento de Cristo de Tomar tem sido, ao longo dos séculos,

vain, ce qu'il était advenu de la mystérieuse bibliothèque.

La reine Elisabeth Ière d'Angleterre décida de donner carte blanche à son grand navigateur (et pirate), Sir Francis Drake, pour qu'il s'empare de Sagres, à la recherche des fameux portulans portugais. Ces documents avaient une importance considérable. Drake comme Raleigh ont pu conserver par devers eux une part substantielle du pillage. Toutefois, les portulans qui tombèrent entre leurs mains durent être remis à l'Amirauté. Cartes et relations de voyages recélaient des connaissances qui pouvaient se révéler bien plus précieuses que les bahuts remplis de crusades (monnaie) d'argent ou de pierres précieuses.

Si les grandes connaissances de l'Infant Dom Henrique ne venaient pas seulement des cartes et des journaux de Marco Polo, non plus que des cartes ptolémaïques d'Alexandrie, il est bien possible qu'elles soient venues de la bibliothèque de l'Ordre du Christ, ce qui conforte en partie l'hypothèse selon laquelle tout cela proviendrait, par l'intermédiaire des Templiers, des salles souterraines du Temple du Roi Salomon.

Nous avons précédemment fait mention du fait que la plus importante de toutes les bibliothèques connues était due à Alexandre le Grand qui avait demandé qu'on en fasse une sorte d'Université dans sa cité d'Alexandrie.

Nous savons qu elle fut détruite par le feu et que, seule une partie des rouleaux les plus précieux put être transférée ailleurs. Les uns furent confiés à une caravane qui longea les bords de la Méditerranée. À partir d'Alexandrie, on sait parfaitement qu'il ne serait venu à l'idée de personne de faire route en direction de l'ouest, dans la mesure où il n'y avait là que l'immense désert de Libye qui paraissait sans fin. Mais, dans la direction de l'est, on passait par le Sinaï et on pénétrait en Palestine, où se trouvaient des gens spécialisés, des lettrés, capables de veiller sur les précieux documents. Nous voulons parler, pour être précis, des prêtres du Temple de Salomon.

Nous voici devant une nouvelle hypothèse, que nous devons considérer comme possible, mais qui n'a pas encore reçu de confirmation. Il y a cependant une certaine logique dans le fait que les rouleaux alexandrins rescapés aient été transférés à la bibliothèque de Jérusalem. C'est ce qui a permis qu'ils soient transmis ensuite aux Templiers, puis à l'Ordre du Christ.

L'autre caravane, qui avait pris la direction du sud, s'est sans doute perdue dans le désert. On n'en a rien su de plus. Mais quand, depuis Alexandrie, on prend la

muitas vezes visitado por historiadores e estudiosos estrangeiros que se dedicaram à história dos Templários e que sozinhos acabaram por chegar à mesma conclusão, perguntando-se, sempre em vão, por esta misteriosa biblioteca.

A Rainha Isabel I de Inglaterra chegou a dar carta branca ao seu grande navegador (e pirata) Sir Francis Drake, para este tomar Sagres na busca dos famosos portulanos portugueses. Estes documentos tinham uma enorme importância. Tanto Drake como Raleigh podiam guardar para eles parte substancial dos saques que efectuavam. Porém, os portulanos que caíssem nas suas mãos tinham de ser entregues ao Almirantado. Mapas e relatos de viagens ofereciam conhecimentos, e estes podiam ser bem mais preciosos do que baús carregados de cruzados de prata ou pedras preciosas.

Se os grandes conhecimentos do Infante D. Henrique não vinham somente dos mapas e diários de Marco Polo e dos mapas ptolemaicos de Alexandria, é bem possível que viessem da biblioteca da Ordem de Cristo, o que permite em parte a hipótese de terem vindo, através dos Templários, das salas subterrâneas do Templo do Rei Salomão.

Mencionou-se já que a mais importante de todas as bibliotecas conhecidas se devia a Alexandre Magno, que a mandou organizar numa espécie de Universidade própria, na sua cidade de Alexandria.

Sabemos que esta ardeu e que somente saíram parte dos rolos mais preciosos. Uns foram numa caravana, seguindo a borda do Mediterrâneo. Estando em Alexandria, sabe-se perfeitamente que não fazia sentido seguir em direcção ao ocidente, porque aí existia apenas um enorme deserto líbio, que parecia sem fim. Mas em direcção ao oriente passava-se pelo Sinai e entrava-se na Palestina, e aí havia gente especializada e culta, que sabia guardar documentos preciosos. Falamos precisamente dos sacerdotes do Templo de Salomão.

Temos assim uma nova hipótese que tem de ser encarada como possível, mas não comprovada. Possui, no entanto, uma certa lógica que se tenham entregue os salvados de Alexandria à biblioteca de Jerusalém. Isto permite a passagem de parte dos mesmos para as mãos templárias, seguindo depois o que ainda existisse para a Ordem de Cristo.

A outra caravana, que seguiu para o sul, deve ter-se perdido no deser-

route du sud, on pénètre dans les zones coptes. Nombre d'anachorètes y vécurent, parmi lesquels, on le sait, des gens d'un niveau culturel élevé, tout à fait capables de conserver et d'étudier de vieux manuscrits de papyrus ou de parchemin, et même des tablettes.

La sauvegarde d'une partie des manuscrits de cette seconde caravane revêt de la sorte un certain degré de probabilité, et, par conséquent, le fait que ces mêmes manuscrits soient passés ensuite dans des mains chrétiennes, au royaume du Prêtre Jean.

Que disait donc l'Infant Dom Henrique à ses navigateurs? "Donnez-moi des nouvelles du Royaume du Prêtre Jean!"... Des nouvelles de quoi? De l'importance de ce royaume? De son désir de conclure une alliance avec le Portugal? Ou de l'existence de quelqu'un, dans ce royaume, qui sache quelque chose sur ces documents ou sur d'autres formes très anciennes de connaissance?

Nous sommes devant une théorie, certes, mais qui ne manque pas de force. Ce que nous posons ici, c'est l'hypothèse que les Découvertes portugaises ont été influencées par la volonté de l'Infant Dom Henrique d'avoir accès aux documents qui lui manquaient. Des connaissances ancestrales, il n'avait en mains qu'une partie. Des données importantes manquaient. Il savait, ou supposait, où les trouver éventuellement. Il envoya ses hommes à leur recherche.

L'Infant ne fut pas le seul membre de l'Ordre du Christ à avoir eu ce genre d'idée. D'autres chevaliers initiés ont sans doute eu accès aux mêmes connaissances. En 1487, partirent du Portugal pour l'Orient, sur ordre de Dom Jean II, AFONSO PAIVA et PÊRO DA COVILHÃ, avec deux missions prioritaires: rapporter des données concrètes sur la route des épices et sur le ROYAUME DU PRÊTRE JEAN. On sait qu'Afonso Paiva tomba malade à Alexandrie et mourut au Caire sans avoir réussi à atteindre l'Éthiopie, mais aussi que les deux voyageurs s'étaient séparés à Aden, juste en face du Royaume du Négus. Ces hommes avaient été choisis pour leur connaissance de la langue arabe et avaient été spécialement préparés pour cette mission. Pêro da Covilhã avait déjà accompli diverses missions secrètes à l'étranger, tant au service de Dom AFONSO V que de Dom JEAN II. Choisi une nouvelle fois pour une mission difficile, il parvint à être le premier à atteindre l'Inde (1489), neuf ans avant Vasco de Gama. Il visita Calicut, Goa et Ormuz, réussit à voir la Kaaba à La Mecque, déguisé en mahométan, et finit par se fixer en Éthiopie où il

to. Nada mais se soube dela. Mas seguindo de Alexandria para o sul, entra--se nas zonas coptas. Aí existiam muitos retiros religiosos, entre os quais se sabia haver gente de grande nível cultural, bem capaz de guardar e estudar velhos rolos de manuscritos em papiro, pergaminho ou até tábuas.

Temos assim um certo grau de probabilidade de se terem também salvo parte dos manuscritos desta segunda caravana e que os mesmos passassem depois para mãos cristãs em terras do Preste João.

O que era que dizia o Infante D. Henrique aos seus navegadores?: *"Trazei-me notícias do Reino do Preste João!"*... Notícias de quê? Da importância deste reino? Da sua vontade de formar uma aliança com Portugal? Ou da existência de alguém neste reino que soubesse algo sobre documentos ou outras formas de sabedoria recuadas?

Estamos perante uma teoria, mas que tem muita força. Levantamos aqui a hipótese de os Descobrimentos portugueses terem sido influenciados pela vontade do Infante D. Henrique, de ter acesso a documentos que lhe faltavam. Os conhecimentos ancestrais tinham chegado parcialmente às suas mãos. Faltavam dados importantes. Sabia, ou calculava, onde poderiam eventualmente ser reencontrados. Mandou os seus homens na busca dos mesmos.

Este infante não foi o único membro destacado da Ordem de Cristo que terá pensado deste modo. Outros cavaleiros iniciados devem ter tido acesso aos mesmos conhecimentos. Em 1487 partiram de Portugal AFONSO PAIVA e PÊRO DA COVILHÃ, mandados por D. João II ao Oriente com duas tarefas prioritárias: trazer conhecimentos concretos sobre a rota das especiarias e sobre o REINO DO PRESTE JOÃO. Consta que Afonso Paiva tenha adoecido em Alexandria e morrido no Cairo, sem ter conseguido chegar à Etiópia, mas também que os dois viajantes se tenham separado no porto de Adem, bem em frente ao Reino do Négus. Estes homens tinham sido escolhidos pelos seus conhecimentos da língua árabe e especialmente preparados para a tarefa. Pêro da Covilhã já tinha cumprido diversos serviços secretos no estrangeiro, tanto ao serviço de D. AFONSO V como de D. JOÃO II. Agora, de novo escolhido para uma difícil tarefa, acabou por ser o primeiro a chegar à Índia (1489), nove anos antes de Vasco da Gama. Visitou Calecut, Goa e Ormuz, chegou a ver a Kaaba em Meca, dis-

Dom Manuel I et ses symboles: la sphère armillaire et la croix du Christ.

reçut une province pour la gouverner pour son propre compte. Fort bien traité, respecté par le Négus, il lui fut refusé cependant de sortir du Royaume. Il y fonda une famille et fit parvenir des nouvelles au Roi du Portugal au moyen de lettres convoyées par l'entremise de marchands juifs. Finalement, il mourut au Royaume du Prêtre Jean, avec descendance.

Le Roi Dom Manuel I prit des engagements tels avec le Royaume d'Abyssinie que la face de l'histoire du monde aurait pu s'en trouver changée.

Quand Gutenberg inventa la fonte des caractères et la composition typographique, créant ainsi l'art de l'imprimerie au milieu du XVème siècle, naquit un véritable engouement pour ces nouvelles officines et pour leurs maîtres. Tous les monarques voulaient au moins un atelier d'imprimerie. Jusqu'alors, les livres étaient patiemment copiés par les mains habiles des moines. L'art de l'imprimerie permit alors une rapide divulgation des connaissances, jusque là impossible. Il fallait un contrôle. On créa une censure préalable, en dehors de laquelle rien ne pouvait être imprimé. Le contrôle de cet organisme de censure, auquel devaient se soumettre toutes les imprimeries existantes, se trouvait dans les mains de l'Église.

C'est alors qu'intervient un fait inattendu: l'envoi d'un atelier typographique complet, avec sa machinerie et ses maîtres, de la part du Roi Dom Manuel I de Portugal à l'adresse du Négus d'Abyssinie. L'Abyssinie était copte. Les coptes maintenaient vivantes des connaissances remontant au début du christianisme, comme la réincarnation, et particulièrement à travers l'Evangile de Saint Thomas qui ne laisse aucun doute à ce sujet. Le Portugal était alors une puissance militaire insigne, qui possédait en quantité l'armement le plus sophistiqué et avait la capacité d'envoyer des forces armées en quelque point du monde. Le Portugal était en train de s'enrichir avec le commerce des épices. C'était une force militaire et économique extraordinaire, qu'on soupçonnait d'avoir, de longue date, conservé des connais-

D. Manuel I e seus símbolos: a esfera armilar e a cruz de Cristo.

farçado de maometano e acabou por se radicar na Etiópia, recebendo uma província para governar a seu gosto. Muito bem tratado e respeitado pelo Négus, foi-lhe negado porém sair deste Reino, formando então família e mandando notícias ao Rei de Portugal por meio de cartas enviadas por comerciantes hebraicos. Acabou por morrer no Reino do Preste João, deixando descendência.

O Rei D. MANUEL I também se envolveu de tal modo com o Reino da Abissínia que bem poderia ter mudado a história mundial.

Quando Gutemberg inventou a fundição de caracteres e a sua composição tipográfica, criando assim a arte de imprimir em meados do século XV, começou uma corrida a estas novas oficinas e seus mestres. Todos os monarcas queriam ao menos uma oficina impressora. Até então, os livros eram pacientemente copiados pelas mãos hábeis de monges. A arte de imprimir permitia agora uma rápida divulgação de conhecimentos, antes não possível. Estes tinham de ser controlados. Criou-se uma censura prévia, sem a qual nada podia ser impresso. O controlo desta censura sobre todas as casas impressoras existentes estava nas mãos da Igreja.

Surge então o inesperado envio de uma tipografia completa com maquinaria e seus mestres, por parte do Rei D. Manuel I de Portugal, ao Négus da Abissínia. Este era copta. Os coptas ainda mantinham conhecimentos do início do cristianismo, assim como da reencarnação, nomeadamente do Evangelho de São Tomé, que não deixa dúvidas a este respeito. Portugal era então uma potência militar ímpar, com grandes quantidades do mais sofisticado armamento, e capacidade de envio das suas forças militares a qualquer parte do mundo. Portugal estava a enriquecer com o negócio das

sances et des indications qu'elle tenait de l'Ordre du Temple, ou peut-être, contrairement à ce que Rome préconisait alors, de chercher à faire alliance avec une des plus grandes églises chrétiennes non contrôlées par le Saint Siège.

Le Portugal semble vouloir assumer en Orient un rôle plus éclatant que l'ÉGLISE BYZANTINE, alors récemment expulsée de Constantinople.

L'époque était à l'affliction. On venait de recevoir, au même moment, la nouvelle qu'un abbé allemand, qui avait entrepris l'étude scientifique de la Bible, non seulement en faisait une traduction en langue allemande, ce qui la rendait compréhensible pour des millions de chrétiens d'Europe Centrale, mais critiquait en outre différents aspects de la vente des Indulgences, tellement nécessaire au financement des grands travaux à Rome. Les divergences entre le Saint Siège et ce Martin Luther trouvèrent leur point culminant lorsque ce dernier déposa ses thèses à la porte d'une église de Wittenburg, divisant les lecteurs en deux groupes: ceux qui étaient favorables à sa thèse — "PRO-TES-TANTES" — et ceux qui étaient contre. La question essentielle était de savoir si le chrétien devait suivre le message authentique du Christ tel qu'il est révélé dans la Bible, ou s'il devait suivre le Christ à travers la hiérarchie ecclésiastique d'alors. Le résultat de tout cela fut la Réforme et la Contre-Réforme. Ainsi, en ce début du XVIème siècle, l'horizon paraissait-il sombre pour le Saint Siège.

Au même moment arrivait une autre nouvelle. Les Portugais avaient découvert les Chrétiens de Saint Thomas sur la côte de Malabar. Il s'agit d'une église chrétienne qui se maintenait en Inde depuis les premiers siècles de notre ère et qui pratiquait alors un culte lié à l'un des disciples du Christ: Saint Thomas précisément. Ils possédaient même un important centre religieux où ils vénéraient les restes mortels du grand apôtre. Sur son sarcophage, on pouvait voir une grande dalle sculptée d'une croix très semblable à celle utilisée par les Rois portugais de la dynastie d'Avis. Le Roi de Portugal fit venir la pierre à Lisbonne, afin qu'on puisse l'étudier dans la Salle des Pierres du Palais Royal. On peut la voir encore aujourd'hui, en dessous de l'Esplanade du Palais (Terreiro do Paço). *Voir photo page 94.*

Les liens entre les portugais et le Négus d'Abyssinie poussèrent le Roi du Portugal à projeter la reconquête de Jérusalem. Il proposa au Pape cette nouvelle croisade. Ce dernier en rejeta l'idée, mais, néanmoins, le Roi Dom Manuel I se proposa de la mener à bien sans l'aide du Pape ni d'aucune autre nation européenne.

especiarias. Esta gigante força económica e militar, da qual se suspeitava há longa data que ainda guardava conhecimentos e directrizes templárias, ou seja, contrárias ao que Roma então impunha, estava a aliar-se a uma das maiores igrejas cristãs não controladas pela Santa Sé.

Portugal parecia querer assumir no Oriente um lugar de maior relevo do que a IGREJA BIZANTINA, expulsa de Constantinopla ainda há não muito tempo.

O momento era de aflição. Na mesma altura vinham notícias de que um abade alemão, a quem se tinham encomendado estudos científicos sobre a Bíblia, não só a tinha traduzido para a língua alemã, o que a tornava compreensível para milhões de cristãos da Europa Central, mas que também tinha criticado diversos aspectos da venda das bulas de perdão, tão necessárias para o financiamento das grandes construções em Roma. As diferenças entre a Santa Sé e este tal Martinho Lutero culminaram na colocação das suas teses na porta de uma igreja em Wittenburgo, dividindo-se os leitores em dois grupos: os que estavam a favor da tese — "PRO-TES-TANTES" — e os que se mantinham contra. A principal questão consistia em saber se o cristão devia seguir a mensagem de Cristo conforme vinha revelada na Bíblia, ou se devia seguir Cristo através da hierarquia eclesiástica de então. O resultado disso foi a Reforma e a Contra-Reforma. Assim, no início do século XVI tudo parecia negro para a Santa Sé.

Na mesma altura, surge mais outra notícia. Os portugueses tinham descoberto os Cristãos de São Tomé na Costa do Malabar. Trata-se de uma igreja cristã que se manteve na Índia desde os primeiros séculos da nossa era e que ainda praticava um culto ligado a um dos discípulos de Cristo: precisamente São Tomé. Até tinham um importante local religioso, onde veneravam os restos mortais deste grande apóstolo. Por cima do seu sarcófago encontrava-se uma grande laje esculpida com uma cruz muito parecida à cruz utilizada pelos Reis portugueses da dinastia de Aviz. O Rei de Portugal mandou trazer a pedra para Lisboa, para se estudar a mesma na Sala das Pedras do Paço. Ainda hoje se deve encontrar por baixo do Terreiro do Paço. *(Ver foto pág. 94)*.

A ligação entre os portugueses e o Négus da Abissínia chegou ao ponto de o Rei de Portugal planear a reconquista de Jerusalém, propondo ao Papa

Chevalier du Moyen Âge avec une épée rosicrucienne.

Le Négus lui avait offert l'assistance de trois mille cavaliers. Afonso d'Albuquerque se proposait d'envoyer autant d'hommes. Le Portugal et le Royaume Copte pouvaient en sortir grands vainqueurs: le péril devenait évident. Mais, en l'espace de peu de temps, mourut Afonso d'Albuquerque, qui avait formé le projet de détourner le cours du Nil et qu'on avait surnommé le LION DES MERS, et mourut aussi le Négus d'Abyssinie, qu'on appelait le LION DE LA MONTAGNE, et dont les armoiries portaient un lion debout avec une croix.

esta nova cruzada. Este rejeitou-a, prontificando-se o Rei D. Manuel I a cumpri-la, sem a ajuda papal ou de qualquer outra nação europeia. O Négus tinha-se oferecido para ajudar com três mil cavalos. Afonso de Albuquerque prontificou-se a enviar outros tantos homens. O perigo de que Portugal e o Reino Copta saíssem como grandes vitoriosos desta questão tornou-se evidente. Mas pouco tempo depois morre Afonso de Albuquerque, que queria desviar o leito do Nilo e a quem chamavam LEÃO DOS MARES; morre também o Négus da Abissínia, a quem chamavam LEÃO DA MONTANHA e que usava como símbolo um leão de pé, segurando uma cruz.

Cavaleiro medieval com espada rosacruciana.

Laje do túmulo do Apóstolo S. Tomé, descoberta pelos portugueses em Meliapor, na Índia, no reinado de D. João III. A cruz, parecida com a de Aviz e a pomba do Espírito Santo eram símbolos bem conhecidos pelos nossos navegadores lusos.

Lájea du tombeau de l'Apôtre Saint Thomas découverte par les portugais en Meliapor, Inde. La croix, semblable à celle d'Avis et la colombe du Saint Esprit étaient des symboles bien connus des navigateurs portugais.

O céu, a mão divina, a pomba do Espírito Santo e os Anjos.

Le ciel, la main divine, la colombe du Saint Esprit et les anjes.

LE MESSAGE DES PARCHEMINS COPTES

Dom Manuel I envoya une importante ambassade à Rome, mais il en envoya une autre à la cour du Négus d'Abyssinie. Sous le règne de DOM JEAN III, DOM CRISTÓVÃO DE GAMA, un fils de Vasco de Gama, fut, avec près de quatre cents portugais, envoyé au secours du Royaume du Prêtre Jean qui se trouvait en grand péril de passer une fois pour toutes aux mains des Musulmans. Ils luttèrent avec bravoure pour rétablir ce Royaume Chrétien, mais les forces éthiopiennes étaient insuffisantes et ils finirent par abandonner toute résistance. Dom Cristóvão de Gama et nombre de ses hommes perdirent la vie dans ce combat pour la sauvegarde de ce royaume légendaire et mystique à la fois. Quelques-uns survécurent. Ils retournèrent en Inde. D'autres s'embarquèrent pour regagner le Portugal, et certains parmi eux se fixèrent aux Açores.

Ce sont eux, peut-être, qui rapportèrent les rouleaux de parchemin coptes qui furent découverts aux Açores. Sur le territoire portugais, au reste, on ne connaît qu'un manuscrit copte. Il s'agit d'une lettre envoyée par le Négus d'Abyssinie au Roi Dom Jean III. Les rouleaux coptes provenant des Açores datent sans doute de la même époque et sont rédigés aussi en langue guéze dont la lecture est difficile.

L'un d'eux montre l'Archange SAINT MICHEL. Ce chevalier céleste fut de tous temps très important pour le Portugal et pour son expansion. Le grand archéologue portugais Leite de Vasconcelos découvrit, au siècle passé, que le culte du dieu Lug de l'antique LUSITANIE, que les Romains appelaient ENDOVELICUS, et qui était maintes fois représenté symboliquement par un sanglier, finit par se transformer, durant la christianisation, en culte de Saint Michel. Ce dernier fut le patron du Portugal jusqu'en 1608, date à laquelle Dom Jean IV, méconnaissant les racines ini-

A MENSAGEM DOS PERGAMINHOS COPTAS

D. Manuel I enviou uma importante embaixada para Roma, mas também enviou outra à corte do Négus da Abissínia. No reinado de D. JOÃO III, D. CRISTÓVÃO DA GAMA, um filho de D. Vasco da Gama, foi, com perto de quatrocentos portugueses, acudir ao Reino do Preste João que estava em grande perigo de passar de vez para a moirama. Lutaram com bravura, conseguindo restabelecer este Reino Cristão, mas perante a falta de forças próprias etíopes, acabaram por não aguentar. D. Cristóvão da Gama e muitos dos seus homens perderam a vida a lutar pela salvação deste reino tão lendário como místico. Alguns sobreviveram, regressando à Índia. Outros embarcaram de volta para Portugal, demorando-se alguns ainda nos Açores.

Talvez eles tivessem trazido os rolos de pergaminhos coptas que apareceram nos Açores. Em território português, de resto, apenas se conhece um manuscrito copta. Trata-se de uma carta enviada pelo Négus da Abissínia ao Rei D. João III. Os rolos coptas provenientes dos Açores devem datar da mesma época e também estão escritos em língua géc, de difícil leitura.

Um, mostra o Arcanjo SÃO MIGUEL. Este cavaleiro celeste sempre foi de grande importância para Portugal e para toda a sua expansão. O grande arqueólogo português Leite de Vasconcelos descobriu, já no século passado, que o culto do Deus Lu da antiga LUSITÂNIA, que os romanos chamavam ENDOVELICUS, e era muitas vezes representado simbolicamente pela figura do javali, acabou por ser transformado, durante a cristianização, em culto ao Arcanjo São Miguel. Este, foi patrono de Portugal até ao ano de 1648, quando D. João IV, em desconhecimento das raízes ini-

tiatiques du Portugal, lui substitua Notre-Dame de la Conception, dans le but d'obtenir la reconnaissance par le Pape de la dynastie de Bragance comme maison royale portugaise.

La truie de Murça et le pilier de Bragance sont des meubles héraldiques en rapport avec le culte d'Endovelicus. Dans la Lusitanie antique, on se servait de petites plaques de bronze en forme de sanglier pour envoyer des messages écrits en caractères ibériques, proches du phénicien mais aussi de l'hébreu archaïque, qui ont tous deux une origine commune.

La péninsule portait le nom "ibérique" à cause de son invasion par un peuple appelé IBERE ou EBERE, qui était venu du nord de l'Afrique au deuxième millénaire avant notre ère. On sait peu de choses sur son origine, mais on suppose que ce fut lui qui apporta l'écriture et qu'il possédait un niveau de culture élevé.

Claudius Ptolémée, le cartographe d'Alexandrie du IIème siècle, nous a laissé des cartes précises des peuples connus à son époque. Parmi divers autres peuples réduits en esclavage par les pharaons égyptiens, il nous en montre un qui vivait sur les pentes du Caucase, dans un pays appelé IBÉRIE. Nous savons que, lors de la révolution qui éclata en Egypte à l'époque de Moïse, furent libérés des peuples divers et nombreux, esclaves jusque là, dont certains prirent avec Moïse la direction du Sinaï et d'autres celle de l'Occident, s'enfonçant dans le désert.

Nous posons ici une hypothèse sur l'interprétation de nos origines les plus lointaines, car il est fort possible que les Ibères qui pénétrèrent dans la Péninsule soient venus, à l'origine, de l'Ibérie du Caucase.[1]

Le culte du dieu Endovelicus, toutefois, présente de nombreuses caractéristiques celtes: c'est un mélange de cultes ancestraux issus des cultures dolméniques, dont nous descendons sans même connaître leurs noms.

A la faveur de la christianisation, le nom de Saint Michel a été donné aux endroits voués au culte d'Endovelicus, et on construisit des églises et des chapelles dédiées à cet Archange Justicier là où, en d'autres temps, se trouvaient des autels consacrés à ce dieu antique symbolisé par le sanglier.

Au cours de l'expansion maritime portugaise, on trouve des autels dédiés à Saint Michel par l'Ordre du Christ dans toutes les parties du globe. Sur la porte d'un tabernacle de l'Ordre du Christ, on peut observer le symbole de la Croix sur la face

(1) Strabon, le grand cosmographe grec, nous a aussi laissé cette interprétation.

ciáticas portuguesas, o fez substituir por Nossa Senhora da Conceição, para conseguir o reconhecimento papal da dinastia de Bragança como Casa Real Portuguesa.

A porca de Murça e o pelourinho de Bragança são berrões dedicados ao culto de Endovelicus. Na antiga Lusitânia utilizaram-se pequenas chapas de bronze, em feitio de javalis, para enviar mensagens escritas em letra ibérica, parecida com a fenícia, mas também com a escrita hebraica arcaica, já que ambas tiveram a mesma raiz.

A nossa península chama-se Ibérica, por causa da invasão de um povo chamado os IBEROS ou EBÉROS, que vieram do norte de África ainda no 2º milénio antes de Cristo. Pouco se sabe acerca da sua origem, mas presume-se que foram eles que trouxeram a escrita e que tinham um grau de cultura elevada.

Claudius Ptolemaeus, o cartógrafo de Alexandria do século II d.C., deixou-nos mapas precisos dos povos que ainda então se conheciam. Entre diversos outros povos subjugados à escravatura pelos faraós egípcios, mostra-nos um que vivia nas costas do Cáucaso, num país chamado IBÉRIA. Sabemos que na revolução que se deu na época de Moisés, no antigo Egipto, foram libertados muitos povos diferentes então escravizados, dirigindo-se alguns com Moisés em direcção ao Sinai e outros em direcção ao Ocidente, para dentro do deserto.

Temos aqui uma hipótese de interpretação das nossas origens mais remotas, porque é bem possível que os Iberos que entraram na nossa Península tenham originalmente vindo da Ibéria no Cáucaso. [1]

Porém, o culto do Deus Endovelicus tem mais características celtas, com mistura de cultos ancestrais das culturas dolménicas, das quais descendemos, sem sequer sabermos os seus nomes.

Na cristianização, deu-se o nome de São Miguel às terras dedicadas ao culto de Endovelicus e construíram-se igrejas e capelas dedicadas a este Arcanjo Justiceiro, onde outrora se colocavam aras dedicadas ao Deus antigo, simbolizado pelo javali.

Na expansão marítima portuguesa encontramos altares dedicados a São Miguel pela Ordem de Cristo, em todas as partes do globo. Na porta de um

(1) Estrabão, o grande cosmógrafo grego, também nos deixou esta interpretação.

extérieure, et la représentation de l'Archange Saint Michel sur la face interne, p. 102/3.

Normalement on montre toujours ce chevalier céleste en lutte contre le mal: la tradition le représente avec le diable sous ses pieds. Mais sur les rouleaux coptes des Açores, nous nous trouvons devant un Saint Michel à l'épée dégainée qui ne regarde pas en bas, mais qui plonge son regard dans les yeux de ceux qui le regardent. On peut interpréter cette position comme une manière d'indiquer que le mal ne se trouve pas à ses pieds mais à l'intérieur de nous, et de nous porter à réfléchir. La position de l'épée, elle aussi, peut être significative. Si, à l'heure actuelle, quelqu'un pointe une arme contre notre poitrine, il devient de ce fait passible d'un châtiment. C'était la même chose en d'autres temps, lorsque qu'on dégainait l'épée. Il existait même des épées qui portaient des inscriptions révélatrices d'une éthique particulière en cette matière, par exemple: "NE ME TIRE PAS SANS RAISON - NE ME REGAINE PAS SANS HONNEUR". Quand on sait l'importance de la représentation de l'épée dégainée par l'Archange Justicier, on ne peut qu'interpréter cela comme l'indication que le jugement est sur le point d'être rendu et que la justice va être appliquée. Le sang va couler. Le Bien va triompher. *Voir photo page 104.*

Dans un autre des rouleaux coptes, on a une triple symbologie. En commençant par le bas, on voit la CROIX DE SAINT ANDRÉ. Comme ce Saint souffrit le martyre crucifié dans cette position, on donna son nom à cette croix. On trouve la même sur le revers d'une médaille templière. Saint André fut un des apôtres les plus intimes du Christ, ceux à qui fut prêché à Jérusalem le grand discours eschatologique. André signifie LE TRÈS FORT. En plus des symboles dont nous venons de parler, il y a l'arbre de vie, qu'on retrouve dans la quasi totalité des religions anciennes. *Voir photo page 107.*

La troisième et la plus importante des représentations symboliques de notre rouleau est celle de la CROIX. Il ne s'agit pas d'une croix quelconque mais bien de la CROIX CELTIQUE dans sa version copte AVEC UNE FLEUR EN SON CENTRE.

La superposition de la ROSE sur la CROIX, dans toutes ses variantes possibles, fut toujours l'indication de l'initiation. Celui qui unit la rose à la croix, celui-là sait et fait comprendre qu'il sait. C'est ce qu'on voit sur la croix de Luther.

Le symbole de la Croix est aussi vieux que l'homme. Dans cette culture du bronze originaire de la Lusitanie antique, on voit un ex-voto de forme humaine, les bras écartés et les yeux levés vers le ciel: un Lusitanien en communication avec le

sacrário da Ordem de Cristo, podemos observar o símbolo da Cruz na parte exterior e a representação do Arcanjo São Miguel no interior *(V. p. 102/3)*.

Normalmente, mostra-se sempre este cavaleiro celeste em luta contra o mal, que costuma estar representado pelo Diabo sob os seus pés. Mas nos rolos coptas dos Açores, estamos perante um São Miguel de espada desembainhada que não olha para baixo, mas bem para dentro dos nossos olhos observadores. Podemos interpretar esta posição, como indicação de que o mal não se encontra por baixo dos seus pés, mas dentro de nós, o que nos leva a pensar. A posição da espada também pode indicar algo. Quando hoje alguém aponta uma arma contra outra pessoa, já se torna punível. O mesmo acontecia outrora, quando se desembainhava uma espada. Existem até espadas que usam inscrições indicadoras de uma ética própria nesta matéria, como por exemplo: "NÃO ME SAQUES SEM RAZÃO - NEM ME EMBAINHES SEM HONRA". Sabendo a importância da representação de uma espada desembainhada pelo Arcanjo Justiceiro, temos de a interpretar como indicação de que o juízo está a ser feito e a justiça vai ser aplicada. Sangue vai correr. O Bem irá vencer *(Ver foto pág. 104)*.

Noutro dos rolos coptas, temos uma tripla simbologia. Começando por baixo, vemos a CRUZ DE SANTO ANDRÉ. Como este Santo sofreu o seu martírio crucificado nesta posição, dá-se o seu nome a esta cruz. Encontramos a mesma nas costas de um pendente templário. Santo André foi um dos apóstolos mais íntimos de Jesus, aos quais foi pregado em Jerusalém o grande discurso escatológico. André significa FORTÍSSIMO.

Outro dos símbolos apresentados é o da árvore da vida, que encontramos em quase todas as antigas religiões *(Ver foto pág. 107)*.

A terceira e talvez a mais importante representação simbólica neste rolo é a da CRUZ. Não se trata de uma cruz qualquer, mas sim da CRUZ CELTA, na sua versão copta COM A FLOR AO CENTRO.

A sobreposição da ROSA À CRUZ em todas as suas possíveis variantes, foi sempre uma indicação de iniciação. Quem junta a rosa à cruz sabe e transmite que sabe. Como se vê na cruz de Lutero.

O símbolo da Cruz é tão velho como o homem. Nesta escultura de bronze, oriunda da Lusitânia, vemos um ex-voto de forma humana, de braços abertos a olhar para cima. Um Lusitano em comunicação com o

Parte exterior da porta de um sacrário representando a cruz de Cristo.

Extérieur de la porte d'un tabernacle qui représente la croix du Christ.

Parte interior do mesmo sacrário representando o Arcanjo S. Miguel a combater as forças de Satanás.

L'intérieur du même tabernacle qui représente l'Archange Saint Michel à combattre les forces de Satan.

O arcanjo S. Miguel ao desembainhar a sua espada significa que vai restabelecer a justiça e o Bem vencerá.

L'Archange Saint Michel quand dégaîne son épée cela signifie qu'il va rétablir la justice et que le bien vaincra.

Arcanjo S. Miguel manuelino do Mosteiro dos Jeronimos.

Archange Saint Michel manuelin du monastère des Jeronimos à Lisbonne.

Na pagina anterior:

O Arcanjo S. Miguel, guerreiro, justiceiro e peregrino, com a cruz de Aviz no seu escudo, representado numa escultura afonsina (meados do séc. XV).

Page antérieur:

L'Archange Saint Michel, guerrier, justicier et pélerin, avec la croix d'Avis dans son écu, représenté dans une sculpture du XVème siècle.

Pormenor de um dos rolos em pergaminho copta que representa o Arcanjo S. Miguel de espada desembainhada.

Détail d'un des rouleaux en parchemin copte qui représente l'Archange Saint Michel avec l'épée dégainée.

Pergaminho copta com a rosa-cruz, a árvore da vida e a cruz de Santo André.

Parchemin copte avec la rose-croix, l'arbre de vie et la croix de Saint André.

Ex-voto celtiberique de Lusitanie qui montre um homme en position de Tau priant à la divinité.

Divin, daté de mille ans environ avant le Christ.

Dans l'Egypte ancienne, on connaissait deux formes de croix. L'une d'elles s'appelait le TAU. Elle affecte la forme de la dernière lettre de l'alphabet hébraïque et l'usage en est attesté dans la Lusitanie antique, sous la forme de la crosse ou bourdon qu'utilisaient les pèlerins. Sur le tombeau de la Reine Sainte Isabel, qui introduisit le CULTE DE L'ESPRIT SAINT, on voit un bourdon de ce type, qu'on conserve aujourd'hui encore avec un respect mérité. *Voir photo page 110.*

L'autre croix égyptienne était l'ANKH, en forme de croix ansée avec une espèce d'anneau en haut, pour rappeler le corps humain. Les égyptiens l'appelaient la CROIX DE VIE, car elle signifiait à la fois la mort et la naissance. Bien des fois, elle apparaît dans les représentations hiéroglyphiques, à côté des figures des pharaons et même dans leurs mains, symbolisant le pouvoir qui leur était conféré. [2]

Un des premiers crucifix qui montre le Christ sur la croix en prière.

Le monde chrétien s'est servi du symbole de la Croix à partir du IVème siècle. Avant cela, les chrétiens représentaient leur foi par le symbole des poissons (ce qui se comprend aisément, non seulement à cause du mot grec qui rappelle le nom du Christ, mais parce qu'on s'apprêtait à entrer dans l'ère de PIXIS — des Poissons — et qu'on en avait connaissance. On se servait aussi du symbole de la colombe, qui aujourd'hui encore se maintient comme représentation du Paraclet, surtout dans le culte du Saint Esprit aux Açores.

La plus ancienne représentation du nom du Christ fut

(2) Cette thématique a été développée dans l'ouvrage de l'auteur "Páginas Secretas da História de Portugal", p. 208. Publ. Quipu, 1998. N. E.

Ex-voto celtibérico da Lusitânia, mostrando um homem em posição de Tau, rezando à divindade.

Divino. Data de cerca de mil anos antes de Cristo.

No antigo Egipto conheciam-se duas formas de cruz. Uma, chamada o TAU. Este tinha o feitio da última letra do alfabeto hebraico e encontrou o seu uso na Lusitânia, em forma de báculo ou bordão, utilizado pelos peregrinos. No túmulo da Rainha Santa Isabel, introdutora do CULTO DO ESPÍRITO SANTO, encontrou-se um bordão desta forma, que ainda hoje se guarda com o merecido respeito *(Ver foto pág. seguinte)*.

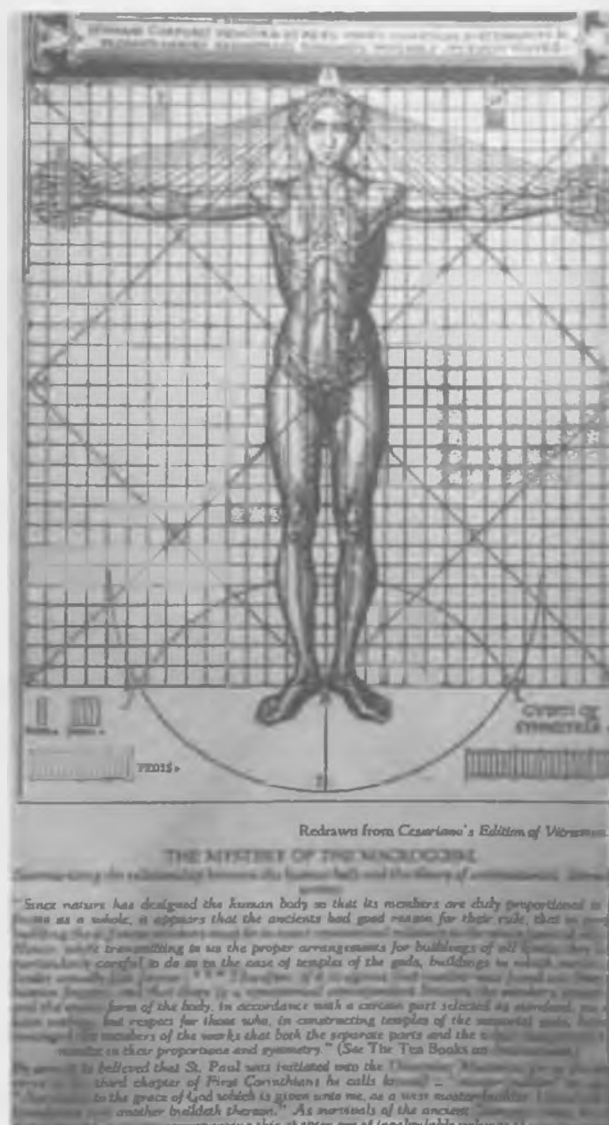
A outra cruz egípcia era o ANKH, uma forma de cruz ansada com uma espécie de argola em cima, fazendo lembrar o corpo humano. Os egípcios chamavam-lhe a CHAVE DA VIDA, significando morte e nascimento ao mesmo tempo. Muitas vezes surge nas representações dos hieróglifos, ao lado das figuras faraónicas ou até mesmo nas suas mãos, simbolizando o poder que lhes era dado. [(2)]

O mundo cristão só se serviu do símbolo da Cruz a partir do século IV. Antes disso, representavam a sua fé pelo símbolo dos peixes (o que era compreensível, não tanto pela palavra grega correspondente que fazia lembrar a palavra Cristo, mas porque estavam a entrar na era de PIXIS — dos Peixes — e tinham conhecimento disso). Também se serviam do símbolo da pomba, que ainda hoje se mantém como representação do Paracleto, sobretudo no Culto do Espírito Santo nos Açores.

A mais antiga representação do nome de Cristo foi o símbolo do "X" ou "P X", as primeiras letras do nome de Cristo em grego. Vemos este símbolo aplicado a um pequeno altar do deus Endovelicus. Também o encontramos nuns tijolos visigodos, junto com o símbolo da pomba, demonstrando

(2) Esta temática é desenvolvida na obra do mesmo autor "Páginas Secretas da História de Portugal", pág. 208. Publ. Quipu, 1998. N.E.

Rainha Santa Isabel com o seu bordão em forma de Tau, que depois veio a ser encontrado no seu túmulo.

La Reine Sainte Isabel avec son bourdon en forme de Tau, que plus tard a été trouvé dans son tombeau.

O Homem em posição de cruz Tau.

L'Homme en position de croix Tau.

O autor num templo do Alto Egipto, mostrando uma cruz copta sobreposta
a um anel de cruzes Ankh (chaves da vida).

L'auteur dans un temple de Haute Égypte. Il montre une croix copte superposée
a un anneau de croix Ankh (clefs de la Vie).

le symbole du "X" ou du "P X", les premières lettres du nom du Christ en grec. On voit ce symbole sur un petit autel du dieu Endovelicus. On le rencontre aussi sur des briques wisigothiques, uni au symbole de la colombe, pour symboliser la présence de l'Esprit Saint.

L'usage de la croix comme symbole chrétien apparut à l'époque où il fut rendu officiel par le pouvoir de Rome.

Jusqu'à la fin du premier millénaire, on l'utilisait pour rappeller aux croyants leur propre mort.

Même les représentations figuratives sur les croix du premier millénaire ne font que montrer les quatre Evangélistes, la Vierge ou Jésus-Christ prêchant.

Les premières croix du second millénaire montrent le Christ en position de crucifié, mais comme un homme encore vivant qui prêche pour nous du haut de la croix. C'est seulement alors qu'on employa le mot de crucifix. L'idée de le montrer en situation de souffrance, d'agonie ou de mort, apparut plus tard.

Dans les églises du début du second millénaire, on ne parle plus de l'existence tripartite. Le CORPS, l'ÂME et l'ESPRIT sont passés à deux. Le corps était contrôlé par l'autorité de l'état, et l'âme par l'autorité ecclésiastique, depuis la naissance jusqu'à la mort (comme cela se passe encore aujourd'hui, d'ailleurs).

L'existence de l'esprit ne fut plus divulguée par décision d'un Concile du Xème siècle, exactement comme la croyance en la réincarnation fut prohibée dans un Concile du VIIème siècle.

Au Moyen-Âge, on professait la PEUR DE LA MORT et du Purgatoire. On inculquait aux masses l'obligation de se comporter en parfaite conformité avec la volonté de l'Église et de l'Etat, qui étaient établis pour qu'on puisse vivre en paix dans son corps pour la vie terrestre et dans son âme pour la vie céleste.

Toute profession de foi en la réincarnation était interdite, dans la mesure où elle diminuait la peur de la mort.

La CROIX CELTE apparaît sur cette colonne égyptienne, en superposition, dans un cercle de croix "ankh", les célèbres clefs de vie dont les pharaons se considéraient comme les possesseurs. *Voir photo page 111.*

Ceux qui ont gravé cette croix sur cette colonne furent les Coptes, qui utilisaient cet antique lieu sacré pour le nouveau culte chrétien.

Dans ce culte chrétien copte, on servait aussi d'un étrange objet qui symbolisait

a presença do Espírito Santo.

A utilização da cruz como símbolo cristão surgiu já na época da sua oficialização pelo poder de Roma.

Até ao fim do 1º milénio foi usada para lembrar aos crentes a sua própria morte.

Mesmo as representações figurativas nas cruzes do 1º milénio só mostravam os quatro Evangelistas, a Virgem, ou Jesus como pregador.

As primeiras cruzes do 2º milénio já nos mostram Cristo na posição de crucificado, mas ainda como homem vivo que nos prega da cruz. Só então se usou o nome de crucifixo. A ideia de o mostrar em posição de sofrimento, agonia ou morte surgiu mais tarde.

Um dos primeiros crucifixos que mostra Cristo pregado na cruz, mas ainda a orar.

Nas igrejas do princípio do 2º milénio já se tinha extinto a divulgação da existência tripartida. O CORPO, a ALMA e o ESPÍRITO passaram a ser só dois. O corpo era controlado pela hierarquia estatal e a alma pela eclesiástica, desde o nascimento até à morte (como aliás, ainda hoje sucede).

A existência do espírito não teve mais divulgação, por decisão de um concílio do século X, tal como o reconhecimento da reencarnação já tinha sido proibido num concílio do século VII.

Na Idade Média pregava-se o MEDO DA MORTE e do purgatório. Consciencializaram--se as massas de que se tinham de portar conforme a conveniência das hierarquias estatais e eclesiásticas, estabelecidas para se poder viver em paz no corpo na vida terrestre e em paz na alma na vida celeste.

Qualquer divulgação da hipótese de reencarnação era interdita, porque esta diminuía o medo da morte.

A CRUZ CELTA aparece nesta coluna egípcia, sobreposta e ao lado de um anel de cruzes ankh, as célebres chaves da vida, de que os faraós se

le passage de la vie à la mort, et vice-versa.

C'est-à-dire qu'on utilisait un objet du culte égyptien d'ISIS, en l'appliquant simplement à la croix chrétienne. *Voir photo page 116.*

C'est la même croix celte-copte-chrétienne que nous trouvons aussi en Lusitanie durant le premier millénaire et qui se généralisa avec les Templiers au début du second.

Sur un autre rouleau copte des Açores apparaît une autre croix, de facture différente. Elle se compose de plusieurs cercles. *Voir photo page 117.*

Le CERCLE symbolise toujours l'éternité.

C'est pour cette raison qu'aujourd'hui encore on échange des alliances au moment du mariage. On trouve aussi sur d'autres croix byzantines ce type de motifs circulaires représentés de bien des manières différentes.

Le langage esotérique se transmet très souvent par des symboles dont la signification est identique, ou pour le moins comparable, dans des cultures qui peuvent être fort distantes les unes des autres dans l'espace et dans le temps.

Nous savons par exemple que les plus anciens cultes connus sur le territoire lusitanien utilisaient des coquillages dans les sanctuaires.

La coquille se maintint durant des milliers d'années comme symbole de pèlerinage ou de quête d'une vie nouvelle.

L'Ordre de Santiago (Saint Jacques) utilisait aussi bien la FLEUR DE LYS terminée en épée que la COQUILLE SAINT-JACQUES, un coquillage qui se déplace en un éternel pèlerinage.

Parfois aussi, on faisait les niches destinées aux images religieuses en forme de conque.

Dans l'art copte, on rencontre certaines des plus anciennes représentations de coquillages comme symboles de vie. Dans une de ces représentations, on voit la vie surgissant de la conque avec, en parallèle, un autre symbole, celui de la ROSE.

La rose symbolise la NAISSANCE. De même que les pétales du bouton, au moment de l'éclosion, s'épanouissent en une belle fleur, de même la vie jaillit de l'eau, se découvrant dans toute sa splendeur.

En Asie, aujourd'hui encore, on récite: "O MANI PADME HUM" — "Ô TOI, Ô GRAND, SORTI D'UNE FLEUR DE LOTUS". De toute évidence, on fait référence à la naissance de Bouddha. Au Japon, de même, on imagine le Christ comme sorti d'une

consideravam possuidores *(Ver foto pág. 111)*.

Quem colocou esta cruz nesta coluna foram os coptas que utilizaram este antigo local sagrado para o seu novo culto cristão.

Neste culto copta, também se utilizou um estranho utensílio, simbolizando a passagem da vida para a morte e vice-versa.

Quer dizer, continuou-se a utilizar um objecto do culto egípcio de ISIS, aplicando-lhe simplesmente a cruz cristã *(Ver foto pág. seguinte)*.

Foi esta cruz celta-copta-cristã que também já tivemos na Lusitânia durante o primeiro milénio, e que se generalizou através dos Templários no início do segundo milénio.

Noutro dos rolos coptas dos Açores surge-nos outra cruz de feitio diferente. Esta é composta por diversos círculos *(Ver foto pág. 117)*

O CÍRCULO sempre teve o significado de eternidade. Por essa razão, ainda hoje se trocam alianças no momento do casamento. Também em outras cruzes bizantinas encontramos estes motivos circulares, representados das mais diversas maneiras.

A linguagem esotérica é muitas vezes transmitida pelos símbolos, cujo significado é idêntico, ou pelo menos parecido, em culturas que estão geográfica e temporalmente bem distantes umas das outras.

Sabemos, por exemplo, que os mais antigos cultos conhecidos em terras da Lusitânia utilizavam conchas nos locais da sua divindade.

A concha manteve-se, durante milénios, como símbolo de peregrinação, ou da busca para uma vida nova.

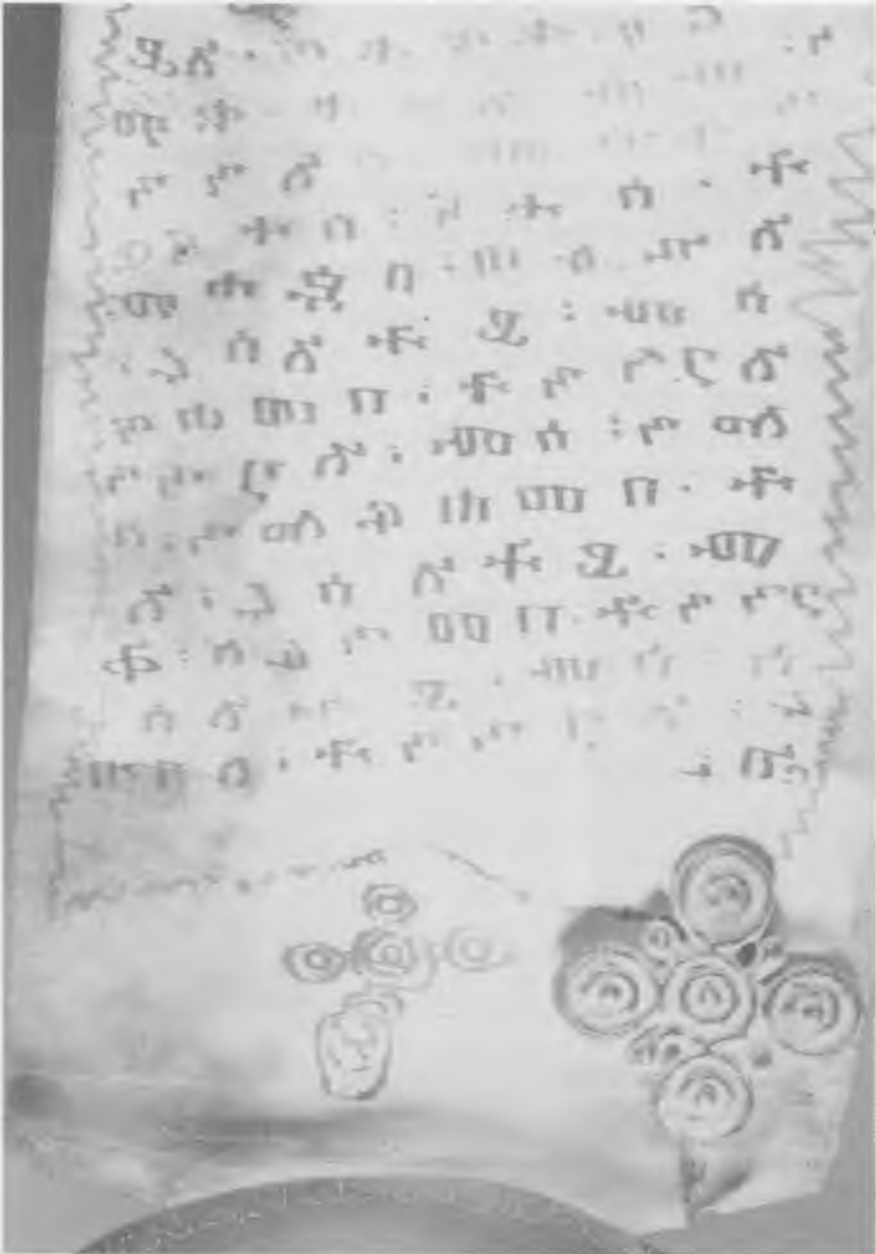
A Ordem de Santiago tanto utilizou os símbolos da Cruz da FLOR-DE--LIS acabando em espada, como o da VIEIRA, uma concha que se desloca em eterna peregrinação.

Por vezes também se construíam os nichos das imagens religiosas em forma de concha.

Na arte copta encontramos das mais antigas representações da concha como portadora da vida. Numa dessas representações vemos a vida surgindo da concha, usando como pendente outro símbolo, o da ROSA.

A rosa significa o NASCIMENTO. Tal como as pétalas de um botão ao desabrochar soltam uma bela flor, assim também a vida saiu da água, assumindo-se com todo o seu esplendor.

Isis mostrando um sistro, instrumento de culto mais tarde ainda utilizado no cristianismo copta.

La déesse Isis montre un sistre, instrument de culte plus tard utilisé dans le christianisme copte.

Pormenor de um dos rolos coptas acabando em forma de cruz composta por círculos.
Ao lado, uma cruz em bronze do mesmo feitio.

Détail d'un des rouleaux coptes qui termine en forme de croix composée par des cercles.
A côté une croix en bronze du même style.

fleur. Les croix rosicruciennes, introduites par les Portugais à Nagasaki, étaient vénérées par les convertis et détruites par leurs persécuteurs. Apparurent aussi des croix avec le visage de Bouddha en leur centre en lieu de fleur, comme une espèce de solution de compromis pour une époque d'affliction.

Le symbole de la rose était apparu en Lusitanie, sur diverses stèles romaines, pour attirer l'attention sur une vie nouvelle dans un Ailleurs.

Par prudence, les Chrétiens ariens se servirent du symbole de la ROSE-CROIX sous forme déguisée. La rose, comme la croix, étaient présentes, mais leur présence se révélait seulement à l'observateur averti.

Il existait des croix en or, en argent, en ivoire, en plomb, en bronze et en bois.

On servait de tout pour représenter le mariage de la rose et de la croix, de la naissance et de la mort. Il s'agissait de montrer clairement qu'on croyait profondément en une renaissance.

Croix rosicrucienne du premier millénaire.

La croix représentée sur le rouleau copte est une de ces rose-croix, tout à fait comparable à celles qu'utilisaient les ariens et les Templiers.

Quand on voit la "SIGNATURE EN CROIX" — terme qu'on utilise encore aujourd'hui — ou, plus particulièrement, le grand sceau de la Reine Thérèse, mère de notre premier Roi (qui octroya de si grands privilèges aux Templiers), on peut reconnaître la croix sur laquelle se superpose une rose. [3]

La signature de Dom Afonso Henriques lui-même, sur le plus ancien document connu où le monarque se donne le titre de ROI DE PORTUGAL, avant même la prise de Lisbonne, ne consiste en rien de plus que cette superposition, un peu plus déguisée, mais bien présente.

Les stèles portugaises du Moyen-Âge, qui existent encore par centaines disséminées dans tout le pays, se servent de la même représentation (croix + rose).

Il est nécessaire que nous éduquions nos yeux de façon à devenir capables de voir ce qui, autrement, passerait inaperçu.

(3) Sur ce thème consulter le chapitre "A origem borgonhesa da 1ª dinastia portuguesa", PÁGINAS SECRETAS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL, p. 47-56. Publ. Quipu, 1998. N.E.

Na Ásia, ainda hoje se reza: "O MANI PADME HUM" — "Ó TU, Ó GRANDE, SAÍDO DUMA FLOR-DE-LÓTUS". Obviamente, refere-se ao nascimento de Buda. Também no Japão se interpretou Cristo como tendo saído de uma flor. As cruzes rosacrucianas, introduzidas pelos portugueses em Nagasaqui, foram veneradas pelos convertidos e destruídas pelos seus perseguidores. Surgiram assim cruzes com a figura de Buda ao centro, em vez da flor, como espécie de solução de compromisso inventada em época de aflição.

O símbolo da rosa também surge na Lusitânia, em diversas estelas romanas, chamando a atenção para a nova vida no Além.

Por cautela, os cristãos arianos utilizaram o símbolo da ROSA-CRUZ de forma disfarçada. Tanto a rosa como a cruz estavam presentes, mas a sua presença somente se revelava ao bom observador.

Existiam cruzes em ouro, em prata, em marfim, chumbo, bronze ou madeira.

Tudo servia para representar o casamento da rosa e da cruz, do nascimento e da morte. Tratava-se de uma ostensiva demonstração da profunda convicção no renascimento.

Cruz rosacruciana do primeiro milénio.

A cruz representada no rolo copta é uma destas rosa-cruzes, bem parecida com aquelas utilizadas pelos cristãos arianos e os Templários.

Se formos ver a "ASSINATURA EM CRUZ" — termo que ainda hoje se usa — ou mais especificamente, o selo rodado da Rainha D. Teresa, mãe do nosso primeiro Rei (que tantos privilégios deu aos Templários), podemos reconhecer a cruz sobreposta a uma rosa. [3]

A própria assinatura de D. Afonso Henriques, no mais antigo documento conhecido, onde o monarca se intitula REI DE PORTUGAL, ainda antes da tomada de Lisboa, mais não é do que essa mesma sobreposição, um pouco mais disfarçada, mas bem presente.

(3) Sobre este tema remetemos para a leitura do cap. "A origem borgonhesa da 1ª dinastia portuguesa", PÁGINAS SECRETAS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL, pág. 47 a 56. Publ. Quipu, 1998. N.E.

Les représentations de la CROIX DU CHRIST, elle aussi, apparaissent également avec des pétales de rose, ce qui témoigne du fait que cet Ordre a maintenu les points de vue défendus par les Templiers.

Nombre de sceaux portugais du Moyen-Âge nous parlent dans le langage des symboles et, grâce à eux, nous pouvons voir la CROIX TEMPLIÈRE, celle du CHRIST, celle de SANTIAGO, celle d'AVIS, et constater que beaucoup portent la rose de la renaissance.

Beaucoup de chevaliers portugais du Moyen-Âge, ainsi que leurs descendants de l'ère des Découvertes, étaient initiés et porteurs d'une Foi profonde, enracinée dans le christianisme des origines.

C'est peut-être pour cette raison que tous les fils de Dom Jean III moururent si jeunes. On vit le père de Dom Sébastien mourir 18 jours avant la naissance de son fils. La mère de Dom Sébastien, la princesse Jeanne, abandonna la cour de Lisbonne quelques mois après lui avoir donné le jour. Elle trouva refuge au Couvent des Déchaussées à Madrid, laissant la fragile créature aux soins de deux prêtres. Le résultat pour le Portugal, ce fut le désastre d'Alcacer-Quibir, l'anéantissement de la noblesse portugaise et de sa force militaire, dont le pays ne se remit jamais véritablement.

Le christianisme, tel qu'il était pratiqué au Portugal, différait de ce qu'il pouvait être dans d'autres pays.

Les Rois d'Espagne avaient reçu du Pape le titre de DÉFENSEURS DE LA FOI.

Le Portugal utilisait ses propres titres, liés à la conquête et au commerce avec l'Afrique et l'Asie. On faisait mention de l'Éthiopie, mais pas de sa Foi. Celle-ci se perpétuait dans le secret.

Dès 1318, qui fut peut-être l'année la plus difficile de l'histoire du Portugal, où non seulement la Foi, mais aussi la RAISON D'ÊTRE et la capacité POUR LE PORTUGAL D'ACCOMPLIR SA MISSION, étaient mises en cause, on vit apparaître quelqu'un qui possédait plus que tout autre la connaissance et l'amour du christianisme.

C'était la REINE SAINTE, à qui fut attribué le MIRACLE DES ROSES (qu'on avait attribué jadis à son aïeul). Elle se dressa au milieu du peuple, révélant le CULTE DU SAINT ESPRIT qui, aujourd'hui encore et avec toujours plus de force, se pratique aux Açores, dans les communautés açoriennes des Amériques, et dans quelques autres lieux liés à l'histoire des Templiers au Portugal même.

As estelas portuguesas da Idade Média, que ainda existem às centenas, espalhadas por todo o país, usam essa mesma representação (cruz + rosa).

É preciso que eduquemos os nossos olhos, para podermos ver algo que, de outra forma, passará sem ser notado.

Mesmo as representações da CRUZ DE CRISTO surgem igualmente sobrepostas às pétalas da rosa, o que nos mostra indícios de que esta Ordem manteve os pontos de vista defendidos pelos Templários.

Muitos dos sinetes medievais portugueses falam-nos nesta linguagem de símbolos e neles podemos ver a CRUZ TEMPLÁRIA, a de CRISTO, a de SANTIAGO, a de AVIZ e muitas delas sobrepostas à rosa do nascimento.

Muitos dos cavaleiros medievais portugueses e os seus descendentes da era dos Descobrimentos eram iniciados e portadores de uma Fé profunda, baseada no cristianismo inicial.

Talvez fosse por essa razão que todos os filhos de D. João III morreram tão cedo. Veja-se o pai de D. Sebastião, que faleceu 18 dias antes do nascimento do filho. A mãe de D. Sebastião, a Princesa Joana, abandonou a corte de Lisboa meses depois de o ter dado à luz, refugiando-se no Convento das Descalças em Madrid e deixando esta frágil criança entregue ao cuidado de dois padres. O resultado foi o desastre de Portugal em Alcácer-Quibir, a aniquilação da fidalguia portuguesa e da sua força militar, do qual este país nunca se recuperou verdadeiramente.

O cristianismo, na prática portuguesa, era diferente do que se ensinava então noutros países.

Os Reis de Espanha receberam o título papal de DEFENSORES DA FÉ.

Portugal utilizava os seus próprios títulos, ligados à conquista e ao comércio das costas de África e da Ásia, mencionando a Etiópia, mas não a Fé. Esta mantinha-se em segredo.

Já no ano de 1318, possivelmente o mais difícil ano da História de Portugal, onde tanto a Fé, como a RAZÃO DA EXISTÊNCIA e a capacidade de CUMPRIMENTO DA MISSÃO DE PORTUGAL estavam postas em causa, viu-se quem sabia e sentia mais sobre o cristianismo.

Foi a RAINHA SANTA, a quem foi atribuído o MILAGRE DAS ROSAS (tal como anteriormente havia sido atribuído à sua avó), que surgiu entre o povo, divulgando o CULTO DO ESPÍRITO SANTO, que ainda hoje, com

On trouve le symbole de la COLOMBE SUR LE TEMPLE, uni à la Rose et à la Croix, sur un bâton de justice du XVIème siècle des JUGES DU SAINT ESPRIT, que les navigateurs apportèrent dans les îles de l'Atlantique.

Dans son HISTOIRE SECRÈTE DU PORTUGAL, Antonio Telmo nous montre un des édifices les plus sacrés du temps des Découvertes: la CHAPELLE D'INITIATION DES NAVIGATEURS. Aujourd'hui, tout ce qui reste de ce monument est disséminé dans les broussailles.

Ignorance?... Incurie?... Haute trahison, ou manque de patriotisme?...

Nous ne connaissons pas les raisons qui ont conduit à la destruction de ce lieu sacré de notre passé. Nous ne pouvons que, tristement, enregistrer le fait.

Qui fut l'architecte de cette chapelle? Nous l'ignorons, mais un nom vient aussitôt à l'esprit: celui de BOYTACA, le grand architecte, dont nous ne connaissons pas l'origine. On sait qu'il fut un des architectes qui travaillèrent au MONASTÈRE DES JERONIMOS, ainsi qu'au MONASTÈRE DE BATALHA; que le CHAPITRE ET LE CLOÎTRE DU COUVENT DU CHRIST furent son oeuvre et qu'il travailla aussi au PALAIS DE SINTRA, au COUVENT DU CHRIST DE SETÚBAL et à différentes forteresses des PLACES PORTUGAISES D'AFRIQUE.

Les uns disent qu'il était français, d'autres qu'il était italien, mais on ignore en réalité d'où il venait. Sachant que la coutume à cette époque était d'écrire son nom sous forme d'anagramme, essayons de déplacer les lettres de son nom (telles qu elles se présentaient selon la graphie de l'époque).

Pour ce faire, il faut savoir que le "Y" équivalait à deux "I", ou un "I" et un "J", étant donné qu'à cette époque on ne faisait guère de différence entre les deux.

Nous vérifions ainsi que l'anagramme parfait de BOYTACA est "JACOBITA".

Ce grand architecte sorti de nulle part, va-t-il nous donner une indication sur ce qu'il faisait, ou sur l'ordre de qui il travaillait? Il semble bien que oui. Les JACOBITES étaient des chrétiens-nestoriens réfugiés dans le Royaume Copte. Ils obéissaient à des règles spéciales d'initiation et avaient créé une élite hautement spécialisée: mathématiciens, médecins, astronomes, savants experts en de nombreuses langues (y compris celles que certains, déjà à l'époque, considéraient comme mortes) et architectes. Leurs vastes connaissances leur faisaient obtenir, bien évidemment, des fonctions dans le gouvernement de nombreux états où, indirectement, ils diffusaient le christianisme par le bon exemple qu'ils donnaient dans les cours où ils séjournaient. Leur

crescente força, se venera nos Açores, nas comunidades açorianas nas Américas, e num ou noutro local ligado à história dos Templários, em Portugal Continental.

O símbolo da POMBA SOBRE O TEMPLO, junto à Rosa e à Cruz, encontra-se numa vara quinhentista de JUIZ DO ESPÍRITO SANTO, levada pelos navegadores às ilhas do meio do Atlântico.

Na sua obra "HISTÓRIA SECRETA DE PORTUGAL", António Telmo mostra-nos um dos edifícios mais sagrados do tempo dos Descobrimentos: a CAPELA DA INICIAÇÃO DOS NAVEGADORES. Hoje, tudo o que resta deste monumento encontra-se espalhado no meio do mato.

Ignorância?... Incúria?... Alta traição, ou falta de patriotismo?...

Não sabemos as razões desta destruição dum local sagrado das nossas raízes, mas tristemente temos de registar o facto.

Quem terá sido o arquitecto desta capela? Não o sabemos, mas logo um nome nos surge: o de BOYTACA, o grande arquitecto, cuja origem se desconhece. Sabe-se que foi um dos arquitectos que trabalharam no MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS e também no MOSTEIRO DA BATALHA; que a CASA DO CAPÍTULO e o CLAUSTRO DO CONVENTO DE CRISTO DE TOMAR foram da sua autoria e que também trabalhou no PAÇO DE SINTRA e no CONVENTO DE CRISTO EM SETÚBAL, bem como em diversas fortalezas das PRAÇAS PORTUGUESAS EM ÁFRICA.

Uns diziam que talvez fosse francês, outros talvez italiano, mas não se sabe ao certo de onde vinha. Conhecendo o costume desta época de se escrever nomes em anagramas, demo-nos ao trabalho de recolocar as mesmas letras do seu nome (na forma em que ele assinava), noutras posições.

Para isso, temos de saber que o "Y" equivalia a dois "i", ou a um "i" e um "j", visto nessa época se fazer pouca distinção entre as duas.

Verificamos assim que o anagrama perfeito de BOYTACA é "JACOBITA".

Será que este grande arquitecto que saiu do nada, nos quis deixar uma indicação de quem se tratava, ou por ordem de quem trabalhava? Parece-nos que sim. Os JACOBITAS eram cristãos nestorianos que se tinham refugiado no Reino Copta. Obedeciam a regras especiais de iniciação e criaram uma elite altamente especializada de matemáticos, médicos, astrónomos, conhecedores de muitas línguas (inclusivamente de algumas já então con-

influence se fit sentir depuis les côtes atlantiques de l'Afrique jusqu'aux lointains déserts de Mongolie, dans tous les endroits où, agissant en véritables missionnaires, ils venaient en aide à ceux qui étaient capables de faire usage de leurs connaissances.

Tous ces détails confirment l'idée d'une relation fondamentale entre les Templiers et l'esprit des Découvertes Portugaises. Nous vérifions aussi que l'ordre de l'Infant Dom Henrique concernant la recherche du Royaume du Prêtre Jean a ouvert la porte à des connaissances qui nous permettent de mieux comprendre maintes pages de l'Histoire du Portugal.

sideradas mortas) e arquitectos. Com o seu amplo saber, conseguiam obter lugares de destaque nos governos de muitos países, onde indirectamente espalhavam o cristianismo, pelo bom exemplo que demonstravam aos membros das respectivas cortes. Espalharam-se desde a costa atlântica africana até aos distantes desertos da Mongólia, ajudando os que pudessem fazer uso dos seus conhecimentos e fazendo a sua acção missionária.

Todos estes pormenores nos mostram uma forte ligação templária nas directrizes dos Descobrimentos Portugueses. Também verificamos que a ordem do Infante D. Henrique na demanda do Reino do Preste João nos oferece uma porta de acesso a conhecimentos que nos permitem maior compreensão para muitas páginas da História de Portugal.

Monge jacobita da Síria (cristão nestoriano).

Moine jacobite de Syrie (chrétien nestorien).

Monge etíope, também chamado abexim (copta da Abissínia).

Moine Éthiopien, aussi appelé abyssin (copte Abyssinien).

Monge arménio da Ordem de Sto. Antonio que teve muito peso quer para os coptas quer para os nestorianos e cristãos de S. Tomé.

Moine Arménien de l'Ordre de Saint Antoine qui fut très important pour les coptes et pour les nestoriens et chrétiens de Saint Thomas.

Mulher arménia.

Femme Arménienne.

CONCLUSION

L'enracinement commun dans le christianisme primitif, autant en ce qui concerne les connaissances templières que celles de l'Ordre du Christ et les relations avec Alexandrie et le Royaume Copte, nous ouvre des pistes qui méritent d'être suivies, à la recherche de davantage d'éléments.

Le langage des symboles, présent dans toute l'architecture médiévale et renaissante au Portugal et transporté ensuite par nos navigateurs jusqu'aux confins du monde, nous accompagne dans cette oeuvre magnifique qu'est la prise de conscience de notre propre identité, de la raison de notre venue, du pourquoi de notre existence et du chemin que nous avons à parcourir.

Quand les savants du XVIème siècle, défenseurs de la Rose et de la Croix, décidèrent de représenter la carte de l'Europe sous la forme d'une VIERGE, avec la Lusitanie pour couronne et la croix pointée dans la direction des Açores, ils nous léguèrent une piste précieuse, celle que suivit naguère Fernando Pessoa en proclamant qu'il fallait ACCOMPLIR LE PORTUGAL.

La flamme lusitanienne a survécu, en dépit des époques obscures, en dépit de l'annexion de l'antique Lusitanie par l'Empire Romain. Elle est revenue en force au XIIème siècle avec l'Ordre du Temple, et c'est alors que s'est crée le Portugal. Elle s'est répandue dans le monde avec l'Ordre du Christ et ses chevaliers initiés. Elle a résisté durant les décennies de domination castillane et les siècles pendant lesquels elle fut gouvernée par des Rois et des hommes d'état bien intentionnés, certes, mais ignorants de la tâche qui nous est impartie.

Il est permis de penser que la flamme lusitanienne survivra à l'intégration du pays dans la communauté qui est en train de se former, et que tous les foyers lusi-

CONCLUSÃO

A raiz comum no cristianismo inicial, tanto dos conhecimentos templários, como dos da Ordem de Cristo e suas ligações a Alexandria e ao Reino Copta, oferecem-nos pistas que merecem ser seguidas em busca de mais elementos.

A linguagem dos símbolos, presente em toda a arquitectura medieval e renascentista portuguesa, e depois transportada pelos nossos navegadores até aos mais longínquos confins do mundo, vai-nos acompanhar na bela tarefa de consciencialização da nossa própria identidade, do motivo da nossa vinda, da razão da nossa existência e do caminho que havemos de cumprir.

Quando cientistas quinhentistas, defensores da Rosa e da Cruz, resolveram representar cartograficamente a Europa em forma de VIRGEM, sendo a Lusitânia a sua coroa e apontando a sua cruz em direcção aos Açores, deixaram-nos uma pista preciosa, já seguida por Fernando Pessoa, quando reclamava que FALTA CUMPRIR PORTUGAL.

A chama lusa sobreviveu, ainda que às escondidas, à anexação da antiga Lusitânia pelo Império Romano. Renasceu com força no séc. XII através da Ordem do Templo, criando-se então Portugal. Expandiu-se no mundo pela mão da Ordem de Cristo e dos seus cavaleiros iniciados. Aguentou as décadas do domínio castelhano e os séculos de governação por Reis e Estadistas bem intencionados, mas não conhecedores das tarefas que ainda se encontravam à nossa frente.

Existem razões para acreditar que a chama lusa sobreviverá à integração deste país na comunidade que agora se forma, e que todas as parcelas do

NON EST QUI CONSOLETUR EAM
NOSSA SENHORA DAS ANGUSTIAS
que se venera na Ilha do Fayal

taniens répandus par le monde continueront à faire la preuve de leur amour pour la Patrie-Mère.

Il y a quelque chose de beau, de difficilement explicable, qui, aujourd'hui encore, unit des hommes de l'intérieur de la forêt amazonienne du Brésil, des plages noires des Açores, de la brousse africaine et des eaux chaudes du Mandovi à Goa.

On peut changer la monnaie et le drapeau, on peut émettre de nouveaux passeports, mais on ne peut éteindre cette flamme intérieure que les Templiers eurent mission d'attiser et qui fut répandue par les Découvreurs.

Fernando Pessoa, le dernier chevalier lusitanien de la Rose et de la Croix, nous donne des indications sur la tâche qu'il revient au Portugal d'accomplir lorsqu'il nous dit: *"La future civilisation européenne sera une civilisation lusitanienne"*, et, ***"Il n'y a que deux nations, la Grèce pour le passé, et le Portugal pour l'avenir, qui aient reçu des Dieux le don d'être non seulement elles-mêmes mais aussi*** *toutes les autres"*.

C'est ainsi sans doute que se sont créées deux identités, toutes deux considérées comme portugaises. La première, c'est le PORTUGAIS IBÉRIQUE, qui sent des affinités et une parenté avec le continent européen. La seconde, c'est le PORTUGAIS GLOBAL, plein d'amour pour la Patrie-Mère, mais qui s'affirme partout dans le monde, emportant avec lui une INEBRANLABLE Foi et la certitude d'une MISSION À ACCOMPLIR..

En reconnaissance pour les difficultés supportées par ces générations d'hommes qui nous ont précédés et en guise d'hommage, qu'il me soit permis de terminer cet exposé par une invitation à méditer sur ces vers de Pessoa:

> Ô MER SALÉE, TON SEL, CE SONT LES LARMES DU PORTUGAL!
> POUR TE SILLONNER, COMBIEN DE MÈRES ONT PLEURÉ,
> COMBIEN DE FILS ONT EN VAIN PRIÉ!
> COMBIEN DE FIANCÉES SONT RESTÉES POUR LES NOCES
> POUR QUE TU FUSSES NÔTRE, Ô MER!
>
> EN VALAIT-IL LA PEINE? TOUT VAUT LA PEINE
> À L'ÂME QUI N'EST PAS PETITE.
> QUI VEUT ALLER AU-DELÀ DU BOJADOR
> DOIT ALLER AU-DELÀ DE LA DOULEUR.
> DIEU À LA MER A DONNÉ LE PÉRIL ET L'ABÎME,
> MAIS C'EST EN ELLE QUE SE MIRE LE CIEL.

mundo lusíada espalhadas pelo globo continuarão a mostrar o seu carinho pela Pátria-Mãe.

Há algo de belo, dificilmente explicável, que ainda hoje une homens do interior da floresta amazónica do Brasil, das praias negras dos Açores, do mato africano e das águas quentes do Mandovi em Goa.

Pode-se mudar a moeda e a bandeira e emitir novos passaportes, mas não se há-de apagar a chama interior, ateada pela missão dos Templários e semeada pelos descobridores.

Fernando Pessoa, o último cavaleiro luso da Rosa e da Cruz, deixou-nos indicações sobre a tarefa que Portugal ainda vai ter de cumprir quando nos diz: *"A futura civilização europeia será uma civilização lusitana"* e *"Só duas nações, a Grécia passada e Portugal futuro receberam dos deuses a concessão de serem não só elas mas também todas as outras"*.

Sem dúvida criaram-se aqui duas identidades, ambas consideradas portuguesas. A primeira é a do PORTUGUÊS IBÉRICO, que sente afinidade e parentesco com o continente europeu. A segunda é a do PORTUGUÊS GLOBAL, que sente carinho para com a Pátria-Mãe, mas que se afirma em qualquer parte do planeta, levando consigo uma INABALÁVEL Fé e o sentido de uma MISSÃO POR CUMPRIR.

Em reconhecimento das dificuldades sofridas por estas gerações de homens que nos antecederam e em sua homenagem, desejo terminar esta exposição com um convite à meditação sobre as seguintes palavras de Fernando Pessoa:

Ó MAR SALGADO, QUANTO DO TEU SAL
SÃO LÁGRIMAS DE PORTUGAL!
POR TE CRUZARMOS, QUANTAS MÃES CHORARAM
QUANTOS FILHOS EM VÃO REZARAM!
QUANTAS NOIVAS FICARAM POR CASAR
PRA QUE FOSSES NOSSO, Ó MAR!

VALEU A PENA? TUDO VALE A PENA
SE A ALMA NÃO É PEQUENA.
QUEM QUER PASSAR ALÉM DO BOJADOR
TEM QUE PASSAR ALÉM DA DOR.
DEUS AO MAR O PERIGO E O ABISMO DEU,
MAS NELE É QUE ESPELHOU O CÉU.

Outras obras de

Rainer Daehnhardt

editadas pelas Publicações Quipu

Título: HOMENS, ESPADAS E TOMATES

Formato: 17,5 x 24,5 cm

Características: Capa dura com sobrecapa
146 ilustrações a preto e branco
e 5 a cores.

nº páginas: 256

PVP: 4.500$00

Título: PÁGINAS SECRETAS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Formato: 17,5 x 24,5 cm

Características: Capa dura.
181 ilustrações a preto e branco.

nº páginas: 352

PVP: 5.800$00

Título: ACERCA DAS ARMADURAS DE D.SEBASTIÃO

Formato: 21,5 x 30,5 cm

Características: Capa dura.
32 ilustrações a preto e branco e 18 a cores.

nº páginas: 80

PVP: 4.200$00

Título: ACERCA DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA

Formato: 21,5 x 30,5 cm

Características: Capa dura.
86 ilustrações a preto e branco.
Inclui Mapa e Cronologia dos Descobrimentos Portugueses

nº páginas: 112

PVP: 4.500$00

Edição bilingue
(Português-Alemão)

Título: SEGREDOS DA HISTÓRIA LUSO-ALEMÃ
GEHEIMNISSE DER DEUTSCH-PORTUGIESISCHEN GESCHICHTE

Formato: 17,5 x 24,5 cm

Características: Capa dura. Obra a cores.
85 ilustrações a preto e branco (74 em fac-simile) e 48 a cores.

nº páginas: 272

PVP: 7.000$00

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

RAINER DAEHNHARDT

DOS AÇORES
à ANTÁRCTIDA

Geheime Kommandosache

"THIS DOCUMENT CONTAINS INFORMATION AFFECTING THE NATIONAL DEFENSE. THE TRANSMISSION OF THE REVELATION OF ITS CONTENTS IN ANY MANNER TO AN UNAUTHORIZED PERSON IS PROHIBITED"

COSMIC TOP SECRET ATOMAL

QUEM TE AVISA, TEU AMIGO É !

Publicações Quipu

Título: DOS AÇORES À ANTÁRCTIDA

Formato: 17,5 x 24,5 cm

Características: Capa dura.
48 ilustrações a preto e branco e
3 mapas exemplificativos em B_4

nº páginas: 128

PVP: 3.500$00

OBRAS DO AUTOR EM PREPARAÇÃO

- D. Manuel I e os Segredos dos Reis Iniciados de Portugal
- Do Céu ao Inferno — do Funchal ao Báltico: o maior desastre naval da História (ed. bilingue: Português/Inglês)
- O Mundo Português visto pelos Alemães (ed. bilingue: Português/Alemão)

OUTRAS OBRAS DAS PUBLICAÇÕES QUIPU

- Uma Aventura em África, Fernando Laidley
- Guerra e Paz no norte de Angola, Fernando Laidley
- Uma Sombra no Cristal, Carlos M. Araújo

OUTRAS OBRAS EM PREPARAÇÃO

- O Escolhido, Carlos M. Araújo
- Portugal Simbólico, Eduardo Amarante

Se desejar o nosso catálogo ou adquirir
alguma obra poderá fazê-lo directamente para:

Publicações Quipu
Rua Maria, 48 - 3º • 1170-212 Lisboa
Tel. 812 70 97 / Fax: 815 04 01